

INSTITUTO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

PANORAMA
do PORTUGUÊS ORAL
de MAPUTO

VOLUME III

ESTRUTURAS GRAMATICAIIS DO
PORTUGUÊS
PROBLEMAS E APLICAÇÕES

Perpétua Gonçalves e Christopher Stroud

Cadernos de Pesquisa nº 27
MOÇAMBIQUE

Ficha Técnica

Título: Panorama do Português Oral de Maputo – Volume III
Estruturas Gramaticais do Português: Problemas e Exercícios

Organização: Perpétua Gonçalves e Christopher Stroud

Autores: Perpétua Gonçalves, Christopher Stroud, Albertina Moreno, António Tuzine, Maria João Diniz e Marisa Mendonça

Edição: INDE

Capa: Cristina Castro

Composição: Autores, Ângelo Jorge

Arranjo gráfico: Ângelo Jorge

Registo do INLD:

Copyright: INDE, autores

Impressão: Imprensa Universitária, 1998

Tiragem: 750 exemplares

Maputo, 1998 – Moçambique

O INDE procura através dos Cadernos de pesquisa disseminar os resultados de investigação em curso e encorajar a troca de ideias entre os seus investigadores e outros profissionais de educação interessados no desenvolvimento da educação em Moçambique.

As opiniões aqui expressas, os resultados, as interpretações bem como as conclusões são do próprio autor e não reflectem necessariamente a posição do INDE nem a do Conselho de Direcção.

Um dos objectivos da série Cadernos de Pesquisa é divulgar tanto quanto possível, e de uma forma rápida, os principais resultados da investigação educacional conduzida sobre Moçambique. A prossecução deste objectivo poderá ser feita em muitos casos sacrificando a qualidade de edição.

Dr. Simão Mucavele
INDE, Director

SUMÁRIO

Prefácio	6
<i>Perpétua Gonçalves e Christopher Stroud</i>	
 Fundamentos sociopolíticos e educacionais para o ensino da Gramática.....	 13
<i>Christopher Stroud</i>	
 Estruturas Gramaticais do Português: Problemas e Exercícios	 36
<i>Perpétua Gonçalves, Albertina Moreno, António Tuzine, Maria João Diniz e Marisa Mendonça</i>	
I – Artigos	39
II – Pronomes indefinidos	50
III – Pronomes pessoais	58
IV – Orações integrantes.....	86
V – Orações relativas	96
VI – Concordância nominal	106
VII – Concordância verbal	122
VIII – Concordância das formas de tratamento da 2.^a pessoa.....	136
 Guia de Correção dos Exercícios	 149
 Referências Bibliográficas	 159

PREFÁCIO

Perpétua Gonçalves e Christopher Stroud

1. AS POTENCIALIDADES GERAIS DE UM *CORPUS* DE LÍNGUA ORAL

Entre as questões cruciais que se colocam aos planificadores da educação encarregados da área de língua estão as decisões sobre o tipo de língua que deve ser ensinado e sobre a metodologia mais adequada ao seu ensino.

De uma maneira geral, as escolhas sobre as propriedades da língua às quais dar proeminência nos materiais pedagógicos têm tomado como referência fundamental a linguagem escrita produzida em sociedades monolíngues. Em vez de serem empiricamente documentados, os critérios subjacentes às decisões têm sido frequentemente baseados no hábito, na tradição, ou ainda nas intuições linguísticas daqueles que elaboram os livros de textos ou manuais escolares. Não é pois de admirar que muitos dos conteúdos gramaticais ou lexicais incluídos nestes materiais não ocorram com a mesma frequência e regularidade que caracterizam a língua falada, nem incluam as áreas mais relevantes para aprendentes de línguas segundas (L2) (cf. Kennedy, 1987; Holmes, 1988)¹.

Recentemente, a importância da autenticidade dos dados incluídos nos materiais de ensino de língua tem sido reconhecida pelos planificadores de educação, que consideram necessário assegurar que os aprendentes tenham oportunidades para aprender

¹ Kennedy, G. (1987). Quantification and the Use of English: a Case Study of One Aspect of the Learner's Task. *Applied Linguistics*, 8 (3): 264-286.

Holmes, J. (1988). Doubt and Certainty in ESL Textbooks. *Applied Linguistics*, 9 (1): 21-44.

as estruturas com mais probabilidade de ocorrer na linguagem corrente (cf. Kennedy, 1987)². Este objectivo só pode ser alcançado se for possível dispor de amostras representativas da língua da comunidade a que se destinam os materiais de ensino.

Uma das maiores aplicações de um *corpus* é exactamente disponibilizar exemplos da língua da vida real que os aprendentes têm à sua volta, fornecendo indicações sobre a distribuição e frequência dos itens lexicais, informação crucial para estabelecer prioridades relativamente às estruturas gramaticais ou significados lexicais a incluir nos materiais de ensino de língua.

Um *corpus* permite conhecer os contextos apropriados em que são usadas as palavras e as estruturas gramaticais, revelando não só o léxico e os significados dos itens linguísticos, mas também as relações sintagmáticas entre as palavras (“collocations”), os contextos em que estas ocorrem (“concordances”), e os aspectos pragmáticos do uso da língua. “Todas as palavras têm a sua própria gramática” (Sinclair, 1991)³, e este tipo de informação não está disponível através de introspecção ou teorizações de gabinete.

Em última instância, um *corpus* dá acesso a dados linguísticos que não podem ser manipulados através da introspecção, e isto é particularmente válido para casos de variação linguística, social ou regional, que só podem ser captados através de amostras de língua representativas dos grupos ou regiões em que são produzidos.

Na perspectiva da didáctica de línguas, o recurso a amostras da língua real permite que os materiais de ensino sejam de alguma forma familiares aos aprendentes, contribuindo desta forma para um uso idiomático e idêntico ao dos falantes nativos (“native-like”), no sentido de estarem de acordo com a língua de todos os dias, e não com uma norma ideal. Este aspecto é particularmente relevante no contexto da sociedade moçambicana, na qual a predominância

² Vide Nota 1, para a referência bibliográfica.

³ Sinclair, J. (1991). *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press.

de variedades não padronizadas torna mais premente a necessidade de dispor de informação sobre as suas propriedades, de forma a que a linguagem dos livros tenha um formato mais familiar aos aprendentes, do ponto de vista sociolinguístico e cultural. As diferenças entre a língua real e a língua usada nos materiais escolares, muitas vezes literária e descontextualizada, podem ser altamente problemáticas nas zonas rurais, onde as crianças só ouvem variedades informais do Português, podendo surgir dificuldades adicionais se os textos escolares apenas lhes oferecerem um registo de língua com o qual não estão familiarizadas. Como ressaltam Hyltenstam & Stroud (1993)⁴, os próprios professores primários experimentam uma grande ansiedade e insegurança linguística, uma vez que a sua variedade de Português é diferente daquela que aparece nos livros oficiais, e que é vista como a norma a ser ensinada: os professores são assim forçados a desempenhar o papel de modelos “letrados” de uma variedade de língua na qual não se sentem confortáveis.

Esta foi a perspectiva que conduziu a recolha do *corpus* do PPOM, concebido e estruturado tendo em mente as necessidades educativas de Moçambique, onde os aprendentes de Português são em geral falantes de línguas bantu que aprendem a língua ex-colonial, tornada a língua oficial depois da independência, numa comunidade multilingue. Assim, ao entrar para a escola, a maioria das crianças tem não só de aprender o Português/L2 como tem de “aprender a ler e escrever nesta língua, e, bastante cedo na sua escolarização, exige-se que usem esta língua como ferramenta de aprendizagem da matéria de ensino” (Hyltenstam & Stroud, 1993:75). No momento presente, enquanto não forem implementadas a nível nacional metodologias de ensino bilingue, os materiais de ensino do Português têm de cumprir o “importante e difícil papel de fornecer simultaneamente apoio adequado à

⁴ Hyltenstam, K., & Stroud, C. (1997) *Relatório Final e Recomendações da Avaliação de Materiais de Ensino para o 1º Grau do Ensino Primário em Moçambique. II - Questões Linguísticas*. Maputo: Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação, Cadernos de Pesquisa nº 12.

aquisição da língua e das habilidades literárias por parte das crianças aprendentes” (idem:76).

Entre as numerosas aplicações educacionais do PPOM, está a contribuição para a elaboração de programas de ensino de língua e de formação de professores que tenham em consideração dimensões como: se uma certa estrutura é rara ou comum, fácil ou problemática, resultado de estratégias de aprendizagem de uma L2, ou produto de influência do substrato linguístico bantu. De uma perspectiva mais ampla, considera-se que esta amostra do Português de Moçambique contribui para uma reflexão sobre ideologias alternativas de ensino de língua, e pode igualmente ajudar a definir uma política linguística, mais bem fundamentada.

2. AS PUBLICAÇÕES DO PROJECTO PPOM

Os dois primeiros volumes publicados no âmbito do projecto PPOM tiveram como objectivo principal fornecer uma visão geral da concepção e métodos que determinaram a recolha do *corpus* (volume I), e apresentar um estudo exploratório das suas potencialidades (volume II).

Assim, no volume I, *Objectivos e Métodos*, está reunida informação sobre as diferentes decisões envolvidas na construção do *corpus*, nomeadamente: os factores sociais e linguísticos que determinaram a sua concepção geral, a metodologia de recolha da língua oral adequada ao contexto moçambicano, o papel das “redes sociais” na compreensão da variação linguística numa comunidade plurilingue, as normas adoptadas na transcrição dos dados orais, e o programa seleccionado para o tratamento computarizado do *corpus*.

No volume II, *A Construção de um Banco de “Erros”*, apresenta-se um estudo-piloto das potencialidades do *corpus*, através do qual se pretende delinear perspectivas sobre como a diversidade da língua pode ser gerida no contexto moçambicano,

e sobre as possibilidades de as instituições educacionais beneficiarem do conhecimento do uso real da língua. Com os estudos contidos neste volume, procura-se que, para além de mostrarem a relevância de algumas variáveis sociais na variação linguística, permitam avaliar criticamente os programas de ensino, forneçam informação útil para a produção de discursos pedagógicos mais adequados às línguas em geral e ao Português em particular, e ajudem os profissionais da educação a avaliar criticamente hipóteses sobre metodologias de ensino.

Nos próximos volumes, mantendo como principal objectivo promover o desenvolvimento de metodologias de ensino do Português culturalmente integradas no contexto moçambicano, serão divulgadas bases parciais de dados do *corpus*, organizadas de acordo com diferentes perspectivas linguísticas: sintáctica e morfo-sintáctica, semântica e lexical. Através destas bases de dados, torna-se possível estabelecer uma “ecologia linguística” (Kennedy, 1991)⁵ dos diferentes itens lexicais do Português, permitindo implementar práticas pedagógicas em que fique reduzida a arbitrariedade das intuições dos planificadores da educação, aumentando assim a fiabilidade das decisões linguísticas e a capacidade de predizer qual a informação pedagogicamente significativa.

No primeiro volume desta nova série, o volume III, *Estruturas Gramaticais do Português: Problemas e Aplicações*, estão arquivados dados sobre os fenómenos sintácticos e morfo-sintácticos em que o Português de Moçambique apresenta desvios mais sistemáticos relativamente à norma europeia. Os dados incluídos neste volume são assim parte de uma gramática baseada na observação (cf. AARTS (1991)⁶, ‘observation-based grammar’) em oposição a uma gramática baseada na intuição, que não dá conta

⁵ Kennedy, G. (1991). *Between and through: the company they keep and the function they serve*. In Ajmer, K., & Altenberg, B. (Eds.) *English Corpus Linguistics*, pp. 95-110. Londres: Longman.

⁶ Aarts, J. (1991). Intuition-based and observation-based grammars. In Ajmer, K., & Altenberg, B. (Eds.) *English Corpus Linguistics*, pp.44-62. Londres: Longman.

do que acontece, a nível gramatical, no uso real da língua. Tendo em vista a utilização “didáctica” destes materiais, o volume contém igualmente sugestões de exercícios gramaticais sobre as áreas identificadas como problemáticas. A inclusão destes diferentes tipos de exercícios constitui um exemplo prático das aplicações possíveis dos dados contidos no volume.

O volume IV, *Vocabulário Básico do Português: Espaço, Tempo, Quantidade*, contém uma base de dados sobre categorias semânticas consideradas essenciais na comunicação. Estas categorias são realizadas linguisticamente através de um amplo e complexo leque de formas lexicais e gramaticais, representando por essa razão um desafio não só para a teoria semântica, mas também para as gramáticas descritivas e pedagógicas. Tendo em vista uma abordagem semântica do ensino de língua, neste volume, fornece-se uma amostragem significativa dos itens lexicais do Português que exprimem as diversas noções incluídas em cada categoria semântica, apresentando o contexto sintáctico que determina o seu significado específico. Através desta metodologia de apresentação dos dados, torna-se possível o acesso a informação sobre a expressão das diferentes categorias semânticas no contexto específico do discurso produzido por falantes moçambicanos de Português.

O volume V, *Vocabulário Básico do Português: Dicionário de Regências*, contém um vasto número de itens lexicais cujo comportamento sintáctico diverge da norma europeia. Assim, para cada entrada lexical são estabelecidos os padrões sintácticos que admitem, fornecendo-se os diversos contextos em que ocorrem. Com este tipo de dados, pretende-se dar acesso a especificidades do léxico do Português de Moçambique, não tanto a nível de neologismos lexicais – área em que as realizações dos informantes apresentam ainda carácter disperso – mas a nível de novas propriedades lexicais de itens já existentes na variedade europeia. Na maior parte dos casos, trata-se de vocabulário básico da comunicação corrente, donde a importância destes materiais para uso educacional. O volume contém igualmente sugestões de

exercícios práticos destinados a consolidar o estabelecimento dos padrões sintáticos definidos pelos itens incluídos no dicionário de regências.

FUNDAMENTOS SOCIOPOLÍTICOS E EDUCACIONAIS PARA O ENSINO DA GRAMÁTICA

Christopher Stroud

1. INTRODUÇÃO

Os professores em Moçambique confrontam-se com diversos desafios e defrontam-se com imensas necessidades. Contudo, devido à ecologia sociolinguística que determina grande variação e flutuação linguística, típica de contextos pós-coloniais, em que a maioria dos falantes encontram a língua da metrópole como uma língua não nativa, muitos professores sentem uma insegurança linguística no seu trato diário com o Português. Por isso, os professores precisam de aumentar a confiança e a sua compreensão em relação àquilo que estão a ensinar.

Considerando estes pontos, a que tipos de conhecimento sobre a língua deverão, de forma ideal, os professores ter acesso? Por um lado, eles precisam de melhorar a sua facilidade de trabalhar com a língua como um sistema formal, centrando-se nas estruturas linguísticas, sua distribuição e função. Um teste recente sobre aceitabilidade e correcção de frases entre falantes letrados de Português, conduzido por pessoal do INDE, revelou que partes de frases que de facto estavam correctas, eram consideradas inaceitáveis e corrigidas pelos sujeitos testados. Obviamente, é necessário um maior conhecimento da estrutura gramatical da língua-alvo para se planificar e responder às exigências do ensino/aprendizagem. Os professores precisam de ser capazes de falar sobre, e identificar correctamente fenómenos linguísticos para que possam compreender e remediar as dificuldades com que os estudantes se defrontam. Eles precisam de ser suficientemente competentes na sua compreensão e domínio do Português, para que sejam capazes de reflectir com exactidão e em detalhe, sobre os problemas linguísticos das crianças ou sobre os perfis de

desenvolvimento da língua, e nessa base sugerir estratégias específicas de aprendizagem para casos individuais de crianças com diferentes tipos de problemas. Existe também um corpo substancial de pesquisa nova que mostra, convincentemente, que centrar-se na forma também se revela pedagogicamente eficaz.

Uma posição complementar sobre a língua vê-a como um processo social, uma forma de acção social intimamente ligada às preocupações do quotidiano – uma semiótica, servidora importante de processos sociais, uma vez que a língua é ao mesmo tempo formada por, e formadora de acções e relações sociais, e instituições. Como uma instituição social, as formas da língua englobam uma vasta gama de variação cultural e social da comunidade do discurso. A partir desta perspectiva alternativa socialmente mais rica, a gramática é vista adequadamente como um recurso semiótico na articulação de "vozes" diferentes. Isto significa que devemos olhar seriamente para a diversidade gramatical e seus fundamentos sociais numa visão formal das necessidades da língua a serem contextualizadas na realidade social em que aparecem. Esta perspectiva é tratada no presente volume relativamente à forma como o Português é descrito.

A preocupação do presente volume é de fornecer aos professores os meios de que eles necessitam para desenvolver instrumentos para controlar e reflectir no seu próprio uso da língua, bem como no uso da língua pelos estudantes em contextos específicos. Apresentamos uma visão da língua num formato tradicional como uma estrutura formal. A importância e novidade do nosso trabalho não reside tanto na abordagem que fazemos da nossa gramática da frase, mas mais na forma como as descrições gramaticais e exercícios para uso pedagógico aí contidos tiram vantagem e utilizam comparações explícitas entre o Português de Moçambique e o Português europeu.

O trabalho por detrás deste terceiro volume de estudos do PPOM envolveu uma tomada de posição sobre uma série de assuntos bastante sensíveis e por vezes até muito discutidos, sobre o ensino da língua. Estes tocam em aspectos tais como: que variedade ensinar, se se deve ensinar a gramática formal, e que formato utilizar na apresentação de dados sobre a língua. Cada uma destas questões apareceu de forma proeminente nas decisões quotidianas que a equipa do PPOM tomou. A primeira parte deste

documento apresenta uma informação breve sobre as considerações que precisam de ser feitas na escolha da variedade da língua-alvo a ensinar. Na secção 2, discutem-se resumidamente diferentes formas de abordar o ensino da língua, e considera-se especificamente a questão relativa ao contributo que o enfoque sobre a forma pode dar ao processo de aprendizagem da língua. Na secção 3, trata-se da questão do formato a utilizar para ensinar a forma linguística. Aqui, apresentamos algumas razões para a escolha de uma gramática prescritiva baseada na frase, construída de acordo com "princípios bidialectais", que se centra em pontos de contraste e semelhança entre o Português de Moçambique e o Português europeu. A quarta e última parte apresenta um breve resumo geral.

2. ESCOLHA DA VARIEDADE DA LÍNGUA-ALVO

Nos materiais aqui apresentados, escolhemos explicitamente a variedade do Português europeu como a norma-alvo. A preocupação com o ensino de um padrão normativo encontra fundamento teórico na controvérsia secular sobre conceitos tais como padrão e norma, e as suas implicações para os falantes das diversas variedades. As versões mais recentes deste debate centram-se na noção de *repadronização*, ou na necessidade de dar nova forma à língua. Os que propõem a repadronização (tomada aqui num sentido bastante lato, como uma etiqueta para uma variedade de posições subtis e diferenciadas sobre a língua) reconhecem que as formas padrão metropolitanas de uma língua ex-colonial podem "discriminar" de formas diferentes, comunidades "subalternas" de discurso. Eles sugerem que o novo compromisso com, e a transformação do padrão que correspondia a formas ex-coloniais de utilização da língua são um pré-requisito e um *sine qua non* para encontrar uma "voz" no discurso global, bem como uma condição para as pessoas nos países em desenvolvimento começarem a orquestrar mudanças no seu bem-estar económico e social. O contexto moçambicano proporciona novas variedades do Português como base para contestar e desenvolver muitos aspectos da subjectividade (pós-

colonial). Falar Português liga os seus falantes a redes globais ou transnacionais com que a língua está associada, ao mesmo tempo que transforma a língua em várias formas de expressar os seus próprios significados. Muitos aspectos de como os moçambicanos modernos estão a gerir processos transnacionais de formação de identidade aparecem na actual nativização/indigenização do Português. Uma noção sociolinguística importante que capta este aspecto essencial do "sincretismo" de identidades encontrado na apropriação do Português é a noção de Bakhtin (1981) de *dialogismo*:

A palavra numa língua é a metade de outro alguém. Torna-se "propriedade nossa" apenas quando o falante a povoa com a sua própria intenção, o seu próprio sotaque, quando se apropria da palavra, adaptando-a à sua própria semântica e intenção expressiva. Antes deste momento de apropriação, a palavra não existe numa língua neutra e impessoal... mas apenas existe na boca das outras pessoas e nos contextos de outras pessoas, servindo as intenções de outras pessoas: é a partir daí que se deve tomar a palavra, e torná-la sua propriedade.

Mantendo esta mesma opinião, Parakrama (1996:24) apela para o "alargamento activo de padrões para incluir a maior variedade possível". Enquanto Parakrama fala de alargar o padrão como uma estratégia credível e deliberada de planificação da língua, Crick e Wade (1997) vêem a repadronização como resultado linguístico de uma dinâmica não falsificada do desenvolvimento de uma mudança social natural e de desenvolvimento. Num artigo sugestivo intitulado "Repadronização em direcção a um novo Inglês: Implicações para o acesso e equidade", estes autores empregam o termo no contexto do inglês sul-africano para se referirem a um processo "gradual, não planificado" (oposto à *padronização* da língua) que, segundo conjecturam, resultará na "elevação do *status* do Inglês sul-africano negro (ISAN), actualmente uma variedade marginalizada e sem prestígio, de tal modo que este seja visto como aceitável em contextos formais importantes". Os desenvolvimentos sociais ultrapassarão as normas linguísticas e tornar-se-ão "a realidade de prestígio que todos procuram igualar".

Apesar da nossa simpatia para com a posição expressa pelo ponto de vista da repadronização, gostaríamos de argumentar,

parcialmente em contraste com isto, que um alargamento apressado do padrão tal como propõe Parakrama, não é actualmente uma opção viável em Moçambique. A situação sociolinguística prevista por Crick e Wade em relação ao ISAN em que ocorre uma elevação das normas populares a variantes de prestígio não é ainda acessível. De facto, as formas nativizadas do Português de Moçambique, que se afastam do padrão normativo sancionado oficialmente, depois de terem gozado de um curto "renascimento" na retórica política imediatamente após a independência, nos anos 80 (ver Stroud, no prelo) não mais são consideradas legítimas em arenas oficiais ou locais de poder. Os desenvolvimentos actuais parecem mover-se na direcção oposta. A pesquisa em curso na Universidade Eduardo Mondlane no âmbito do projecto *Práticas Linguísticas e Mudança Social numa Comunidade em Desenvolvimento: o caso de Moçambique* (apoiado pelo SAREC) mostra que formas não padrão de Português são percebidas como altamente estigmatizadas. Depois de terem sido consideradas marcas gerais de um falante de L2, elas são agora tomadas como indicadores de facções socio-económicas emergentes na comunidade.

Por outras palavras, as implicações da visão normativa padrão da gramática reflectem-se muito para além das paredes das salas de aula de língua. *A priori*, uma razão importante para se ensinar a norma padrão é precisamente o facto de ser o padrão, e uma forma valorizada da língua; sem o conhecimento e domínio desta gramática nenhuma criança será capaz de se integrar na sociedade. Tal como Goke-Pariola faz menção para o Inglês na Nigéria,

Aqueles que têm o poder de nomear têm muitas vezes, através desse mesmo acto, o poder de estruturar a realidade, e este poder aumenta de forma significativa com a extensão do reconhecimento da autoridade. (1993:226)

Bourdieu fala disto em termos de "poder simbólico", e reclama que é

... um poder de constituir o que é dado através das expressões da língua, de fazer as pessoas ver e acreditar, de conformar e transformar a visão do mundo, e desse modo, a acção do mundo e por isso mesmo o próprio mundo, um poder quase mágico que

permite que se obtenha o equivalente ao que é obtido através da força (quer seja física ou económica). (1991:170)

O exercício do poder simbólico é extremamente eficaz, em parte por estar fora da consciência tanto dos que o exercem, como daqueles que estão sujeitos ao seu exercício (ver, por exemplo, Goke-Pariola, 1993). A língua é um veículo particularmente insidioso e silencioso para a transmissão de valores e funções sociais, e as consequências sociopolíticas de fazer cumprir uma simples norma são subtis mas poderosas. Em trabalhos anteriores (exemplo Stroud, 1997), notámos que o que se considera linguagem correcta e desejável, a "norma ideal", não é de facto nem dada por Deus, nem um facto fundamental ou necessário da existência humana. Normas padrão, como qualquer forma da língua, têm as suas raízes, e representam contextos sociais específicos e posições de interesse social. Contudo, apesar de as normas expressarem uma forma de falar que emana da prática de discurso de um pequeno segmento da sociedade – muitas vezes da elite dominante – a maioria da população entende-as como "factos da vida" naturais e óbvios. Uma implicação importante da promoção de uma forma padrão aceite de uma língua é que aqueles que não a dominam estão excluídos de uma participação comunitária total e séria. A abordagem normativa serve então, em última instância, para perpetuar uma ordem social específica baseada numa certa relação poder-conhecimento. Apenas aqueles que dominam a norma – que falam correctamente – contam como membros legítimos da comunidade e é-lhes dado "o direito de falar" (Bordieu, 1991). Esta é então uma razão muito forte para ensinar às crianças a norma padrão do Português.

A segunda razão, que evidentemente está relacionada com a anterior, para se ensinar a norma padrão do Português é que o tipo de língua e capacidades que uma abordagem normativa da língua inclui é também o tipo de linguagem que as instituições de educação promovem. Por exemplo, o pensamento pedagógico em geral considera uma conquista suprema da educação o desenvolvimento de uma língua padrão extremamente rigorosa, clara e explícita. Entende-se que esta está representada de uma forma mais consistente na linguagem escrita, e está o mais desligada possível das invenções linguísticas que caracterizam a língua falada. De facto, a linguagem escrita é mesmo tomada como

a norma para a língua falada – a ortografia padrão codifica a sua pronúncia correcta. O facto de não se ter ainda chegado a um acordo sobre este tipo de questão da língua na educação poderá ser uma razão pela qual apesar das mudanças nas abordagens e tecnologias relativas à aprendizagem e trabalho correctivo na sala de aula, continuamos a ver reproduzidos padrões familiares escolásticos de sucesso e de insucesso, juntamente com padrões de raça-etnicidade, classe social, género e antecedentes linguísticos" (Lankshear, 1996:1-2). De certeza que, havendo falhas no domínio da língua de ensino, há "quase seguramente convivência com as desigualdades do sistema social, precisamente à custa daqueles cujas vozes estão fora dos *curricula* educacionais". (idem: 404).

3. INCIDÊNCIA NA FORMA, CONTEÚDO OU COMUNICAÇÃO

Existem muitas abordagens e perspectivas diferentes que podem ser tomadas relativamente à língua e ao ensino da gramática. Entre as variedades mais básicas e bem conhecidas de abordagem pedagógica da língua estão os programas baseados em conceitos, programas orientados para a comunicação, programas baseados em tarefas e programas com base em estruturas linguísticas. Para este trabalho, escolhemos centrar os nossos materiais em volta da estrutura da língua. Nesta secção, vamos dar pormenores sobre algumas razões para este enfoque muito explícito na forma.

A evidência mostrou-nos que, no ensino de L2, uma abordagem meramente centrada no significado não é eficaz, especialmente para aprendentes mais velhos. Com efeito, não só há muitas estruturas que não são adquiridas a um nível idêntico ao da língua-alvo sem um enfoque explícito na forma e com base em evidências positivas, mas também há mais vantagens óbvias em ensinar ou dirigir a atenção dos alunos para a forma. Com base numa análise exhaustiva da questão de quanta gramática ensinar, Pica (1994) afirma que existe forte evidência de que a atenção à forma em situações de negociação de significado é uma forma de ensino eficaz. Hoje em dia, o debate está mais virado para a determinação de *como* e *até que ponto* um centrar na forma deverá

entrar num programa de língua. As posições em relação a esta questão vão desde o ponto de vista de que um centrar na forma implica um compromisso preliminar com a negociação do significado (por exemplo, Long & Robinson, 1998) até ao ponto de vista em que a reflexão metalinguística, ou a discussão explícita do conhecimento da gramática pelos alunos é defendida com um instrumento central no ensino (por exemplo, Harley, 1998). O ponto de situação é adequadamente resumido nas palavras seguintes:

Não existe, até agora, e talvez nunca venha a existir, uma *única* solução para o problema intrigante de como aumentar o enfoque na forma em aulas de comunicação... *o modo ideal* de estabelecer o enfoque na forma está ainda por determinar. (Doughty and Williams, 1998: 11)

Contudo, o que parece acontecer é que o enfoque na forma *não* deverá ser tomado como ponto de partida para se organizar o ensino da língua, mas como parte de um programa de ensino organizado à volta da negociação do significado no sentido de

uma mudança ocasional de atenção para as características do código linguístico – pelo professor e/ou por um ou mais alunos – despoletada por problemas detectados na compreensão ou produção (Long & Robinson, 1988:23)

4. COMO APRESENTAR INFORMAÇÃO GRAMATICAL

Uma variedade de tipos de gramática pode ser encontrada na literatura. Em relação ao nosso objectivo, pode dizer-se que a distinção principal reside na escolha de um formato prescritivo baseado na frase, por um lado, e de alguma forma de texto, discurso ou gramática funcional, por outro. Neste volume, decidimos apresentar os nossos dados no formato de uma gramática baseada na frase, adaptada aos objectivos estabelecidos. Contudo, existem alguns problemas específicos com gramáticas tradicionais baseadas na frase que, entre outras coisas, resultam da

exigência de acessibilidade, precisão e clareza. Isto é muitas vezes interpretado como sendo equivalente a retirar a língua do seu contexto cultural e social de produção. Em contraste com esta afirmação, a gramática apresentada neste volume é construída à volta do *corpus* de Português falado, PPOM, e contém uma riqueza de informação tanto sobre o contexto linguístico como sobre o não linguístico. Isto confere-lhe algumas vantagens especiais em relação a gramáticas de frase tradicionais, que se baseiam numa linguagem escrita descontextualizada. Assim, embora o *corpus* em si seja neutro em relação à perspectiva quer pedagógica quer descritiva, o seu formato permite formas mais inovadoras de abordagem de questões problemáticas, do que as gramáticas de frase meramente formais.

4.1 Gramáticas baseadas na frase

A gramática tradicional de frase é uma forma tradicional de ensino da gramática, muito familiar e amplamente praticada. Esta abordagem assume que existe uma maneira errada e uma maneira correcta de utilizar uma língua. A maneira correcta de falar é "codificada" na chamada "norma do falante nativo"; a forma errada é encontrada em expressões da interlíngua dos aprendentes ou sistemas fossilizados de linguagem, que são vistos como aproximações incompletas ou "cópias" más do falante nativo, de formas da língua-alvo, de "produto cheio de erros" das estratégias de aprendizagem da língua. Ensinar uma língua com esta concepção significa essencialmente trazer os aprendentes até "ao padrão" e inculcar-lhes uma intuição em relação às chamadas práticas de discurso aceitáveis e em relação à variação permitida. Esta concepção de língua e aprendizagem trata também o processo de aquisição/aprendizagem como *universal* e regido por regras, em que se assume que a aquisição procede de acordo com uma sequência de passos, mais ou menos fixa e "biologicamente" determinada (para uma apresentação desta visão, ver o artigo de Stroud, 1997a).

Nesta abordagem, os itens de gramática são muitas vezes apresentados em forma de listas, esquemas, regras e tabelas, e paradigmas, isto é, num formato que é abstracto e

descontextualizado. Ocasionalmente, o princípio ou regra em questão é exemplificado em frases, que muito provavelmente serão produto da invenção dos gramáticos – o produto de liberdades poéticas – nunca tendo sido usadas por alguém numa situação concreta de comunicação. Os exemplos que se seguem, extraídos dos livros de Português do ensino básico do Sistema Nacional de Educação, ilustram bem as necessárias consequências que isto envolve:

Fábio – Joana, vê ali o rato.

Joana – Ele rói uma batata do nosso saco.

Ilda – Agarra-o, Fábio. Ele come a nossa comida. (2ª classe, p. 47)

- A Quinita dá pão ao pato pequeno. (2ª classe, p. 69)

- Chamam-me latoeiro. Com o martelo e a solda faço as panelas, baldes e os regadores que tu utilizas todos os dias. (3ª classe, p. 26)

- Achas que é justo capturar borboletas? (4ª classe, p. 59)

- A minha prima já foi a Cabo Delgado, mas eu ainda não fui. (4ª classe, p. 63)

- Em vez de preguiçar, vou trabalhar para ter comida.

Vou à machamba a fim de mondar o arroz. (4ª classe, p. 71)

Há muitas vantagens em trabalhar com uma gramática baseada na frase. Primeiro que tudo, existe um corpo estabelecido ou cânone de prática pedagógica construído à volta de gramáticas baseadas na frase deste tipo mais tradicional. Em segundo lugar, e correlacionado com isto, está a existência de um acordo quanto à metalinguagem usada. Uma terceira razão é que as gramáticas normativas baseadas na frase são "inerentemente ensináveis", o que as torna práticas e implementáveis. As frases são manejáveis, facilmente definíveis e reconhecíveis. Podem ser escritas no quadro e podem ser memorizadas. Finalmente, há um número razoável de fenómenos a que se pode dar um bom tratamento dentro dos limites de uma gramática baseada na frase, tais como a ordem canónica das palavras, as propriedades flexionais das palavras e a concordância (cf. Hughes e McHarthy, 1998).

3.2. As características desta gramática

Apesar dos atractivos de uma gramática formal baseada na frase, existem alguns problemas que merecem ser mencionados. De entre as desvantagens, a principal é que as gramáticas de frase de tipo tradicional tendem a ser apresentações descontextualizadas de estruturas-alvo sem tomar em consideração se, e de que forma os objectivos da aprendizagem são relevantes para o grupo real de aprendentes. De facto, a forma como as gramáticas estão estruturadas, encoraja ao compromisso e à passividade entre os alunos. Esta visão da língua encoraja

os alunos que não fazem perguntas, que estão ansiosos por seguir sempre que uma autoridade sob forma de professor os conduza; têm de ser alunos que não esperam que o seu conhecimento académico da língua tenha alguma relevância directa para aquilo que fazem com a língua na sua vida (Hasan, 1997).

Como nunca ninguém pronunciou estas frases, elas são, consequentemente, vazias de significado ou intenção social ou comunicativa, bem como desprovidas de contexto social ou linguístico. Com efeito, isto significa no caso específico do Português em Moçambique que elas não podem fazer justiça ao facto de que as necessidades de aprendizagem dos falantes na situação sócio-histórica em que se encontram são radicalmente diferentes das de outros falantes. Na apresentação contida nos livros escolares acima mencionados, não existe evidência de que os itens estruturais focados são de facto um problema para aprendentes de Português L2 com L1 bantu, nem de que a forma como os dados estão estruturados é particularmente útil ou esclarecedora para tais aprendentes.

Este é um caso particular de um problema mais geral, nomeadamente o facto de que paradigmas tradicionais podem impor distinções e escolhas que não ocorrem como escolhas reais no momento particular de falar, os chamados "paradigmas existenciais". Hughes e McCarthy (1998) mostraram como é que no Inglês, por exemplo, os elementos *it* (*ele/a*, *neutro*), *this* (*este/a*) e

that (*aquilo, aquele/a*) fazem parte do conjunto a partir do qual o falante deve escolher nas conversas reais, mais do que os dois conjuntos de oposições abstractas e normalmente ensinadas em que o *it* é tratado entre os pronomes pessoais, e *this, that, these* e *those* são referidos como demonstrativos. De um modo geral, as escolhas são feitas a partir de conjuntos de itens muito mais pequenos do que os paradigmas gramaticais apresentam.

Conforme foi mencionado, os nossos materiais incluem dados representativos da língua falada, o Português falado em Maputo, e contêm apenas dados autênticos de grande frequência. Os itens escolhidos para serem aqui incluídos foram produzidos por um número significativo de informantes, o que assegura que eles têm uma ampla distribuição. A frequência de cada item é também grande, o que testemunha a regularidade e sistematicidade do fenómeno investigado. (Por outras palavras, os itens apresentados não podem ser considerados como provenientes de falta de atenção, lapsos de língua, etc.)¹. Isto significa que os itens escolhidos para inclusão nesta gramática espelham, de facto, as distinções e escolhas que foram feitas por falantes reais.

Em segundo lugar, o facto de as expressões ocorrerem sempre num contexto, linguístico ou outro, significa que as expressões da vida real são *dialógicas*, não *monológicas*. Hopper e Thompson (1993) captaram isto dizendo que a gramática é o sedimento de práticas conversacionais. Cumming e Ono (1997) argumentam que a "gramática tem origem em padrões recorrentes de discurso e estes padrões dão-lhe continuamente forma". Por outras palavras, todas as expressões respondem de alguma forma a outras expressões que ocorreram, ou que o falante prevê

¹ Outros factores de carácter mais organizacional contribuíram para a escolha dos itens incluídos no presente volume. Por exemplo, fenómenos que foram tratados no volume II (frases concessivas ou comparação de adjectivos) ou que serão tratados no volume IV (subcategorização verbal) foram omitidos neste volume, para se evitar a repetição. Naturalmente, existem outras limitações nestes dados. Alguns fenómenos (incluídos na rubrica geral de "dispersos") não ocorrem com nenhuma frequência no *corpus* e, embora mencionados, não foram portanto objecto de um tratamento gramatical extensivo nos materiais deste volume. Isto não significa que eles não sejam problemáticos para os moçambicanos falantes/aprendentes de Português. Poderá, pelo contrário, significar que os aprendentes evitam utilizar estas estruturas para não cometerem erros. (frases relativas introduzidas por *qual* constituem exemplo disto).

antecipadamente que *ocorrerão* no decurso de uma interacção. Isto determina a forma como os falantes escolheram construir as suas frases. Os falantes devem decidir, por exemplo, até que ponto uma coisa ou um processo acerca do qual se fala numa frase – um referente – é conhecido por todas as partes numa comunicação. Caso o referente *não* seja familiar aos outros intervenientes, o falante deverá ter o cuidado de o introduzir e descrever, e isto poderá exigir a construção de um certo tipo de sintagma nominal. Para se dar seguimento a isto, introduzem-se pronomes anafóricos ou frases relativas, que são familiares aos intervenientes, e que podem ser subsequentemente utilizados no resto da conversação.

Um exemplo de Hughes e McHarthy (1998), que ilustra como as escolhas gramaticais são sensíveis ao contexto e interacção, é o diálogo seguinte entre um médico e seu paciente²:

Médico: Ok. Então, a mesma fármaco-dinâmica acompanha praticamente todos os remédios que você tomar.

Paciente: Mm...

Médico: Mas *esse (that)* de facto não é um problema. Ok. Você poderá, por vezes, na primeira semana ficar com a sua cútis, a sua pele um pouco mais manchada.

Paciente: /grita/ Ah! Oh!, não quero *isso (that)*!

Médico: Mas, *esse (that)* é o único risco...

Paciente: Só na primeira semana?

² Doctor: Okay. So the same pharmaco-dynamics is going on with every medicine you take virtually.

Patient: Mm...

Doctor: But no *that* really isn't a problem. Okay. You can sometimes in the first week find your, your complexion, your skin's a bit more spotty.

Patient: /wails/ Agh. Oh, I don't want *that*.

Doctor: *That's* the only risk though.

Patient: Just for the first week?

Doctor: Yeah, usually *it's* not a long-term problem. Again, *this* is, initially tends to be an early thing which will settle itself down.

Médico: Sim, *isso (it)* não é um problema que dure muito tempo. Mais uma vez, *isso (this)* é, tende a ser uma coisa que aparece no princípio, que depois desaparece por si só.

Os autores fazem notar que tanto o paciente como o médico utilizam o *that (esse, isso)* para se distanciarem tanto profissional como emocionalmente do problema de pele que está a ser medicado. A referência ao problema continua com o *it (ele)*, mas depois o médico muda para *this (isto)* a fim de sublinhar e dar realce à afirmação de que o problema irá desaparecer com o tempo. Portanto, enquanto o *that (esse, isso)* codifica a distância na interacção, *this (isto)*, por outro lado, assinala a proximidade e proeminência.

Como os dados do PPOM foram produzidos por falantes reais, em situações reais de uso, contêm uma rica informação deste tipo, embora não seja directamente tratada neste volume.

Em terceiro lugar, as expressões são *ambíguas* e *polifónicas*; a mesma forma gramatical pode conter um número variado de significados diferentes mas de igual modo possíveis e plausíveis. Como "os falantes são orientados para diferentes formas de dizer e de exprimir significados, dependendo das condições materiais da sua existência social" (Hasan, 1996:396), a qualquer expressão podem ser dadas interpretações várias e diversas por diferentes falantes, e isto pode reflectir os seus antecedentes sociais divergentes. Para além disso, a estrutura formal da língua pode diferir mais ou menos na expressão do mesmo significado, estando isto dependente da origem do falante. As gramáticas de frase normativas tradicionais não tomam em consideração a possibilidade de os antecedentes sociais do aprendente e o contexto em que ele utiliza a língua diariamente com amigos e colegas poderem tê-lo predisposto para um sistema diferente de normas. Estas gramáticas também não podem contemplar o facto de as diversas formas como os falantes não nativos contactam com a língua-alvo terem alguma validade em relação à forma como os aprendentes abordam a tarefa de aprender, o tipo de progresso no desenvolvimento que um aprendente pode mostrar, ou a versão de uma língua que ele alcança. Isto apenas reflecte o facto de que o que é importante nesta visão sobre a língua é a forma gramatical *per si*, e não os

objectivos sociais e/ou as funções discursivas que esta forma pode desempenhar³.

O *corpus* do PPOM está numa situação ideal para se examinar formas diferentes de falar como reflexos ou articulações de posições materiais e sociais, e de género, que fornecem materiais com os quais se pode explorar a articulação linguística entre diferentes valores sociais e os meios formais através dos quais isto se realiza. Deste modo, o *corpus* apreende algo da realidade social dos seus falantes e proporciona um *forum* em que se reconhece a legitimidade de formas diferentes de falar. Em resumo, o *corpus* contém materiais que incorporam experiências vividas pelos membros da comunidade, articuladas através da variação da linguagem. No actual contexto, isto significa que nós centramos e orientamos a gramática contida neste volume para as preocupações e problemas reais do falante de língua bantu com características contextuais e sociais específicas, que aprende o Português ao mesmo tempo que efectua a sua interacção diária.

3.3 Prática e exercícios

A apresentação dos dados neste volume tem duas vertentes. Por um lado, para todas as estruturas, é apresentada uma descrição resumida da norma do Português europeu. Por outro lado, apresentamos dados que aparecem no *corpus* relacionados com a realização destas estruturas. Em seguida, utilizam-se conjuntos de exercícios para encorajar o leitor a fazer comparações relevantes sobre as diferenças e semelhanças estruturais destas duas variantes. Estes exercícios são de tipo tradicional, embora estejam construídos de forma a encorajar o enfoque numa comparação das normas e sua utilização.

Qualquer apresentação de língua para o público em geral representa a intersecção entre política, profissionalismo e carácter

³ Na medida em que factores sociais aparecem em contextos pedagógicos, estes são considerados apenas como variáveis com impacto no processo universal de aprendizagem para acelerar, atrasar ou arrastar uma progressão de aprendizagem universal (para uma análise um pouco mais crítica disto, a partir deste ponto de vista, embora com modificações, ver Stroud (1997a), que também se ocupa das contribuições contextuais para padrões "aquisitivos").

prático – bem como entre os cânones pedagógicos da área. O formato que escolhemos deve ser visto como uma forma de compromisso entre estes critérios.

De um ponto de vista político, existe um fundamento teórico interessante para a comparação de formas padrão e formas não padrão da língua. Parakrama (1996), referindo-se ao Inglês do Sri-Lanka, vê a utilização da língua não padrão como um dos meios mais acessíveis de resistência natural à dominação colonial e neo-colonial. Este autor caracteriza o uso de variedades não padrão das línguas metropolitanas como um projecto intervencionista em que os falantes confrontam os significados e normas hegemónicos (ou ideologicamente dominantes) dos dialectos padrão "através de significados alternativos e anti-normas" (Kandiah, 1995). Outros autores propõem ideias semelhantes. Escrevendo sobre a África do Sul, Ndebele afirma que as sensibilidades das comunidades urbanizadas, chamadas "destribilizadas", implicam que a língua e o ensino da língua precisa de ser "renovado", tanto no vocabulário como na estrutura gramatical para estar de acordo com os "fundamentos enraizados na experiência das próprias pessoas". Ao preparar os exercícios para estes materiais, poderemos capitalizar este tipo de ideologia de significados e normas alternativas.

Profissionalmente, esta gramática tenta fornecer a primeira comparação pormenorizada e explícita entre o Português de Moçambique e o Português europeu. Os exercícios não são práticas descontextualizadas que apenas promovem a língua-alvo padrão, como é o caso de gramáticas tradicionais da língua padrão, mas uma tentativa de dar uma explicação sistemática das diferenças gramaticais entre as duas variedades.

De um ponto de vista prático, o formato dos exercícios tem a vantagem de ser familiar à maioria dos leitores. Para além disso, os exercícios fornecem um formato adequado, que de facto se presta a diferentes tipos de abordagem e utilização. Eles podem ser utilizados para se trabalhar conceitos e explicações gramaticais, e podem apoiar os professores e os instrutores a dar uma forma, (re)identificar e compreender os fenómenos linguísticos. As experiências já realizadas de utilização dos *corpora* para o ensino da linguística têm mostrado que os alunos que trabalharam com material autêntico são mais capazes de fazer análises gramaticais de expressões complexas e "menos apropriadas" que pululam o

mundo real. Este tipo de exercícios pode simultaneamente "sintonizar" a percepção dos professores com a produção de uma série de variedades do Português falado. Por outras palavras, tal como acontece com a própria descrição gramatical, a apresentação de dados neste volume constitui um compromisso sério, moderado e equilibrado em muitas questões controversas sobre norma, tradição e práticas metodológicas. Eles acomodam assunções existentes sobre a natureza da língua, e tentam apoiar-se no que os professores pensam que é importante, e na forma como estão habituados a trabalhar com as línguas.

De um ponto de vista pedagógico, os exercícios promovem a ideia de que o método mais eficaz de aprender formas padrão da língua é os alunos compararem as suas próprias variedades com as variedades do Português padrão. A linguista brasileira Bortoni (1992) referiu-se a isto como *abordagem bidialectal*. Um exemplo de um resultado possível deste tipo de trabalho é dado por Anderson e Irvine (1993), que descrevem o confronto para fins correctivos, entre falantes de dialecto crioulo das West Indian e o Inglês padrão. Os autores referem que:

os alunos habituados a escrever ensaios em crioulo, descobrem que escrever um ensaio é difícil em qualquer língua. Neste processo de escrita, tiveram que concordar relativamente a qual das suas variedades de crioulo seria o padrão para criar uma ortografia e, ao mesmo tempo, descobriram as razões para convenções existentes no Inglês padrão. A sua investigação sociolinguística documentou que cenários e tópicos faziam apelo ao crioulo, e quais os que apelavam para o Inglês padrão (1993: 94-5, citados em Lankshear, 1997:37)

Por outras palavras, os alunos tomaram consciência das arbitrariedades sociais essenciais das normas da língua e do domínio das mesmas, trabalhando explicitamente a partir de uma perspectiva crítica sobre as suas práticas sociolinguísticas em relação àquelas da sociedade em geral.

5. CONCLUSÃO GERAL

Este volume é apresentado como um instrumento com o qual se força a divulgar o Português de Maputo, expondo algumas das suas estruturas gramaticais e permitindo uma reflexão de qualidade sobre as formas autênticas e socialmente enquadradas de utilização da língua, em comparação com as normas do chamado Português europeu. Os materiais contidos neste volume deverão também ser utilizados para melhorar a confiança linguística dos professores, mostrando explicitamente a natureza sistemática mas diferente do Português de Moçambique produzido tanto por professores como por alunos. Estes materiais prepararão também o caminho para eles reconhecerem e aceitarem características de variedades locais discursivamente diferentes das principais variedades desta língua. Tentámos atingir estes objectivos apresentando um comentário estruturado sobre questões gramaticais.

Chamámos a atenção para o facto de que a língua é tradicionalmente vista, em primeiro lugar, como um conjunto de regras padrão e de expressões mais ou menos aceitáveis. Nesta perspectiva, a gramática é concebida como um conjunto de estruturas, algumas correctas outras erradas, e o ensino da gramática constitui um exercício formal, um objecto de contemplação, uma tarefa para lápis e papel. Contudo, estamos conscientes de que os professores também precisam de ponderar como é que a forma se relaciona com a função e uso social. Tal como foi afirmado na introdução, embora a gramática aqui apresentada avance um pouco no que se refere ao papel do contexto, através da selecção de elementos alvo a ensinar a partir da forma como o Português é utilizado em Moçambique, em futuros trabalhos seria desejável uma descrição baseada, de forma mais explícita, no discurso ou no texto. A natureza dependente de contexto de muitas gramáticas significa que não podemos de facto tomar em consideração, perceber ou explicar factos gramaticais sem referência a esse contexto; fenómenos tais como elipses, ordem de palavras não canónica, construções de tópico marcado ou o uso de tempos são apenas algumas das questões gramaticais mais comuns que exigem referência ao contexto. Uma reflexão complementar sobre o ensino da língua também enfatizaria o papel

da forma da língua na expressão de diferentes posições de interesse, e os modos como estas formas são determinadas pela maneira como são usadas. A forma como a gramática tradicional de frase utiliza exemplos isolados e artificiais não reflecte este facto absolutamente básico acerca da língua.

Nos próximos volumes, vamos explorar o tratamento do Português falado em Maputo mais baseado no discurso. Os materiais do PPOM são orientados para o discurso ou textos mais do que para frases simples, compreendendo registos autênticos de expressões produzidas no espaço e no tempo por actores, homens ou mulheres, socialmente contextualizados e historicamente posicionados com um objectivo claro, semântico e/ou intencional. Mais especificamente, os materiais do *corpus* compreendem expressões transcritas e codificadas de estilos de discurso formal e informal, registados a partir de igual número de falantes mulheres e homens de Português de diversos "graus" de competência, com diferentes línguas maternas, antecedentes sociais, distribuição etária, e de diferentes bairros da zona residencial urbana de Maputo. Existe informação sobre o nível de escolaridade e profissão relativamente a todos os informantes. Para alguns informantes, a informação sobre as características da rede social relevantes para a língua foi organizada em tabelas (ver Tuzine, 1996). Diferentemente das gramáticas tradicionais, isto significa que existe a possibilidade de as estruturas gramaticais dos materiais do PPOM serem relacionadas com o seu contexto de produção linguístico e interaccional.

Embora este volume não forneça grandes estratégias e soluções, dá de facto uma oportunidade para reflectidamente se iniciar uma análise aberta e um questionamento com base em dados linguísticos.

BIBLIOGRAFIA

Anderson, G. and Irvine, P. (1993). Informing critical literacy with ethnography. In C. Lankshear and P. McLaren (eds.). *Critical Literacy: Politics, Praxis and the Postmodern* (pp. 81-104). Albany, NY: State University of New York Press.

Bortoni, S. (1992). Educação Bidialectal – O que é? É possível. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 7, 54-65.

Bakhtin, M. (1981). Discourse in the novel. In *The Dialogic in Interpretation. Four essays* (pp. 293-4). Austin. Tx.

Bourdieu, P. (1991). *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Polity Press.

Crick, J. K. and Wade, R. (1997). Restandardization in the Direction of a New English: Implications for Access and Equity. In *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 18: 4, 271-284.

Cumming, S. and Ono, T. (1997). Discourse and grammar. In T. A. van Dijk (ed.). *Discourse as structure and process* (pp. 112-137). London: Sage.

Doughty, C. and Williams, J. (1998). Issues and terminology. In C. Doughty and J. Williams (eds.). *Focus on Form in Classroom Second Language Acquisition* (pp. 1-13). Cambridge: CUP.

Goke-Pariola, A. (1993). Language and symbolic power: Bordieu and the legacy of Euro-American colonialism in an African society. In *Language and Communication*, 13: 3, 219-234.

Hasan, R. (1996). Literacy, everyday talk and society. In R. Hassan and G. Williams (eds.). *Literacy in Society* (pp. 377-424). London: Longman.

- Hopper, P. J. and Thompson, S. (1993). Language universals, discourse pragmatics and semantics. In *Language Sciences*, 15, 357-376.
- Hughes, R. and McCarthy, M. (1998). From sentence to discourse grammar and English Language teaching. In *Tesol Quarterly*, 33: 2, 263-287.
- Kandiah, T. (1995). Centering the Periphery of English: Towards Participatory Communities of Discourse. In A. Parakrama.
- Lankshcar, C. (ed.) (1996). *Changing Literacies*. Philadelphia: Open University Press.
- Long, M. and Robinson, P. (1998). Focus on form: Theory, research and practice. In C. Doughty and J. Williams (eds.) *Focus on Form in Second Language Acquisition* (pp. 15-42). Cambridge: CUP.
- Pica, T. (1994). Research on negotiation: What does it reveal about second language acquisition? In *Language Learning*, 44(3).
- Parakrama, A. (1995). De-hegemonizing Language Standards. *Learning from (Post)Colonial Englishes about English*. London: Macmillan Press.
- Stroud, C. (no prelo). Portuguese as ideology and politics in Mozambique: Semiotic (re)constructions of a postcolony. In J. Blommaert (ed.). *Language Ideological Debates*. New York & Berlin: Mouton de Gruyter.
- Stroud, C. (1997a). O Corpus: Antecedentes, Quadro Teórico e Aspirações Práticas. In C. Stroud and P. Gonçalves (orgs.). *Panorama do Português Oral de Maputo. Volume I. Objectivos e Métodos* (pp. 11-42). Maputo: INDE.
- Stroud, C. (1997b). Os Conceitos linguísticos do "erro" e "norma". In C. Stroud and P. Gonçalves (orgs.). *Panorama do Português Oral de Maputo. Volume II. A construção de um Banco de "Erros"* (pp. 9-35). Maputo: INDE.

Tuzine, A. (1996). *Aplicação do Conceito de Rede Social ("Social Network") na Análise de Fenómenos de Variação Linguística no Português Oral de Maputo: O Caso da Oração Subordinada Relativa*. Tese de Licenciatura. Maputo: Universidade Pedagógica, Faculdade de Línguas (não publicado).

ESTRUTURAS GRAMATICAIS DO PORTUGUÊS: PROBLEMAS E EXERCÍCIOS

*Perpétua Gonçalves, Albertina Moreno, António Tuzine¹
Maria João Diniz e Marisa Mendonça²*

Os fenómenos de variação e mudança relativamente à norma europeia, que se observam no Português de Moçambique, constituem indicadores importantes sobre as dificuldades específicas de falantes de línguas maternas do grupo bantu no estabelecimento das regras e propriedades desta língua.

O primeiro diagnóstico das principais especificidades do Português Oral de Maputo (POM) revelou que é na área da sintaxe (léxico-sintaxe, morfo-sintaxe e sintaxe propriamente dita) que esta subvariedade mais se distingue da norma europeia (cf. Gonçalves, 1997). Assim, neste volume, dedicado especificamente a estruturas gramaticais do Português, decidiu-se incluir os fenómenos sintácticos e morfo-sintácticos em que, de acordo com os dados recolhidos, o POM apresenta desvios mais sistemáticos ao modelo da língua-alvo. Estão neste caso as regras de utilização dos artigos e pronomes, os mecanismos de encaixe de orações subordinadas, e as regras de concordância nominal e verbal.

Tendo em vista a aplicação pedagógica dos dados contidos neste volume, nomeadamente a preparação de material didáctico especialmente concebido para o ensino da língua portuguesa em Moçambique, para cada item gramatical apresentam-se exemplos de exercícios que podem ser realizados de forma a alcançar a convergência com o modelo ideal. Dos desvios identificados, consideram-se fundamentalmente aqueles que parecem ter possibilidade de solução através da sistematização e mecanização

¹ Responsáveis pelas secções 1 a 3 de cada item gramatical.

² Responsáveis pela secção 4 de cada item gramatical, e pela Guia de Correção dos Exercícios.

das estruturas gramaticais envolvidas. Assim, os exercícios têm os seguintes objectivos:

- auxiliar os professores de Português no ensino da gramática, e mais particularmente, na resolução das “dificuldades” dos aprendentes de Português/L2 inseridos no contexto moçambicano;

- permitir que os aprendentes de Português em Moçambique tenham acesso à norma europeia, oficialmente estabelecida como referência.

Os exercícios apresentados têm carácter exemplificativo, e pretendem mostrar as potencialidades didácticas do *corpus*, pelo que a sua aplicação em situação de aula requer, por parte do professor, uma cuidadosa selecção e reorganização de acordo com as características particulares do grupo-alvo (como o seu nível de escolaridade, as dificuldades específicas de aprendizagem, os objectivos da aula, etc.).

Cada um dos itens gramaticais incluídos nesta Parte está subdividido em quatro secções.

Na secção 1, “A Norma Padrão Europeia”, apresenta-se uma descrição geral do item gramatical de acordo com a norma europeia, que, como foi referido constitui oficialmente a norma de referência. Além desta introdução geral, são também descritas, de forma mais desenvolvida, as regras e/ou propriedades do item em questão, que recebem um tratamento especial na secção 2, e que correspondem a áreas em que os falantes apresentam mais “dificuldades” de convergência com a gramática do Português europeu (PE). Por exemplo, no item “Pronomes Pessoais”, dá-se um desenvolvimento especial aos critérios que regulam a sua colocação no PE, visto que o estabelecimento dos padrões de ordem destes pronomes se revela particularmente problemático no *corpus*. Os exemplos incluídos na secção 1 são em geral retirados do *corpus*, e constituem casos em que os informantes aplicaram as regras da gramática do PE³.

Na secção 2, “Português Oral de Maputo”, apresentam-se os diferentes desvios à norma europeia, que ocorrem de forma mais sistemática no *corpus*. Dado que o objectivo central deste volume é

³ Em alguns casos, devidamente assinalados, recorreu-se a exemplos retirados de outras fontes.

pôr à disposição de diferentes utilizadores uma base de dados do POM sobre estruturas gramaticais “problemáticas”, nesta secção estas apenas são descritas de forma sintética, isto é, não se apresenta argumentação sobre as possíveis causas da sua realização pelos falantes. Os fenómenos que registaram um índice de frequência inferior a cinco ocorrências foram considerados “casos dispersos”⁴, não sendo por isso objecto de um tratamento específico.

Na secção 3, “Fichas de Exemplos”, está arquivada em fichas a base de dados com as citações do *corpus* que correspondem a cada um dos subtipos de desvios apresentados na secção anterior. Em cada caso, fornece-se entre parênteses o equivalente do desvio em questão no PE. O número de exemplos por Ficha oscila entre 5 e 20. Isto significa que, nos casos em que havia mais de 20 ocorrências, foi seleccionada uma amostragem representativa dos diferentes tipos de contextos.

Na secção 4, “Exercícios”, é apresentado um conjunto de exercícios que visam a correcção dos desvios que estão arquivados nas “Fichas de Exemplos”. Para cada tipo de desvio, são sugeridos dois ou três exercícios, em função do número de ocorrências verificadas. A chave de resolução dos exercícios correspondentes aos diferentes itens gramaticais é apresentada no “Guia de correcção dos exercícios”, que se encontra no final deste volume.

⁴ Esta decisão decorre da baixa frequência das estruturas gramaticais “desviantes” no *corpus*, o que não exclui a hipótese de se tratar de fenómenos relevantes do Português Oral de Maputo e/ou de Moçambique.

I – ARTIGO

1 – NORMA PADRÃO EUROPEIA

Os artigos definido (*o(a)*, *os(as)*) e indefinido (*um(a)*, *uns/umas*) são palavras que se antepõem aos substantivos. De uma forma geral, considera-se que os artigos definidos denotam conhecimento prévio do ser ou objecto referido pelo substantivo, e que os artigos indefinidos, pelo contrário, apresentam o ser ou objecto designado pelo substantivo de forma imprecisa ou indeterminada. Exemplos:

- (1) a. Encontraram a criança.
- b. Não posso ficar sem energia **num** prédio.

Os artigos definidos são empregues num espectro de contextos muito mais amplo do que os artigos indefinidos, destacando-se o seu uso em sentido genérico (ex. (2a)), em expressões de tempo (ex. (2b)), como nomes de pessoas e lugares (ex. (2c)). Exemplos:

- (2) a. A criança deve respeitar **os** pais.
- b. Dão aquela novela **nas** sextas feiras.
- c. Eu vou para a África do Sul.

O artigo definido pode co-ocorrer com outros determinantes: com os possessivos e com o indefinido *outro* tem carácter opcional, e o seu uso depende do contexto. Com os indefinidos *todo* e *ambos* a sua presença é obrigatória. Exemplos:

- (3) a. Parece **outra** pessoa.
- b. Havemos de servir **a outra** senhora.
- c. **Toda a** gente corre para lá.

A ausência de artigo (ou qualquer outro determinante) pode destinar-se a apresentar a noção expressa pelo substantivo de modo genérico, na plena extensão do seu significado, podendo o substantivo estar no singular como no plural. Exemplos:

- (4) a. Hoje em dia é preciso ter **grana** no bolso.
- b. Estão ligados à Educação para fazer **livros**.

2 – PORTUGUÊS ORAL DE MAPUTO

Conforme referido em Gonçalves (1997:59)¹, no uso dos artigos “sobressaem os casos de omissão... quer se trate do artigo definido ou indefinido”. De um modo geral, a omissão do artigo não ocorre com SNs com a função de sujeito em posição inicial de frase (exemplo (5a)), sendo mais frequente com SNs com a função de complemento directo (exemplo (5b)), ou que, sendo sujeito, se encontram nessa posição sintáctica (exemplo (5c)) (Ficha I).

- (5) a. **Casa do meu irmão** está abandonada. (= a casa)
- b. Recebi **telefonema**. (= um telefonema)
- c. Chega **altura**, temos que ajudar aquela pessoa. (= a altura)

Com expressões locativas e temporais, tanto ocorrem casos de omissão do artigo definido (exemplo 6a)), como se registam casos em que este ocorre, em contextos em que a sua presença não é requerida (exemplo (6b)) (Ficha II).

- (6) a. Vai **para escola**. (= para a escola)
- b. **Primeiro do Maio** (= primeiro de Maio)

Nos casos de uso genérico dos substantivos, em que não é necessária a presença de qualquer artigo, o substantivo ocorre no singular, em contextos em que deveria estar no plural (Ficha III). Exemplo:

¹ In Stroud, C. & Gonçalves, P. *Panorama do Português Oral de Maputo - Vol. II: A Construção de um Banco de “Erros”*.

(7) Não tinha **caderno**. (= cadernos)

Uma amostragem dos casos dispersos está arquivada na Ficha IV.

3 – FICHAS DE EXEMPLOS

FICHA I: Omissão dos artigos com substantivos com a função de complemento directo

- Recebi **telefonema** (= um telefonema)
- A gente tem que organizar **enxoval** (= o enxoval)
- Quando tem **delegação**... (= uma delegação)
- Íamos lá passar **fim-de-semana** (= o fim-de-semana)
- A Idinha provocou **abelhas** (= as abelhas)
- Estão a cortar **prioridade** aos outros (= a prioridade)
- Temos **relacionamento** muito bom (= um relacionamento)
- Se eu abrir **machamba**, hei-de produzir (= uma machamba)
- Pega **cadeira**! (= uma cadeira)
- Acompanhamos **notícia** (= ouvimos a notícia)
- Chega lá apanha **população** (encontra a população)
- Apenas tenho **amigo** (= um amigo)
- Íamos lá passar exactamente **fim-de-semana** (= um fim-de-semana)
- Ensinava **mandamentos** (= os mandamentos)
- Quando se desliga **energia** você vai lá mexer **fios** (= a energia... mexer nos fios)
- O dinheiro de pagar **escolinha** são vinte contos (= a escolinha)
- Deu **volta** daquele lado (= a volta)
- Se nascer **filho**, você há-de ver... (= nascer um filho)

FICHA II: Expressões locativas e temporais

- **Íamos a jardim.** (= ao jardim)
- Ia **para escola** sentar e aprender a falar português (= para a escola)
- Há uma particularidade **entre zona interior e zona litoral** (= entre a zona interior e a zona litoral)
- Certos alunos tinham direito a transporte **prara escola** (= para a escola)
- Quando chega **dentro de sala...** (= dentro da sala)
- Se uma pessoa vai **para escola** (= para a escola)
- A minha família está **em Norte** (= no Norte)
- A minha mãe quer ir ficar **na casa** da minha irmã (= em casa)
- **Na Marracuene** (= em Marracuene)
- Encontra-se aqui **no Munguine** a trabalhar (= em Munguine)
- Prefiro ficar aqui **no Maputo** (= em Maputo)
- Se eu fizesse um convite **para próximo fim-de-semana?** (= para o próximo)
- Às cinco **de manhã** cheguei em Sena (= da manhã)
- Deviam começar a pensar no namoro **a partir de catorze anos** (= a partir dos catorze)
- Acho que **até próximo ano** poderei concluir (= até ao próximo)
- Setenta e dois foi **altura** que eu voltei (= foi a altura)
- **Em tempos livres** o que mais gostas de fazer? (= nos tempos livres)
- Cheguei **na setenta e quatro** (= em setenta e quatro)
- **Primeiro do Maio** (= primeiro de Maio)

FICHA III: Uso genérico dos substantivos, sem artigo

- Tinha um curral **de suíno** (= de suínos)
- Eu não tenho **dificuldade** (= dificuldades)
- A minha filha está a fazer **maldade** (= maldades)
- Quando tem **oferta** começa a oferecer (= ofertas)
- A senhora carrega **coisa** vai vender (= coisas)
- Carregamento de **saco** (= sacos)
- A pessoa faz **necessidade maior** (= necessidades maiores)
- Não tinha **caderno**, não tinha nada (= cadernos)
- Antigamente, o dinheiro do lobolo era **enxada** (= eram enxadas)
- Eu preferia ter uma série de **rapaz** (= de rapazes)
- Há **problema** (= problemas)

FICHA IV: Casos dispersos

- Não era uma viagem agradável, era **sacrifício** (= um sacrifício)
- **Questão** que estou a ver é **questão** desses chapas (= a questão... a questão)
- Pode haver alguém mas não é **o caso pessoal** (= um caso pessoal)
- Vi **tua mulher** com fulano (= a tua mulher)
- Se por acaso **teu pai** proibir-te... (= o teu pai)
- É para todos sem **a distinção do sexo** (= sem distinção de sexo)
- Como **a mãe** não posso dizer se é bonita se é feia (= como mãe)
- **Casa do meu irmão** está abandonada (= a casa)
- Ya, **problema** é esse (= o problema)
- Vou pegar **minha filha** (= a minha filha)
- Deve ter-se encontrado **com família** (= com a família)
- Posso ir a Portugal, discutir **com português** (= com um português)
- Não há-de haver problemas **com pessoal** lá em casa (= com o pessoal)
- Acho que **dinheiro que eu recebo** (= o dinheiro)
- Estou satisfeito por causa **de paz** (= da paz)
- Então **o repórter** achas-te muito stressado? (= então repórter)
- Ia ficar no quarto com **meu marido** (= com o meu marido)
- **Lucro** de badjias nunca foi cinco contos (= o lucro)
- Mesmo quando **vovôs** estão a mandar (= os vovôs)
- Antigamente, **dinheiro de lobolo** eram enxadas (= o dinheiro do lobolo)

4 - EXERCÍCIOS

I - Omissão dos artigos com substantivos

1. Preencha os espaços em branco com uma das alternativas dadas, seguindo o exemplo.

Ex: A família tem que escolher um nome para o bebé.

nome
um nome

a) Ontem, à noite, recebi _____ de Maputo.

telefonema
um telefonema

b) _____ está abandonada há dois anos.

Casa do meu irmão
A casa do meu irmão

c) O dinheiro para pagar _____ do meu filho desapareceu.

escolinha
a escolinha

d) Nós íamos lá passar _____ em Abril.

fins-de-semana
os fins-de-semana

e) _____ tem luzes amarelas.

Seu carro
O seu carro

2. Assinale com um X a frase que está correctamente construída.

a) Vou abrir uma machamba para produzir arroz. ()

Vou abrir machamba para produzir arroz. ()

b) Vamos passar fim-de-semana na Namaacha. ()

Vamos passar o fim-de-semana na Namaacha. ()

c) Ensinaram meus filhos a jogar futebol. ()

Ensinaram os meus filhos a jogar futebol. ()

- d) Quando se desliga a energia você pode mexer nos fios. ()
Quando se desliga energia você pode mexer nos fios. ()
- e) Ontem ouvimos notícia pela rádio. ()
Ontem ouvimos a notícia pela rádio. ()

II – Expressões locativas e temporais

1. Complete as frases com uma das formas dadas.

Ex: Ia para o jardim, quando encontrei o meu colega.
(para / para o)

- a) _____ zona interior e a zona litoral há muitas diferenças.
(entre / entre a)
- b) A minha família está _____.
(em Norte / no Norte)
- c) _____ sala, ninguém faz barulho.
(dentro de / dentro da)
- d) _____ Marracuene, os alunos não têm fardamento.
(em/ na)
- e) Se a criança vai _____ escola, aprende a ler e a escrever.
(para/ para a)

2. Preencha os espaços em branco com uma das formas dadas, seguindo o exemplo.

Ex: Nós fazemos o convite para o próximo fim-de-semana.
(para / para o)

- a) Às cinco _____ manhã, cheguei a Sofala.
(de / da)

- b) _____ 17 anos, comecei a ir às reuniões de jovens.
(a partir de / a partir dos)
- c) Ele veio a Maputo _____ setenta e quatro.
(em / no)
- d) Ela chegou _____ Manhica, ontem à meia-noite.
(de / da)
- e) Até _____ próximo ano, poderei ficar na mesma zona.
(a / ao)
- f) _____ amanhã, eu vou para outra escola.
(a partir de / a partir da)
- g) _____ tempos livres, o que gostas mais de fazer?
(em / nos)

3. Responda às questões, conforme o exemplo.

Ex : Onde está a tua família? (em Norte / no Norte)

A minha família está *no Norte*.

- a) Onde preferes viver? (em Maputo / no Maputo)

- b) Para onde foste esta manhã? (para quartel / para o quartel)

- c) Em que momento fazes a entrevista aos jogadores?
(em meus tempos livres / nos meus tempos livres)

- d) Onde ficaste durante o intervalo? (dentro de sala / dentro da sala)

- e) Em que cidade passaste o Natal? (em Beira / na Beira)

III – Uso genérico dos substantivos, sem artigo

1. Complete as frases, usando uma das alternativas apresentadas.

- a) Ele tinha na machamba um curral de _____.
(suíno/ suínos)
- b) O carregamento de _____ de farinha de milho foi ontem.
(saco/ sacos)
- c) A manada de _____ foi para o outro lado do rio.
(boi/ bois)
- d) O João tinha _____ com a sua mulher, por isso não foi à reunião. (problema/ problemas)
- e) Eu gostava mais de ter _____ do que raparigas.
(rapaz/ rapazes)

2. Responda às perguntas, conforme o exemplo dado.

Ex: – O que há na papelaria? (caderno)
- Na papelaria há *cadernos*.

- a) - O que está a fazer a tua filha? (maldade)

- b) - O que compraste naquela loja? (semente)

- c) - O que é que o Pedro trouxe para os irmãos? (oferta)

d) - O que havia no envelope? (selo)

e) - O que é que a senhora tem no saco? (coisa)

3. Escolha uma das formas dadas e preencha os espaços em branco, seguindo o exemplo.

Ex: Eu não tenho dificuldades em Matemática.

dificuldade
dificuldades
as dificuldades

a) Os enxames de _____ ficam, normalmente, perto das árvores.

abelhas
as abelhas
abelha

b) O Jorge traz sempre _____ do bazar.

lula
lulas
as lulas

c) A tia Juliana mandou _____ para todas as sobrinhas.

os presentes
presentes
presente

d) Aquela turma tem _____ e _____ .

rapaz
rapazes
os rapazes

rapariga
raparigas
as raparigas

e) Não consegui comprar 1 quilo de _____ de plástico para a nossa loja.

sacos
saco
os sacos

II – PRONOMES INDEFINIDOS

1 – A NORMA PADRÃO EUROPEIA

Chamam-se indefinidos os pronomes que, no interior de um sintagma nominal, quantificam o seu núcleo.

Os pronomes indefinidos apresentam formas variáveis e invariáveis. Veja-se o seguinte quadro onde se apresenta o conjunto destas formas dos pronomes indefinidos.

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
algum	alguns	alguma	algumas	alguém
nenhum	nenhuns	nenhuma	nenhumas	ninguém
todo	todos	toda	todas	tudo
outro	outros	outra	outras	outrem
muito	muitos	muita	muitas	nada
pouco	poucos	pouca	poucas	cada
certo	certos	certa	certas	algo
vário	vários	vária	várias	
tanto	tantos	tanta	tantas	
quanto	quantos	quanta	quantas	
qualquer	quaisquer			

As formas variáveis são também designadas pronomes adjectivos porque concordam em género e número com o núcleo nominal. Exemplos:

- (1) a. Aqui há **muitos** feitiços.
b. Esse é **outro** assunto.

Quanto às formas invariáveis, à excepção de *cada*, que é um pronome adjectivo, só se usam como pronomes substantivos, isto é, ocorrem na mesma posição em que podem aparecer os nomes. Exemplos:

- (2) a. Você pode arrumar **tudo**.
b. Vou deixar a casa com **alguém**.

O pronome *todo (a/s)* co-ocorre obrigatoriamente com o artigo definido. Exemplo:

- (3) **Toda a** gente corre para lá.

Na classe dos pronomes indefinidos observa-se uma oposição sistemática entre formas com conteúdo afirmativo e formas com conteúdo negativo. Veja-se o seguinte quadro.

FORMAS AFIRMATIVAS	FORMAS NEGATIVAS
algum alguém algo	nenhum ninguém nada

Quando os pronomes indefinidos aparecem depois de um advérbio de negação (*não, nunca*), é obrigatório o uso de formas negativas. Exemplos:

- (4) a. Diz-se que **não** há **nenhum** homem que não tenha amante.
b. **Nunca** se meteu com **ninguém**.

Em geral, quando o pronome indefinido *tudo/todo (a/s)* está na posição de sujeito, não co-ocorre com advérbios de negação. Exemplos:

- (5) a. **Todo** o mundo bateu palmas.
b. **Todo** o mundo **não** bateu palmas.

O pronome indefinido *outro* pode ser usado como segundo membro de uma enumeração em que o membro inicial é *um (a/s)*. Exemplos:

- (6) a. **Umas** pessoas trabalham, **outras** só descansam.
b. **Uns** assaltam para roubar coisas, **outros** assaltam para matar.

2 – PORTUGUÊS ORAL DE MAPUTO

O principal desvio no uso dos pronomes indefinidos diz respeito à omissão do artigo definido que é obrigatório quando é usado o pronome *todo* (a/s) (Ficha I). Exemplo:

- (7) **Todo terreno** tem dono. (= todo o terreno)

No uso dos pronomes indefinidos ocorrem também desvios na selecção das formas adequadas em contextos em que há um advérbio de negação (Ficha II). Exemplos:

- (8) a. **Nunca** dei porrada a **alguém**. (= ninguém)
b. **Todos não** éramos do mesmo distrito. (= ninguém era...)¹

Embora com carácter menos sistemático, também se verifica o emprego do pronome substantivo *tudo* num contexto que requer o uso da forma adjectiva correspondente (Ficha II). Exemplo:

- (9) É suficiente para **tudo** mês. (= todo o mês)

Nas construções em que ocorre *um* (a/s)...*outro* (a/s), verifica-se a tendência para empregar a forma *outro* (a/s) como primeiro membro (Ficha II). Exemplo:

- (10) **Outra** está na sétima, a **outra** está na sexta classe.
(= uma está ... a outra está ...)

¹ Frase extraída do corpus de Gonçalves (1990)

3 – FICHAS DE EXEMPLOS

FICHA I: Omissão do artigo definido com o pronome *todo (a/s)*

- Não conheço **todas** profissões. (= todas as)
- **Todas** pessoas pagam renda mensalmente. (= todas as pessoas)
- Devem ter **todas** regalias. (= todas as regalias)
- **Todos** detalhes eram dados a ele. (= todos os detalhes)
- Tive que anular **todos** programas. (= todos os programas)
- **Toda** criança é assim. (= toda a criança)
- **Todo** terreno tem dono. (= todo o terreno)
- Não há-de ser **todos** maridos que hão-de ser maus. (= todos os maridos)
- Eu não tenho **toda** força. (= toda a força)

FICHA II: Dispersos

- Não tinha **alguém** que me podia sustentar." (= ninguém)
- Nos sábados nem posso ir à **nenhuma parte**" (= parte alguma)
- Trouxeram **tudo** o dinheiro exigido" (= todo)
- É suficiente para **tudo** mês" (= todo o mês)
- **Outra** está na sétima...a **outra** está na sexta classe..." (= uma está.... a outra ...)
- **Outro** era um agente da polícia **outro** era um ladrão" (= um era...outro...)
- **Outros** ficaram debaixo e **outros** ficaram em cima. (uns ficaram...outros...)

4 - EXERCÍCIOS

1. Preencha os espaços em branco com as formas **todo o, toda a, todos os, todas as**.

- a) Tive que anular _____ programas do fim-de-semana porque precisava de trabalhar.
- b) No campo _____ terreno tem dono.
- c) Esta manhã _____ pessoas chegaram atrasadas ao serviço.
- d) _____ criança gosta de doces.
- e) Os trabalhadores devem exigir _____ regalias previstas por lei.

2. Escolha a alternativa correcta, conforme o exemplo.

Ex: Vou à escola **todos** dias. ()

Vou à escola **todos os** dias. (X)

- a) Não conheço todos os "dumba-nengues3". ()
Não conheço todos "dumba-nengues". ()
- b) **Todas as** pessoas do meu bairro apoiam a limpeza das ruas. ()
Todas pessoas do meu bairro apoiam a limpeza. ()
- c) Os alunos estudaram **toda** matéria. ()
Os alunos estudaram **toda a** matéria. ()
- d) **Todo** trabalho realizado foi entregue ao chefe. ()
Todo o trabalho realizado foi entregue ao chefe. ()
- e) Visitámos **todas as** instalações. ()
Visitámos **todas** instalações. ()

3. Rescreva a frase, introduzindo o advérbio de negação *não* e substituindo o pronome destacado, conforme o exemplo.

Ex: Vi **alguém** a espreitar pela janela. (não)
Não vi *ninguém* a espreitar pela janela.

a) Tinha **alguém** para me ajudar. (não)

b) Eles chamaram **alguém** para os apoiar. (não)

c) Conhecemos **alguém** com quem conversar. (não)

d) Tenho **alguém** para me sustentar. (não)

4. Escolha a alternativa correcta, conforme o exemplo.

Ex: Os alunos trouxeram **todo o** material. (X)
Os alunos trouxeram **tudo** material. ()
Os alunos trouxeram **tudo o** material. ()

a) Os polícias encontraram **tudo o** dinheiro roubado. ()
Os polícias encontraram **todo o** dinheiro roubado. ()
Os polícias encontraram **tudo** dinheiro roubado. ()

b) O arroz que comprei é suficiente para **tudo** mês. ()
O arroz que comprei é suficiente para **tudo o** mês. ()
O arroz que comprei é suficiente para **todo o** mês. ()

c) Durante **tudo** ano, pensei nas férias. ()
Durante **tudo o** ano, pensei nas férias. ()
Durante **todo o** ano, pensei nas férias. ()

- d) Ele gastou **tudo o** dinheiro a pintar a casa. ()
Ele gastou **todo o** dinheiro a pintar a casa. ()
Ele gastou **tudo** dinheiro a pintar a casa. ()

5. Dê as respostas às perguntas, usando os pronomes *um ... uma, uns ... umas, outro... outra, outros ... outras*, conforme o exemplo.

Ex: Quem eram os ocupantes do chapa acidentado?
(trabalhadores / estudantes)

Uns eram trabalhadores, outros estudantes.

a) Onde ficaram os convidados? (na sala / na varanda)

b) De onde vieram as mangas? (de Boane / da Matola)

c) Em que classe estão os teus dois filhos? (na sexta / na sétima)

d) Quem eram as pessoas com quem estavas a falar?
(polícia / ladrão)

e) Onde guardaste os pães? (no armário/ em cima da mesa)

6. Preencha os espaços em branco com uma das seguintes possibilidades: *todo o, toda a, todos os, todas as, um, uma, uns, umas, outro, outra, outros, outras, ninguém*.

_____ pessoas que vivem nos bairros suburbanos e
trabalham na cidade, têm problemas de transporte.

vão para o serviço a pé e _____ vão de chapa-cem. Às vezes há trabalhadores que ficam _____ manhã na estrada e os chapas não passam. Muitas vezes passo de carro mas nunca _____ me pediu boleia. Ontem não havia _____ na estrada porque os transportes não falharam.

III – PRONOMES PESSOAIS

1 – A NORMA PADRÃO EUROPEIA

Os pronomes pessoais caracterizam-se por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, *quem fala* (1.^a pessoa), *com quem se fala* (2.^a pessoa) e *de quem se fala* (3.^a pessoa). Exemplos:

- (1) a. Tu preferes ficar aqui numa miséria.
b. Um dos nadadores lançou-se à piscina e apanhou-o lá em baixo.
c. Já **lhe** tinha falado disso.

Quanto à função, os pronomes pessoais podem ser rectos ou oblíquos. Designam-se rectos quando funcionam como sujeito da oração (ex.(1a)) e oblíquos quando funcionam como objecto directo (OD) (ex.(1b)) ou indirecto (OI) (ex.(1c)).

Quanto à acentuação, os pronomes pessoais sujeito só têm a forma tónica, enquanto os oblíquos podem ser tónicos ou átonos.

O quadro seguinte sistematiza estas informações.

		Pronomes Pessoais Rectos	Pronomes Pessoais Oblíquos	
			átonos	tónicos
Singular	1. ^a Pessoa	eu	me	mim, comigo
	2. ^a Pessoa	tu	te	ti, contigo
	3. ^a Pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1. ^a Pessoa	nós	nos,	nós, connosco
	2. ^a Pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3. ^a Pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Os pronomes pessoais átonos podem estar colocados (a) depois do verbo (*enclíticos*) (ex.(2a)); (b) antes do verbo (*proclíticos*) (ex.(2b)) e no meio da forma verbal (*mesoclíticos*), posição que é só possível com as formas do futuro e do condicional (ex.(2c)). Exemplos:

- (2) a. Eu retirei-me do exército moçambicano no ano passado.
b. Daqui não saio, daqui ninguém me tira!
c. Isso ser-me-á difícil este ano.

Em frases básicas, com as formas simples do verbo, os pronomes pessoais átonos ocupam normalmente a posição enclítica.

Os pronomes pessoais átonos podem ocupar a posição proclítica, quer se trate de forma simples do verbo, quer de formas complexas em que os auxiliares são os verbos *ter* ou *ser*. De acordo com Mateus et al. (1989:330-333), entre os diferentes contextos em que é usada a próclise, destacam-se os casos em que:

- ocorre um operador em posição pré-verbal, i.e., um advérbio de negação (ex. (3a)), um SN quantificado (ex. (3b)), um morfema interrogativo (ex.(3c)) ou certos advérbios como: *só, já, também, até, sempre* (ex. 3d)). Exemplos:

- (3) a. Não me deixavam sair.
b. Aqui tudo se faz à distância.
c. Quando é que me levas para lá?
d. Sim eu já lhe tinha falado disso

- existe um introdutor de subordinação. Exemplos:

- (4) a. Quando ele se virou para lá aquele levantou-se.
b. Trocámos aquela roupa que eles nos tinham dado.

Note-se que, em frases básicas, quando são usadas formas verbais complexas, construídas com verbos auxiliares modais, temporais e aspectuais (por ex. *dever, ir e começar*), os pronomes pessoais podem ocorrer em ênclise ao verbo auxiliar (exs. (5a) e (6a)) ou em ênclise à forma infinitiva (exs. (5b) e (6b)). Exemplos:

- (5) a. Vou-me responsabilizar por esta actividade.
b. Vou responsabilizar-me por esta actividade.

- (6) a. Os meninos **podem-me perseguir**.
b. Os meninos **podem perseguir-me**.

Nos contextos acima indicados, em que é requerida a próclise (ver exs. (3) e (4)), quando são usadas formas verbais complexas, os pronomes pessoais átonos podem ocorrer em próclise ao verbo auxiliar (exs. (7a) e (8a)) ou em ênclise ao verbo principal (exs. (7b) e (8b)). Exemplos:

- (7) a. Ele **não se vai sentir** à vontade.
b. Ele **não vai sentir-se** à vontade.
- (8) a. Eu sei **que me podes ajudar**.
b. Eu sei **que podes ajudar-me**.

2 – O PORTUGUÊS ORAL DE MAPUTO

No POM, a par da ocorrência de pronomes pessoais, cujos padrões obedecem à norma europeia, também se observam construções que violam esta norma. Assim, da análise dos pronomes pessoais existentes no *corpus*, foram constatados desvios no que diz respeito (a) à flexão dos pronomes pessoais oblíquos da 3ª pessoa, com as funções de OD e OI, e (b) aos padrões de ordem dos pronomes pessoais átonos.

No que se refere especificamente à flexão dos pronomes pessoais oblíquos da 3ª pessoa, verifica-se que são mais frequentes os desvios no emprego das formas próprias para OD. Exemplos:

- (9) a. Há outras moças que já querem **a ele**. (= já o querem)
b. Se o aluno não tiver dinheiro, o professor chumba-**lhe**. (= chumba-o)
c. Apanhou **ele** aqui. (= Apanhou-o)

O exemplo (9a) ilustra o caso em que os falantes recorrem, de forma sistemática, ao uso do padrão *Prep + Pronome pessoal*

tónico (Ficha I). O exemplo (9b) mostra o caso em que os falantes sobregeneralizam o uso da forma *lhe*, própria para OI, em contextos em que, na norma europeia, só se admitiria o pronome *o/a(s)* (Ficha II). Finalmente, o exemplo (9c) representa o caso, menos sistemático, de selecção do pronome pessoal tónico *ele/a(s)*, no lugar do pronome pessoal átono *o/a(s)* OD (Ficha III).

Quanto aos casos da selecção incorrecta do pronome pessoal com a função de OI, os falantes adoptam, de forma sistemática, o padrão *Prep + Pronome pessoal tónico* em vez da forma átona apropriada para o OI, *lhe(s)* (Ficha IV). Exemplo:

- (10) Se eu tivesse um quarto vago dispensava **a eles**.
(= dispensava-lhes)

No que diz respeito aos padrões da ordem dos pronomes pessoais átonos, registam-se com maior frequência casos de adopção do padrão enclítico (*V-Pron*) (ver também Nhampule (1996) e Gonçalves (1997)), mesmo quando se trata de contextos que, de acordo com a norma europeia, exigem a próclise.

Duma maneira geral, o pronome pessoal ocorre em ênclise em construções de subordinação, dominando os casos em que ocorre o pronome relativo *que* (ex. (11a)) (Ficha V), a conjunção integrante *que* (ex. (11b)) (Ficha VI), e a conjunção temporal *quando* (ex. (11c)) (Ficha VII). Exemplos:

- (11) a. O jardim **que** mais impressiona-me é o jardim Tunduru. (= me impressiona)
b. Parece **que** arrependeu-se bastante. (= se arrependeu)
c. **Quando** desliga-se energia, você vai para lá mexer nos fios. (= se desliga)

Pouco sistemáticos foram os casos de adopção da ênclise, envolvendo outro tipo de operadores de subordinação (Ficha VIII). Exemplos:

- (12) a. Não, **porque** ele chamou-me para falar das bolachas. (= me chamou)

- b. Estamos a fazer qualquer coisa **para que** então ajuda-se a criança. (= se ajude)

A ênclise é também o padrão da ordem adoptado nos casos em que ocorre um operador em posição pré-verbal, em que, segundo a norma europeia, deveria ser usada a próclise. No *corpus*, os casos mais frequentes são aqueles em que é usado um advérbio de negação com perífrases verbais, e a tendência dos falantes é para colocar o pronome em ênclise ao verbo auxiliar (Ficha IX). Exemplos:

- (13) a. **Não vais me dizer** que estás apaixonada (= não me vais dizer/não vais dizer-me...)
b. Eu **nunca vou me esquecer** desta amizade (= nunca me vou esquecer/nunca vou esquecer-me)

O padrão enclítico também ocorre com outro tipo de operadores: SN quantificado (ex. (14a)), morfemas interrogativos (ex. (14b)) e outros advérbios (ex. (14c)) (Ficha X). Exemplos:

- (14) a. Sim, **tudo** experimenta-se. (= se experimenta)
b. **Como é** que **vais te arranjar**? (= te vais arranjar/vais arranjar-te)
c. Ela **sempre** manteve-se em silêncio (= se manteve)

Nos casos em que ocorrem perífrases verbais, a tendência dominante é para colocar o pronome pessoal em ênclise ao verbo auxiliar, quer se trate de casos em que, de acordo com a norma europeia, é requerida a próclise ao verbo auxiliar *ter* (ex. (15a)) ou de casos em que ocorrem auxiliares temporais, modais e aspectuais e são permitidas duas opções no Português europeu: a próclise ao auxiliar ou a ênclise ao verbo principal (exs. (15b) e (15c)) (Ficha XI)¹. Exemplos:

¹ Note-se que nesta Ficha XI estão incluídos casos já inseridos noutras Fichas. O objectivo é agrupar as frases em que ocorrem perífrases verbais, independentemente dos factores que regulam a posição do pronome pessoal.

- (15) a. Trocámos aquela roupa **que** eles **tinham-nos dado** (= nos tinham dado)
b. Eu penso **que** ia **me sentir** muito perdida. (= me ia sentir/sentir-me-ia)
c. Eu sei que **não** **podes** **me ajudar**. (= me podes ajudar/ajudar-me)

Nos materiais analisados, se bem que numericamente pouco significativos, também se notam casos, em que o pronome pessoal átono ocorre à direita do verbo conjugado em contextos em que a norma europeia exige a mesóclise. Exemplo:

- (16) Eu **responsabilizaria-me** disso. (= responsabilizar-me-ia)

A Ficha XII contém os casos dispersos.

3 – FICHAS DE EXEMPLOS

FICHA I: **Uso da estrutura “prep + pronome pessoal” tónico em vez das formas átonas do objecto directo**

- Vinham buscar **a ela**. (= buscá-la)
- Ontem viste **a eles** lá em casa. (= viste-os)
- Estou ver **a eles** trabalhar. (= vê-los)
- Eu amei **a ele**. (= amei-o)
- Há outras moças que já querem **a ele**. (= o querem)
- Eu amo **a ele**. (= amo-o)
- Ela diz que deixou **a ti** lá. (= te deixou)
- Conhecem **a eles**? (= conhecem-nos?)
- Um dos nadadores lançou-se à piscina e apanhou **a ele** lá em baixo. (= apanhou-o)
- Quem sabe se eu quero ajudar **a ela**? (= ajudá-la)
- Levaram **nela** para dentro. (= levaram-na)
- Eu vou convencer **a ela**. (= convencê-la)
- Os pais deviam falar com os filhos, tentarem educar **a eles**. (= educá-los)

- Deixa a **ela** este ano. (= deixa-a)
- Eu não conheço a **ela**. (= não a conheço)
- Teve que socorrer a **ele**. (= socorrê-lo)
- É para a gente não conhecer a **ele**. (= não o conhecer)

FICHA II: Uso dos pronomes pessoais átonos complemento indirecto em vez das formas átonas do complemento directo

- Ainda não **lhe** vi. (= não o vi)
- Ele foi **lhe** tirar. (= tirá-lo)
- Você podia ir numa de vou-**lhe** aconselhar. (= aconselhá-lo)
- Ela está sempre comigo, coladinha a mim, para **lhe** ajudar a escolher o arroz. (= a ajudar)
- Quando um homem chama-**lhe**... (= a chama)
- Seria bom eu **lhe** conhecer. (= conhecê-lo)
- Teve bebé com o indivíduo que **lhe** abandonou. (= a abandonou)
- Não vais **lhe** ofender. (= não o vais ofender/ofendê-lo)
- Levam a miúda para o quarto, vestem-**lhe**. (= vestem-na)
- Estávamos ao pé do hospital e fui **lhe** deixar. (= deixá-la)
- O motivo que **lhes** leva a estarem aí na rua... (= os leva)
- Se o aluno não tiver o dinheiro, o professor chumba-**lhe**. (= chumba-o)

FICHA III: Uso do pronome pessoal tónico *ele/a* em vez das formas átonas do complemento directo

- Apanhou **ele** aqui. (= encontrou-o)
- Gostávamos de ver **ele** cantar. (= de o ver cantar/de vê-lo cantar)
- Eu vi **ela** a me agarrar aqui. (= vi-a)
- Quando consegue tirar **ele** para superfície... (= tirá-lo)
- Você há-de ver **ele** a desenvolver, você fica na mesma. (= vê-lo)
- Outros fervem água, deitam **ela**. (= deitam-na)
- Eu ouvi **ela** a procurar... (= ouvi-a)

FICHA IV: Uso da “prep + pronome pessoal tónico” em vez das formas átonas do complemento indirecto

- ... fazer a carta entregar **a ele**. (= entregar-lhe)
- Se eu tivesse um quarto vago, dispensava **a eles**.
(= dispensava-lhes)
- Eu disse **a eles** “Tudo bem”. (= disse-lhes)
- A minha mãe não vai estar a dar dinheiro **a mim** até agora.
(= dar-me)
- Agora é que diz **a mim**... (= agora é que me diz.)
- Afinal de conta é a mesma proposta que **fizeram a mim**.
(= ... me fizeram)
- Então eu pergunto **a ela** “Então tu vens buscar trocos?”
(= pergunto-lhe)
- Cortam, dão um carro **a ele**. (= dão-lhe)
- Meu marido diz **a mim**... (= diz-me)

FICHA V: Uso da ênclise em construções de subordinação com o pronome relativo *que*

- Foi **o que** ele disse-me. (= me disse)
- Qual é a coisa **que** ensinou-te? (= ... te ensinou)
- Qual é a equipa **que** mais impressiona-te? (=... te impressiona)
- O jardim **que** mais impressiona-me... (=... me impressiona ...)
- Já estão **os que** esforçaram-se bastante. (= se esforçaram)
- Tínhamos outros **que** ensinavam-nos. (= nos ensinavam)
- Outra profissão **que** vai-me atrair... (= me vai atrair/atrair-me)
- Um dos professores **que** ensinava-me a quarta classe...
(= me ensinava)
- Qualquer coisa **que** servia-me de transporte pessoal.
(= me servia)
- Não sei se é verdade **o que** tem se dito. (= se tem dito)
- É um namorado **que** aparece-lhes... (= lhes aparece)
- São aquelas pessoas **que** podem-se casar hoje...
(= se podem casar/casar-se)
- Com aquilo há pessoas **que** mesmo sentem-se à vontade.
(= se sentem)
- Há escolas privadas **que** paga-se muito caro. (= se paga)

- Despegar almoço lá é o **que** mais alegrou-me. (= me alegrou)
- Há divórcios **que** devem-se mais à falta de condições financeiras. (= se devem)

FICHA VI: Uso da ênclise em construções de subordinação com o conjunção integrante *que*

- Nós estávamos a ver **que** tornou-se hábito. (= se tornou)
- Acho **que** podes me dizer como é que. (= me podes dizer/dizer-me)
- Eu penso **que** ia me sentir muito perdida. (= me ia sentir/sentir-me...)
- Parece **que** arrependeu-se bastante. (= se arrependeu)
- A igreja (...) acho **que** ajuda-me. (= me ajuda)
- Elas têm me dito **que** dão-se bem. (= se dão)
- Acho **que** devia-se arranjar mais apoios... (= se devia arranjar/arranjar-se)
- Vai crescer a saber **que** deve-se preparar para ir à escola. (= se deve preparar/preparar-se)
- Foi verificar **que** a mana praticamente casou-se. (= se casou)
- Só lia **que** no país tal consome-se isso. (= se consome)

FICHA VII: Uso da ênclise em construções de subordinação com a conjunção temporal *quando*

- Então **quando** ele virou-se para lá, aquele levantou-se. (= se virou)
- **Quando** desliga-se energia, você vai para lá mexer fios. (= se desliga)
- **Quando** um homem chama-lhe aí assim na esquina, ela vai. (= a chama)
- **Quando** aboliu-se as décimas de dia, então tivemos que estudar à noite. (= se aboliu...)
- Nos tempos, **quando** educavam-nos, nós compreendíamos. (= nos educavam)
- Sempre **quando** desloco-me a Nampula vou com o meu pai. (= me desloco)

- **Quando** chega-se à casa da noiva, a noiva está metida no quarto. (= se chega)
- **Quando** ela muitas vezes sentir-se marginalizada, isso pode dar azo ao divórcio. (= se sentir...)
- Sobre divertimento, acho que é **quando** as duas pessoas descontraiem-se né? (= se descontraiem)
- Eles acham que **quando** forem-se juntar com aqueles, hão-de viver melhor. (= se forem juntar/juntar-se)
- Ela **quando** diz-me alguma coisa, eu entendo. (= me diz)
- **Quando** vai-se apresentar em casa dos pais da noiva, os pais não pedem lobolo. (= se vai apresentar/apresentar-se)

FICHA VIII: Uso da ênclise com diferentes introdutores de subordinação

- Não, **porque** ela chamou-me para falar das bolachas. (= me chamou)
- **Onde** talvez organizou-se excursões para quem não tivesse viatura própria. (= se tenha organizado excursões)
- ... **porque** mandou-nos fazer em casa uma casinha. (= nos mandou)
- **Da maneira que** namorava-se há muito tempo... (= se namorava)
- Não sei **por onde** aumentou-se até aqui os preços. (= se aumentou)
- **Embora** diz-se né? (= se diga)
- Estamos a fazer qualquer coisa **para que** então ajuda-se a criança. (= se ajude)
- Foi uma experiência muito amarga **que** até arrependi-me. (= me arrependi)
- Ali há sócio-gerente, há não sei quê, então mediante isso tudo é **que** faz-se a distribuição dos lucros. (= se faz)
- **Para** conseguir-se arranjar emprego e cursos... (= se conseguir)
- Sei lá o quê **para** virem me julgar. (= me virem julgar/julgar-me)
- **Para** virem me visitar. (= me virem visitar/visitar-me)

FICHA IX: Uso da ênclise em construções com advérbios de negação

- Os encarregados de educação por enquanto **não** têm **se** interessado. (= se têm interessado)
- **Não** deixavam-**me** sair. (= me deixavam)
- Os alunos **não** têm-**se** dedicado tanto ao estudo.
(= se têm dedicado)
- **Não** vás **me** ajudar **não**. (= me vás ajudar/ajudar-me)
- Eu sei que **não** podes **me** ajudar. (= me podes ajudar/ ajudar-me)
- Espero não te dizer, **não** revelar-**te** este caso. (= te revelar...)
- Mas se **não** der-**lhe** a chance... (= lhe der a chance)
- **Não** posso **me** considerar profissional.
(= me posso considerar/considerar-me)
- Por isso é que **não** querem-**se** perder.
(= se querem perder/perder-se)
- **Não** vai **me** bater, **não**. (= me vai bater/bater-me)
- Mesmo ele **não** vai **se** sentir a vontade. (= se vai sentir/sentir-se)
- Foi divertido **não** posso **me** queixar.
(= me posso queixar/queixar-me)
- Eu **nunca** vou **me** esquecer desta amizade.
(= me vou esquecer/esquecer-me)
- **Nunca** procurei **me** informar.
(= me procurei informar/informar-me)
- **Não** queria **me** deixar ir. (= me queria deixar ir/deixar-me ir)
- **Não** vais-**te** orgulhar. (= te vais orgulhar/orgulhar-te)
- Eu agora **não** posso **me** decidir. (= me posso decidir/decidir-me)
- Eu sei que **não** podes **me** ajudar. (= me podes ajudar/ não podes ajudar-me)

FICHA X: Uso da ênclise com operadores em posição pré-verbal

- Ainda vamos **nos** submeter a cultura deles?
(= nos vamos submeter/submeter-nos)
- A esse preço **ainda** pode-se comprar
(= se pode comprar/comprar-se)
- Claro que eu já estou **me** sair bem né?
(= me estou a sair/sair-me)
- Eu **só** farto-me de rir. (= me farto...)
- Já está-se organizar. (= se está a organizar/organizar-se)
- Como já vim **te** dizer. (= te vim dizer/dizer-te)
- **Até** esquecem-se que..(= se esquecem...)
- **Talvez** organizou-se excursões para quem não tivesse viatura própria. (= se tenha organizado)
- Acho que na escola **também** vai-se comportar bem.
(= se vai comportar/comportar-se)
- **Sempre** eles iam lá defendiam-me. (= me defendiam)
- Esse tipo de música **ninguém** tira-me do lugar. (= me tira)
- **Ninguém** vai **te** ver. (= te vai ver/ninguém vai ver-te)
- Sim, **tudo** experimenta-se. (= se experimenta)
- **Como** é que vás **te** arranjar? (= te vais arranjar/arranjar-te)
- **O que** é que estava-se a passar?
(= se estava a passar/passar-se)

FICHA XI: Colocação do pronome pessoal com perífrases verbais

- A própria moça é que **deve-se** defender.
(= se deve defender/defender-se)
- Mesmo ele não **vai se** sentir a vontade
(= se vai sentir/sentir-se)
- A esse preço ainda **pode-se** comprar.
(= se pode comprar/comprar-se)
- Claro que eu já **estou me** sair bem né?
(= me estou a sair/sair-me)
- Foi divertido não **posso me** queixar.
(= me posso queixar/queixar-me)

- Então ela **me estava a contar** uma novidade.
(= estava-me a contar/contar-me ...)
- Ninguém **vai te ver**. (= te vai ver/ver-te)
- Sabe onde é que **foi se despedir** de mim?
(= se foi despedir/despedir-se ...)
- Eu não sei se **pode-nos ajudar**. (= se nos pode ajudar/ajudar-nos)
- Eles **conseguem** muito bem **te engatarem**.
(= conseguem-te engatar/engatar-te)
- Sei como **posso te explicar-te**. (= te posso explicar/explicar-te)
- Não **vais me dizer** que estás apaixonada.
(= me vais dizer/dizer-me...)
- São os métodos que **estão se a utilizar** agora
(= se estão a utilizar/utilizar-se)
- Trocámos aquela roupa que eles **tinham-nos dado**.
(= nos tinham dado)
- Os alunos não **têm-se dedicado** tanto ao estudo.
(= se têm dedicado)
- **Começou a me proibir** de treinar.
(= começou-me a proibir/a proibir-me)
- É claro que **pode-se ver**. (= se pode ver/ver-se)
- **Irei-me responsabilizar**.
(= ir-me-ei responsabilizar/responsabilizar-me)
- Por isso é que não **querem-se perder**.
(= se querem perder/perder-se)²
- Não **queriam me deixar** ir. (= me queriam deixar ir/deixar-me)

² Embora o verbo *querer* não seja um verbo auxiliar, ele é aqui incluído, uma vez que, em construções infinitivas, ele se comporta como tal.

FICHA XII: Dispersos

- Não estamos **se** multiplicando.
(= não nos estamos multiplicando)
- Eu matava-**se**. (= eu matava-me)
- Agora eu pergunto **você**s este vosso país... (= pergunto-vos)
- Apanharam **os nós**. (= apanharam-nos)
- Tens **eu** como amigo. (= tens-me a mim)
- Começa **lhe** arrear. (= arrear nele)
- Se fosse você que me apanha com um gajo **mataria-me**.
(= matar-me-ia)
- Ele **se** responsabiliza, fica responsável, não é?
(= responsabiliza-se)
- Nem **se** preocupe em chegar a mesa. (= me)
- Vieram aqui, **nos** deram... (= deram-nos)
- **Me** lembro o que estava a ler. (= lembro-me)
- Um dia destes **trarão-te** o futuro. (= trar-te-ão o futuro)
- Ele foi à minha casa **se** apresentar. (= apresentar-se)
- Mas será-**me** difícil este ano. (= ser-me-á)
- Aquela senhora **nos** ajudou e tudo, deu-nos dinheiro.
(= ajudou-nos)
- **Me** é difícil porque o meu pai ainda não arranjou nenhuma
madrasta. (= é-me difícil)
- Tem que **se** dançar-**se**. (= tem que se dançar)
- **Irei-me** responsabilizar.
(= ir-me-ei responsabilizar/responsabilizar-me)

4 - EXERCÍCIOS

I - Uso da estrutura "Prep + Pronome Pessoal Tónico" em vez das Formas Átonas do objecto indirecto

1. Identifique a alternativa correcta de entre as três apresentadas, conforme o exemplo.

Ex: Apanharam os ladrões?

Apanharam a eles? ()

Apanharam eles? ()

Apanharam-nos? (X)

a) Conhecem os professores da escola?

Conhecem eles? ()

Conhecem a eles? ()

Conhecem-nos ? ()

b) A tia veio buscar a criança.

A tia veio buscar a ela. ()

A tia veio buscá-la. ()

A tia veio buscar ela. ()

c) Os pais querem os filhos bem educados.

Os pais querem-nos bem educados. ()

Os pais querem eles bem educados. ()

Os pais querem a eles bem educados. ()

d) Aquela moça ama o namorado.

Aquela moça ama ele. ()

Aquela moça ama-o. ()

Aquela moça ama a ele. ()

e) Os trabalhadores vão convencer o chefe.

Os trabalhadores vão convencer a ele. ()

Os trabalhadores vão convencer ele. ()

Os trabalhadores vão convencê-lo. ()

2. Substitua as palavras sublinhadas por um pronome, fazendo as transformações ao verbo, quando necessário, conforme o exemplo.

Ex: O pai deixou a filha na escola.
O pai deixou-a na escola.

a) Eu conheço o motorista do chapa.

b) Os pais preocupam-se em educar os filhos.

c) Vi os teus amigos no casamento.

d) Como estava a chover levaram a miúda para dentro de casa.

e) O nadador foi buscar a criança ao fundo da piscina.

II – Uso dos Pronomes Pessoais Átonos objecto indirecto em vez das Formas Átonas do objecto directo

1. Preencha os espaços em branco nas frases dadas, substituindo as palavras sublinhadas por pronomes, conforme o modelo.

Ex: A minha mãe tem muito trabalho.
Eu ajudo-a nos trabalhos de casa.

a) A Joana chegou ontem.
O meu irmão viu _____ no bazar.

- b) **Aquelas miúdas** não estudam.
Esse é o motivo que _____ leva a andar aí na rua.
- c) **O pai da vítima** foi à polícia.
A polícia chamou _____ para prestar declarações.
- d) Há professores que não se preocupam com **os alunos**.
Se os alunos não pagam, o professor chumba _____.
- e) **A Rosa** teve um bebé.
Ficou grávida de um indivíduo que _____ abandonou.

2. Complete as frases com os dados fornecidos entre parênteses.

Ex: O motorista conduz muito depressa.

(**aconselhar o motorista**)

Os colegas ~~aconselharam-no~~ a reduzir a velocidade.

- a) O noivo chega amanhã. (**conhecer o noivo**)
As pessoas querem _____ antes do casamento.
- b) Os pais da minha amiga não autorizavam o namoro dela.
(**convencer os pais**)
Ontem consegui _____ a autorizarem.
- c) A nossa vizinha estava doente. (**deixar a vizinha**)
Fomos _____ no hospital.
- d) A noiva prepara-se para a cerimónia. (**vestir a noiva**)
As velhas _____ no quarto da mãe.
- e) Zangaste-te com o teu tio. (**ofender o teu tio**)
Não vais _____

3. Escolha a alternativa correcta, conforme o exemplo.

Ex: Chegou, a nova **professora**.

Ainda não **lhe** vi. ()

Ainda não **a** vi. (X)

- a) Ele não está a cumprir com as suas tarefas.
Vou aconselhá-**lo** a mudar de atitude. ()
Vou aconselhar-**lhe** a mudar de atitude. ()
- b) Muitos bandidos andam pelas ruas.
A polícia deixa-**lhes** demasiado à vontade nas prisões. ()
A polícia deixa-**os** demasiado à vontade nas prisões. ()
- c) Aos domingos, a minha mãe cozinha melhor.
Ela pede-me sempre para **lhe** ajudar a escolher o arroz. ()
Ela pede-me sempre para **a** ajudar a escolher o arroz. ()

III – Uso do Pronome Pessoal Tónico *ele(s)/a(s)* em vez das formas átonas do objecto directo

1. Preencha os espaços em branco colocando as palavras entre parênteses na forma correcta.

Lurdes Mutola é o nosso orgulho. Gostava de vais _____
(**ver** / **ela**) correr. Quando estive cá de férias os meus colegas
_____ (**encontrar** / **ela**) no Parque dos Continuadores
e _____ (**ouvir** / **ela**) falar com algumas crianças que
estavam felizes e, por isso, foi difícil _____ (**tirar** /
elas) de lá.

2. Identifique a alternativa correcta de entre as duas sugeridas, conforme o exemplo.

Ex: O seu amigo esforça-se para aprender.

Você vai ver **ele** subir na vida e você fica na mesma. ()

Você vai vê-**lo** subir na vida e você fica na mesma. (**X**)

- a) Um miúdo atirou-se para a piscina sem saber nadar.
Um nadador mergulhou e tirou-**o** para a superfície. ()
Um nadador mergulhou e tirou **ele** para a superfície. ()
- b) A nossa aldeia está abandonada.
Gostávamos de ver **ela** desenvolver-se. ()
Gostávamos de vê-**la** desenvolver-se. ()
- c) Os jovens dizem que os adultos não os compreendem.
Os adultos devem ouvi-**los** muitas vezes. ()
Os adultos devem ouvir **eles** muitas vezes. ()

IV – Uso da "Prep+Pronome Pessoal Tónico" em vez das formas Átonas do objecto indirecto

1. Rescreva a frase escolhendo a forma correcta do pronome, conforme o modelo.

Ex: O José escreveu a carta e entregou (**lhe** / **a ele**) para meter no Correio.

O José escreveu a carta e entregou-*lhe* para meter no Correio.

- a) Ele disse (**a eles** / **lhes**) que concordava com a proposta.

- b) A minha mãe vai dar (**me** / **a mim**) dinheiro para comprar pão.

c) O meu marido diz (**me / a mim**) que devo exercer a minha profissão.

d) Perguntei (**a ela / lhe**) por que é que não continua a estudar.

2. Escreva uma frase que complete a ideia da primeira, com a forma correcta do pronome, conforme o modelo.

Ex: Eles precisam de estudar (**vou dispensar/ eles / livro**)

Vou dispensar-*thes* o livro.

a) Ela não veio buscar o troco. (**pergunta porquê / ela**)

b) Os chapas-cem não circulam naquela zona. (**fizeram/ eu / andar a pé**)

c) As pessoas estão preocupadas. (**vamos ajudar / elas**)

V – Uso da Ênclise em Construções de Subordinação

1. Complete cada uma das frases com o material fornecido entre parênteses, colocando o pronome na posição correcta, e fazendo alterações sempre que necessário.

Ex: Qual é a equipa que ... (**mais impressiona-te**)?

Qual é a equipa que *mais te impressiona*?

- a) Qual é a matéria que ... (**ela ensina-nos**)?

- b) Não sei se é verdade o que ... (**tem-se dito**)

- c) Os desempregados pegam no trabalho que ... (**aparece-lhes primeiro**)

- d) Aqueles que ... (**casam-se**) hoje em dia têm dificuldade de encontrar casa.

- e) Há divórcios que ... (**devem-se**) a problemas financeiros.

2. Inicie as frases por **eles dizem que**, substituindo as palavras sublinhadas, conforme o exemplo.

Ex: **Nós** vimos **o ladrão**.

Eles dizem que o víram.

- a) **Nós** cumprimos as **obrigações**.

b) **Nós** ajudámos a **jovem**.

c) **Nós** arrependemo-**nos** da decisão.

d) **Nós** podíamos ajudar-**te**.

3. Forme uma única frase a partir das duas dadas, usando a palavra sugerida entre parênteses.

Ex: (**Quando**) um homem chama-a. Ela vai.

Quando um homem *a* chama ela vai.

a) (**Quando**) ela virou-se para o quadro, o aluno levantou-se.

b) Cheguei tarde à festa, (**porque**) o meu pai chamou-me para falar das notas.

c) (**Para**) conseguir-se peixe fresco. É preciso conhecer os pescadores.

d) (**Quando**) ele dá-me conselhos. Eu aceito.

e) Antigamente os noivos conheciam-se melhor, (**porque**) namorava-se mais tempo.

4. Escolha alternativa correcta de entre as duas propostas, conforme o exemplo.

Ex: Não fui ao aniversário porque ...

ela **chamou-me** para conversar. ()

ela **me chamou** para conversar. (X)

a) Vou conhecer a Namaacha porque ...

se vai organizar uma excursão na escola. ()

vai-se organizar uma excursão na escola. ()

b) Demora-se muito a chegar porque...

tem de se ir devagar.

se tem de ir devagar. ()

c) Em Maputo dá-se muitas voltas para...

conseguir-se arranjar emprego. ()

se conseguir arranjar emprego. ()

d) Os jovens têm poucas esperanças embora ...

se estejam a preparar bem para os exames. ()

estejam-se a preparar bem para os exames. ()

e) Diz aos teus amigos para ...

virem-me visitar. ()

virem visitar-me. ()

5. Preencha os espaços em branco, colocando correctamente na frase o material entre parênteses.

Os meios de transporte são um grande problema na nossa cidade. Quando uma pessoa _____ (**ter que / se / deslocar**) para qualquer lado é uma preocupação. Eu acho que _____ (**dever / se / criar**) condições para os trabalhadores e estudantes terem transporte seguro. Quando _____ (**abolir / se**) a décima classe passei a estudar à noite porque _____ (**matricular / se**) num curso de Inglês. Uns anos mais tarde, _____ (**sentir / se / mal**) a estudar

com colegas mais novos na décima e, por isso, continuei a estudar à noite. Tive muitas dificuldades de transporte. Para _____ (**conseguir / se**) resolver este problema ainda vai passar muito tempo.

VI – Uso da ênclise em construções com advérbios de negação e com operadores em posição pré-verbal

1. Coloque C ou I conforme a frase seja correcta ou incorrecta. Se a frase estiver incorrecta sugira a correcção, conforme o exemplo

Ex: 1 – Os Encarregados de Educação **não se têm interessado** pelos seus educandos. (**C**)

2 – Os motoristas dos chapas **não têm-se esquecido** das suas obrigações. (**I**)

Os motoristas não se têm esquecido da suas obrigações.

a) Quando era pequena, os meus pais **não deixavam-me** sair sozinha. ()

b) **Nunca procurei me informar** sobre as outras províncias. ()

c) Os noivos **até esquecem-se** dos convidados. ()

d) Os meus pais **não me deixavam** estudar à noite. ()

e) Ele **não vai se sentir** à vontade. ()

f) Como **é que te vais arranjar?** ()

g) Tu **nunca te vais esquecer** dos amigos. ()

h) Eles **não se podem** queixar do salário. ()

i) Eles **sempre informavam-me** de tudo. ()

j) **Não vais-te orgulhar** da tua preguiça. ()

k) O que **é que está-se a passar?** ()

l) Nós **não podemos nos** queixar dos transportes. ()

m) **Nunca vou-me esquecer** do teu apoio. ()

2. Dê respostas às perguntas, integrando nas frases o material entre parênteses, fazendo as transformações necessárias, conforme o exemplo.

Ex : Deixaram-te sair sozinha? (**não / eu**)

Não me deixaram sair sozinha.

a) Podes me ajudar? (**não / tu**)

b) Vais esquecer-te desta amizade? (**nunca / eu**)

c) Ele vai-se sentir bem? (**não / ele**)

d) Podes-te considerar profissional? (**não / eu**)

e) Procuraste informar-te dos horários? (**nunca / eu**)

3. Rescreva a frase fazendo as alterações necessárias, conforme o exemplo.

Ex: Nós vamos submeter-nos às regras deles.

Nós ainda nos vamos submeter às regras deles.

a) Eu vou-me embora.

Eu **já** _____.

b) Vais defender-te das acusações?

Sempre _____.

- c) O Gustavo vai-te ver cantar.
Ninguém _____.
- d) Nos primeiros dias de aula, ria-me com a colega de carteira. Nos primeiros dias de aula, **só** _____.
- e) Pode-se comprar pão a preço baixo.
Ainda _____.

VII – Colocação do Pronome Pessoal com Perífrases Verbais

1. Coloque o(s) pronome(s) num dos espaços em branco, conforme o exemplo.

Ex: O professor foi acusado de fraude.

Ele ____ deve ____ defender-~~se~~.

ou

Ele ____ deve-~~se~~ defender.

- a) Os alunos estudam pouco.
 Eles ____ devem ____ preparar ____ para o exame.
- b) A minha amiga vai de férias.
 Eu ____ vou ____ despedir ____ dela.
- c) Ela não estava preparada para nos receber.
 Ela ____ podia ____ organizar ____ melhor.
- d) Os motoristas conduzem depressa.
 Estão ____ a ____ verificar ____ muitos desastres.
- e) Falei muito com o meu colega.
 Estava ____ a ____ contar ____ novidades.

- f) Nós estudamos pouco.
O meu pai ____ vai ____ proibir ____ de sair de casa.
- g) É sempre bom passear a pé.
____ pode ____ ver ____ muitas pessoas conhecidas na rua.

2. Identifique a alternativa correcta de entre as sugeridas, conforme o exemplo.

Ex: O meu pai começou a **impedir-me** de treinar. (X)
O meu pai começou a **me impedir** de treinar. ()

- a) O professor **ia fazer-lhe** uma pergunta fácil. ()
O professor **lhe ia fazer** uma pergunta fácil. ()
- b) Eu **irei me responsabilizar** pelos meus erros. ()
Eu **irei responsabilizar-me** pelos meus erros. ()
- c) Se **nos tivessem ensinado** não perdíamos tanto tempo. ()
Se **tivessem nos ensinado** não perdíamos tanto tempo. ()
- d) Vou **começar a proibir-te** de sair durante a semana. ()
Vou **começar a te proibir** de sair durante a semana. ()
- e) Os meninos **poderão me perseguir**. ()
Os meninos **poderão perseguir-me**. ()

IV – ORAÇÕES INTEGRANTES

1 – NORMA PADRÃO EUROPEIA

As orações integrantes¹ são o resultado de uma operação de encaixe de uma frase noutra.

As orações integrantes podem ser o complemento directo de verbos de várias classes semânticas (declarativos, perceptivos, actividade mental, volitivos, optativos, etc)². Exemplos:

- (1) a. Ela pensa [que pode subir o preço].
b. O professor não vê [que os alunos não entendem].

As orações integrantes também podem ser um complemento preposicional do verbo. Exemplos:

- (2) O Manuel insistiu [em que todos acabassem o trabalho].

As orações integrantes podem ser finitas (exs. (3a e b)) ou infinitivas (ex. (3c)). No primeiro caso, são introduzidas por *que* ou *se*, e o verbo pode estar no modo indicativo ou no conjuntivo, e no segundo ocorre o infinitivo. Exemplos:

- (3) a. Eu penso [que o namoro é indispensável].
b. Eu gostaria [que os meus filhos casassem].
c. Nós lamentamos [o facto de as crianças não terem educação moral].

As orações integrantes podem resultar de uma operação de encaixe do discurso directo. Exemplos:

- (4) a. Ele disse: «Eu vou à África do Sul»
b. Ele disse [que ele ia à Africa do Sul].

¹ Em Mateus et al (1989:264), as orações integrantes são designadas “completivas de *que*”.

² Sobre as classes semânticas dos verbos, ver Mateus et al. (1989: 268-278).

No encaixe do discurso directo, além do uso da conjunção integrante como introdutor, também há alterações das formas que designam a pessoa (cf. *eu* Û *ele*), o tempo (cf. *vou* Û *ia*) e o espaço.

2 – PORTUGUÊS ORAL DE MAPUTO

No POM, a tendência principal na construção das orações integrantes, relaciona-se com a regência destas orações por preposições com verbos que no Português europeu seleccionam um complemento directo. O caso mais frequente é o da regência pela preposição *de* (ex. (5a)), embora também ocorram orações integrantes regidas pelas preposições *com* e *para* (exs. (5b e c)) (Ficha I). Exemplos:

- (5) a. Consigo ver [**de** que há mais mulheres que homens].
(= ver que)
- b. Exigia [**com** que o aluno fizesse os apontamentos].
(= exigia que)
- c. Mandou [**para** voltar aonde estava a criança].
(= mandou voltar)

No encaixe do discurso directo, verifica-se a tendência para usar a conjunção *que*, sem realizar as operações de encaixe das formas que designam a pessoa, o tempo e o espaço. Na maior parte dos casos, a conjunção integrante é regida pela preposição *de* (Ficha II). Exemplos:

- (6) Disse [**de** que «Estávamos aqui a conversar.»] (= disse:)

No corpus também se registam casos em que as orações integrantes não são introduzidas por qualquer conjunção (Ficha III). Exemplo:

- (7) Acho [tu és ciumenta]. (= acho que)

3 – FICHAS DE EXEMPLOS

FICHA I: Regência da oração integrante por preposição

- Eles educavam dizendo **de** que era assim. (= dizendo que)
- Diziam **de** que eu sou chefe da casa. (= diziam que)
- Dizem **de** que as miúdas é que têm manias. (= dizem que)
- Se o Gabriel, pá, disser **de** que ele é ladrão... (= disser que)
- Disse **de** que a bicicleta não estava em condições. (= disse que)
- Já que dizes **de** que és bom futebolista. (= dizes que)
- Tem-se dito **de** que as pessoas casam-se. (= tem-se dito que)
- Consigo ver **de** que há mais mulheres que homens. (= ver que)
- Estamos a ver **de** que em Moçambique, a língua mais falada é o português. (= ver que)
- Vejo **de** que este homem não está preocupado. (= vejo que)
- Nós lamentávamos bastante **de** que talvez eles vão desistir.
(= lamentávamos que)
- Quando eles começam a falar, ele sente **de** que está fora da educação. (= sente que)
- A minha mulher sabe **de** que aquilo que estou a fazer é para apoiar. (= sabe que)
- Sei **de** que a partir da altura em que deixei de trabalhar...
(= sei que)
- Vocês consideram **de** que a música está a evoluir.
(= consideram que)
- Acha **de** que há suborno. (= acha que)
- Acha **de** que a secção pedagógica controla bem. (= acha que)
- Esquece **de** que os outros não têm. (= esquece que)
- Exigia **com** que o aluno fizesse os apontamentos. (= exigia que)
- Aqui na área tentaram **para** ajudar a ela. (= tentaram ajudá-la)

FICHA II: Encaixe do discurso directo

- Disseram que “Eh pá, já não vai a tempo.” (disseram:)
- Disse **de que** “Estávamos aqui a conversar.” (= disse:)
- Disse **que** “Preciso até sexta feira.” (= disse:)
- Pensaste dizer **de que** “Que tal aquele gajo ser meu amigo?.” (= dizer:)
- As mães deixaram de reagir **de que** “Vocês não devem fazer...” (= dizer:)
- Amanhã, quando a mulher ver **de que** “Eh pá hoje estou bom.” (= vê:)
- Os velhos compreendiam **de que** “É verdade.” (= compreendiam:)
- Eles também vêem **que** “Hã, é feio mesmo.” (= vêem:)
- A pessoa fica a ver **que** “Bem, nós devemos actuar assim.” (= ver:)
- Vai dizer **que** “Vai receber teu taco.” (= dizer:)

FICHA III: Ausência de introdutor de subordinação

- Não acredito tão cedo possa-se resolver. (= acredito que)
- Acho é só quererem. (= acho que)
- Exige cada trabalhador cumprir com os seus deveres.
(= exige que...cumpra)
- Nós queremos os nossos filhos aprendam. (= queremos que)
- Quando o pai vai procurar saber, apanha lá o filho chumbou por faltas. (= descobre lá que)
- Vamos supor tu estás a dar aula. (= supor que)
- Agora uma pessoa não aceita você educar o filho dele.
(= aceita que você eduque...)
- Penso lá talvez fácil arranjar. (= penso que lá talvez seja)
- Parece foi arranjar aquelas coisas. (= parece que)

4 - EXERCÍCIOS

I - Regência por preposição

1. Complete os espaços em branco com uma das formas dadas, conforme o exemplo apresentado.

Ex: Consigo ver que há mulheres e homens no comício.
(de que / que)

- a) O professor exigiu _____ o aluno escrevesse os apontamentos. (com que / que)
- b) O meu pai mandou-me _____ voltasse para Tete.
(para que / que)
- c) Nós lamentámos _____ ele não fosse bom futebolista.
(de que / que)
- d) A minha mulher sabe _____ a solução do problema é difícil. (de que / que)
- e) O Manuel pediu _____ todos fôssemos com ele para a aldeia. (para que / que)

2. Complete as frases iniciadas com uma das formas apresentadas, seguindo o exemplo.

Ex: Tu dizes (que / de que) és bom futebolista.

Tu dizes que és bom futebolista.

- a) Ele pedia (que tu / para que) viesses de férias.

b) Vejo (**que / de que**) o homem não está cansado.

c) Sugeriram (**que / para que**) fosses no mesmo avião.

d) Exigia (**que / com que**) todos tivessem o livro.

e) Ordenaram (**que / para que**) os filhos ficassem em casa.

II – Encaixe do discurso directo

1. Indique com um X a frase que está correctamente construída.

Ex: A avó disse que come a laranja. ()

A avó disse: "Come a laranja". (X)

A avó disse de que come a laranja. ()

a) O colega pediu que empresta-me a tua caneta. ()

O colega pediu: "Empresta-me a tua caneta". ()

O colega pediu de que empresta-me a tua caneta. ()

b) O professor propôs: " Vamos resolver este exercício". ()

O professor propôs que vamos resolver este exercício. ()

O professor propôs de que vamos resolver este exercício. ()

c) O Director Pedagógico afirmou de que este ano vamos ter carteiras novas. ()

O Director Pedagógico afirmou: "Este ano vamos ter carteiras novas". ()

O Director Pedagógico afirmou que este ano vamos ter carteiras novas. ()

- d) O polícia lamentou: "Aquele carro foi roubado". ()
 O polícia lamentou de que aquele carro foi roubado. ()
 O polícia lamentou que aquele carro foi roubado. ()
- e) O Joel disse de que a bicicleta não está em boas condições. ()
)
 O Joel disse: "A bicicleta não está em boas condições". ()
 O Joel disse que a bicicleta não está em boas condições. ()

2. Transforme as frases dadas, seguindo o exemplo apresentado.

Ex: As mães disseram que não levam as crianças para a machamba.

As mães disseram: "Não levamos as crianças para a machamba".

- a) Eles pediram que trouxéssemos o T.P.C. resolvido.

- b) As pessoas responderam que não costumavam ouvir o noticiário.

- c) O pai disse ao filho que já não ia a tempo para os treinos.

- d) Na reunião, o director informou que os preços vão aumentar.

- e) O general confirmou que nós devemos actuar assim.

III – Ausência de introdutor de subordinação

1. Complete as frases iniciadas, usando a expressão dada e seguindo o exemplo.

Ex: Vamos supor **(tu não ir à praia)**

Vamos supor *que ontem não foste à praia.*

a) Vou acreditar (**essa criança não apanhar tétano**)

b) Parece (**todos os alunos ir ao Museu, amanhã**)

c) O Manuel quer (**os amigos trazer a cassete, à tarde**)

d) Nós aceitamos (**o melhor trabalho ser da Laura**)

e) Eles acham (**o seu jornal de turma estar bem organizado**)

2. Organize o material dado em frases com sentido, conforme o modelo apresentado.

Ex: O patrão exigir trabalhador cumprir seus deveres.

O patrão exige que o trabalhador cumpra os seus deveres.

a) Ele não acreditar os salários subir este mês.

b) Nós pensar agora ser mais difícil resolver os problemas.

c) Tu supor eles estar na pastelaria.

d) O pai descobrir filhos não ir à escola todos os dias.

e) Nós querer as nossas crianças aprender sempre mais.

V – ORAÇÕES RELATIVAS

1 – NORMA PADRÃO EUROPEIA

Designam-se relativas as orações subordinadas adjectivas introduzidas por um pronome relativo. Existem dois tipos de orações relativas: as restritivas (ex. (1a)) e as apositivas (ex. (1b)). Exemplos:

- (1) a. Aquele supermercado tem tudo aquilo **que a gente quer**.
- b. O conselho pastoral, **que é o governo da igreja**, vai discutir sobre isso.

As orações relativas apositivas podem ter como antecedente um sintagma nominal (ex. (1b)) ou uma frase, caso em que são introduzidas por *que* ou *o que* (ex. (2)). Exemplo:

- (2) Há muitos conflitos entre os crentes, **o que nós lamentamos realmente**.

Segundo Mateus et al. (1989), os pronomes que podem introduzir uma oração relativa restritiva são *que*, *quem*, *o/a(s)*, *qual(is)*, *cujo/a(s)*, *quanto/a(s)*, *onde*. Eis alguns exemplos:

- (3) a. Apareceu o homem **a quem** fizeram tanto mal¹.
- b. Estamos a viver numa casa **onde** pagamos dezoito contos.

Quanto à função sintáctica, os pronomes relativos podem desempenhar as funções de sujeito (SU) (ex. (1b)), objecto directo (OD) (ex. (1a)), objecto indirecto (OI) (ex. (3a)) e oblíquo (OBL) (ex. (3b)).

¹ Exemplo extraído do MATEUS et al (1989).

Os pronomes relativos são regidos por preposição quando têm a função de oblíquo Exemplos:

- (4) a. Já vi o carro **de** que me falaste.
b. Houve uma altura **em** que o vencimento básico era muito baixo.
c. Já li o livro **sobre** o qual escreveste aquela crítica.

Os complementos oblíquos com a função de locativo podem ser expressos por *onde* ou *em que*. Exemplos:

- (5) a. Vê-se o mar da casa **onde** vivemos.
b. Vê-se o mar da casa **em que** vivemos².

Na função de genitivo, pode ser usado o pronome *cujo* ou os pronomes *qual*, *quem*, precedidos da preposição *de*. Exemplos:

- (6) a. O rapaz **cujo** pai detesto é meu amigo.
b. O rapaz, ao pai **do qual/de quem** escrevi, telefonou.

2 – O PORTUGUÊS ORAL DE MAPUTO

Os falantes do POM realizam construções de subordinação relativa cujos padrões não se conformam com os da norma europeia. Os principais desvios estão relacionados com:

- (a) a escolha do introdutor;
(b) a estrutura das orações relativas com pronome OBL.

Relativamente à selecção do introdutor, a maior parte dos desvios relacionam-se com a escolha do pronome relativo com a função de OBL/Locativo. Para casos em que no Português europeu devia ser usado *onde* ou *em que*, os falantes usam *onde (é) que* ou *que* (Ficha I). Exemplos:

² Vide nota 1.

- (7) a. Vai entrar **onde que** a gente dorme. (= onde a gente)
b. Não sei se há uma organização qualquer deles **que** possam fazer valer a sua voz... (=...onde/em que possam...)

Os restantes desvios na escolha do introdutor dizem respeito ao uso do pronome *cujo* (ex. (8a)), à introdução de orações relativas apositivas de frase (ex. (8b)), verificando-se igualmente casos em que não é usado qualquer pronome relativo (ex. (8c)) (Ficha I). Exemplos:

- (8) a. Recebi uma proposta por escrito **cuja essa proposta** era desfavorável. (= que/a qual era desfavorável)
b. Os carros andam superlotados **que podem** criar problemas. (= o que pode)
c. Que tal o preço da cerveja você pratica?
(= que você pratica)

Quanto aos casos (b), em que deveria ocorrer um pronome relativo com a função de OBL, regido de preposição, verifica-se que os falantes ou omitem essa preposição (ex. (9a)) ou “copiam” o complemento regido de preposição no interior da oração relativa (ex. (9b)) (Ficha II). Exemplos:

- (9) a. Naquele dia **que** você saiu... (= em que você...)
b. Eu tenho uma amiga **que** acontece a mesma coisa **com ela**. (=...com/a quem acontece a mesma coisa)

Os casos mais frequentes envolvem a chamada “estratégia cortadora” (ex. (9a)), em que há omissão da preposição, quer com complementos verbais, quer com complementos temporais, adjuntos de frase.

Menos frequentes foram os casos de “cópia” do pronome relativo (ex. (9b)), fenómeno designado igualmente por “estratégia resumptiva”, em que o complemento regido de preposição (sobretudo a preposição *com*) ocorre no interior da oração relativa.

Na Ficha III estão reunidos todos os casos considerados dispersos.

3 – FICHAS DE EXEMPLOS

FICHA I: Escolha do pronome

- ... Escola Secundária do Noroeste 1 **onde que** fiz a sétima.
(= onde fiz)
- Vai entrar **onde que** a gente dorme. (= onde a gente)
- Vai te envergonhar **onde que** você anda. (= onde você anda)
- É **onde que** está a partir o problema, é aí.
(= é (d)onde está a partir)
- Deve acompanhar **onde que** pode sentar os responsáveis.
(= onde se podem sentar)
- Tenho falta de transporte no meu lugar **onde é que** eu vive.
(= no lugar onde vivo)
- Preparam uma sala **que** há-de haver reunião... (= onde/em que)³
- Há escolas privadas **que** paga-se muito caro.
(= onde se paga/em que)⁴
- Não sei se há uma organização qualquer deles **que** possam fazer valer a sua voz... (= onde possam/em que)⁵
- Depende da região **que** as pessoas vivem.
(= em que/onde as pessoas vivem)⁶
- Nós temos que dar aquele lugar a uma pessoa **cuja essa pessoa** enquanto a tua mulher estiver viva não pode ocupar. (= a uma pessoa que/a qual)⁷
- Uma proposta por escrito **cuja essa proposta** estava muito bem açucarada. (= uma proposta por escrito que/a qual)
- Uma agência Isopic **cujo essa agência** para ser o director assistiu uma passagem do filme.
(= uma agência na qual para ser director)
- Não chegam a atingir uma maturidade **tal (...) que isso provoca** mesmo tantos desastres. (= o que provoca)⁸

³ Dado que se pode admitir que foi omitida a preposição *em*, esta frase está também arquivada na Ficha II.

⁴ Vide nota 3.

⁵ Vide nota 3.

⁶ Vide nota 3.

⁷ A partir deste exemplo, e até à nota 3, apresentam-se casos do uso do pronome *cujo/a*.

- O jovem actual gosta de modas **no que** os pais não admitem.
(= o que os pais não admitem)
- Transporte não há falta **que** está em causa é o dinheiro.
(= o que)
- Lá para as doze apareceu um carro **nos levou** para o quartel.
(= que nos levou)⁹
- Há outros **casais a vida dele** leva para esquadra.
(= há outros casais que levam a vida deles)
- Foi pela **primeira vez** eu meter-me naquilo.
(= foi pela primeira vez que eu me meti naquilo)

FICHA II: Estrutura de orações relativas com pronome oblíquo

- Preparam uma sala **que** há-de haver reunião... (= onde/em que)
- Há escolas privadas **que** paga-se muito caro. (= onde/em que)
- Não sei se há uma organização qualquer deles **que** possam fazer valer a sua voz... (= onde/em que)
- Depende da região **que** as pessoas vivem. (= onde/em que)
- A partir da altura **que** eu deixei de trabalhar... (= em que)
- Há dias **que** nem jantamos. (= em que)
- Há momentos **que** você está disposta. (= em que)
- Há dias **que** eu tenho passado por aqui. (= em que)
- Só houve uns anos **que** precisavam de certos alunos. (= em que)
- É o tempo **que** eu me separei dos meus pais. (= em que)
- O conteúdo da conversa **que** nós estamos aqui metidos...
(= em que)
- O tema **que** nós estamos a falar é música. (= de que)
- Qual é o filme **que** mais gostou? (= de que)
- Acerca daquele vestido **que** eu te perguntei, lembra-te?
(= sobre o qual)
- É uma coisa **que** está tão habituada, tão habituada mas não aceita. (= a que)
- A Tina, corredora essa **que** estou mais ligada a ela. (= a quem)

⁸ A partir deste exemplo, apresentam-se casos das apositivas de frase.

⁹ A partir deste exemplo, apresentam-se casos da omissão do introdutor.

- Há muitas coisas **que** eu costumo calhar **com elas** no caminho.
(= com que)
- Ia pedir os responsáveis se entender com essas conversações **que** eles estão **com elas**. (= conversações que eles estão a fazer)
- Tem mais outro **que** está a namorar **com ele**.
(= com quem está a namorar)

FICHA III: Dispersos

- Não sei quantas vezes **que** foi ... (= quantas vezes foi)
- O quê que vocês acham do comportamento **em que** são atribuídos os alunos aqui? (= do comportamento que é atribuído aos alunos...)
- Ninguém **que** nunca há-de vir dizer. (= nunca ninguém há-de...)
- Pode ter amigos **aqueles de vir conversar**.
(= aqueles que vêm conversar)
- ...aquele amigo **de sair com ele**. (= aquele amigo com quem se pode sair)
- O dinheiro **que** venderam a quem entregam?
(= o dinheiro do que venderam)
- As crianças **que** as mães estão a rezar... (= cujas mães)
- Estou na fase **de que** os meninos poderão me perseguir.
(= estou na fase em que os meninos me poderão perseguir)
- Tudo **que** uma mulher devia fazer é ajudar o marido.
(= tudo o que)

4 - EXERCÍCIOS

1. Preencha os espaços em branco com os pronomes relativos **que** ou **onde**.

- a) Esta é a escola _____ fiz os meus estudos.
- b) Aquele é o museu _____ muitas pessoas visitam.
- c) Há dumba-nengues _____ os preços aumentaram.
- d) _____ eu vivo, há poucas árvores.
- e) A proposta _____ ele fez foi aceite.

2. A partir das duas frases dadas escreva uma única, substituindo as palavras destacadas pelas formas entre parênteses, conforme o exemplo.

Ex: A casa é grande. Eu vivo **na casa**. (**onde**)

A casa onde eu vivo é grande.

a) A sala é pequena. Ele trabalha **na sala**. (**onde**)

b) O jovem é simpático. Vimos **o jovem** ontem. (**que**)

c) Os alunos reprovaram por faltas. **As suas** notas não constam na pauta. (**cujas**)

d) Trabalho numa empresa. **Nessa empresa**, é preciso ter muitos conhecimentos. (**na qual**)

e) Há muitos jovens a conduzir sem carta de condução. **Isso** provoca muitos desastres. (**o que**)

f) A aldeia é pequena. Os meus amigos vivem **na aldeia**. (**em que**)

g) O tema é música. Estamos a falar **desse tema**. (**de que**)

h) Esse é um ponto de vista. Eu não concordo com **esse ponto de vista**. (**com que**)

i) Esta é a maneira de vestir. Estou habituada **a esta maneira de vestir**. (**a que**)

j) Aquela é a amiga. Falei-te **da amiga** ontem. (**de quem**)

3. Escolha a alternativa correcta, conforme o exemplo.

Ex: Aquela é a escola **onde que** estudei. ()

Aquela é a escola **que** estudei. ()

Aquela é a escola **onde** estudei. (X)

a) Este é o quarto **onde** a gente dorme. ()

Este é o quarto **que** a gente dorme. ()

Este é o quarto **onde que** a gente dorme. ()

- b) Vou preparar a sala **que** vai haver reunião. ()
Vou preparar a sala **em que** vai haver reunião. ()
Vou preparar a sala **onde que** vai haver reunião. ()
- c) Os pais fizeram uma proposta **cuja** essa proposta estava bem organizada. ()
Os pais fizeram uma proposta **em que** estava bem organizada. ()
Os pais fizeram uma proposta **que** estava bem organizada. ()
- d) Há jovens indisciplinados, **que** os pais deles não admitem. ()
Há jovens indisciplinados, **o que** os pais não admitem. ()
Há jovens indisciplinados, **no que** os pais não admitem. ()
- e) Eles chegam tarde nos dias **em que** não há chapa. ()
Eles chegam tarde nos dias **que** não há chapa. ()
Eles chegam tarde nos dias **de que** não há chapa. ()
- f) O livro **de que** te falei ontem está caro. ()
O livro **que** te falei ontem. ()
O livro **que** te falei dele ontem. ()
- g) O amigo **que** estou mais ligado a ele é o de Paulo. ()
O amigo **a quem** estou mais ligado. ()
O amigo **a que** estou mais ligado. ()

4. Preencha os espaços em branco com *que, em que, o que, de que, onde*.

Visitei a escola _____ frequentei há muitos anos. Nessa escola, _____ aprendi a ler, havia só dois professores. Nos dias _____ um ficava doente, o outro tomava conta de todas as turmas. Hoje, a escola _____ estou a falar foi ampliada. Andam lá muitos filhos de familiares meus. O grande

problema é a falta de transporte, _____ prejudica o rendimento pedagógico.

VI – CONCORDÂNCIA NOMINAL (GÊNERO E NÚMERO)

1 – A NORMA PADRÃO EUROPEIA

A boa formação de uma frase depende da aplicação de regras sintáticas, entre as quais sobressaem as regras de concordância. “Diz-se que existe **concordância** entre duas expressões linguísticas quando elas possuem determinadas propriedades em comum e essa coincidência de propriedades é uma condição necessária para a gramaticalidade do discurso.” (Peres & Mória, 1995:443)

Em Português, a concordância “nominal” diz respeito à variação em género (masculino e feminino), número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª)¹.

No interior dos sintagmas nominais, estabelece-se a concordância do nome, em género e número, com os artigos, numerais, pronomes variáveis e adjectivos que o acompanham. No exemplo que se segue, o nome *tempos* é masculino e está no plural, havendo concordância do artigo definido *os*, do pronome possessivo *meus* e do adjectivo *livres*, em género e número, com este núcleo nominal:

- (1) **Nos meus tempos livres** gosto de escutar música.

A concordância nominal também é obrigatória entre o sintagma nominal com a função de sujeito e os sintagmas nominais (exemplo (2a)) e adjectivais (exemplo (2b)), que funcionam como seus predicadores. Exemplos:

- (2) a. As **pessoas** de lá podem ser **feiticeiras**.
b. Ela anda muito **pensativa**.

¹ Sobre a concordância em pessoa, que diz respeito a verbos e pronomes, ver os itens VII e VIII.

2 – PORTUGUÊS ORAL DE MAPUTO

Os desvios na aplicação das regras de concordância nominal incluídos neste item dizem respeito à concordância em género e em número.

No que se refere à concordância em género, são mais frequentes os casos de falta de concordância do adjectivo com o nome, quer seja no interior de um sintagma nominal (exemplos (3)), quer seja como nome predicativo do sujeito (exemplos (4)). A tendência dominante é para usar a forma masculina do adjectivo, em contextos que requerem a sua flexão no feminino (Ficha I). Exemplos:

- (3) a. Fez a quarta **classe antigo**. (= antiga)
b. Era melhor que houvesse uns **preços** um bocado **baixo**. (= baixos)
- (4) a. A **barriga** dela já está **cheio**. (= cheia)
b. A **física** está muito **puxado** para mim. (= puxada)

Embora de forma menos sistemática, também se verifica a falta de concordância em género dos artigos e pronomes com o núcleo nominal. Note-se, contudo, que, nestes casos, também pode admitir-se que se trata de desconhecimento do género do nome, e não de falta de concordância (Ficha II). Assim, por exemplo, em (5a) pode supor-se que o nome *pessoa* é tomado pelo falante como sendo masculino, e, nesse caso, não há falta de concordância do pronome *quantos* com este núcleo nominal. Exemplos:

- (5) a. Já não sei **quantos** centenas de **pessoas**. (= quantas)
b. Eu tenho **minhas netos**. (= meus)

Quanto à concordância em número, sobressaem os casos em que o nome se apresenta no singular, em contextos que requerem a sua flexão no plural. Nos casos recenseados, a marca do plural apenas aparece realizada morfologicamente nos artigos e pronomes (exemplo (6a)), ou é determinada pela presença de um numeral não singular (exemplo (6b)) (Ficha III). Exemplos:

- (6) a. Eu não mostro **os meus dente**. (= dentes)
b. O lobolo aumentou, eram **quatro conto**. (= contos)

Com menos frequência, também se regista a falta de concordância em número dos adjectivos, pronomes e artigos com o núcleo nominal plural (Ficha IV). Exemplos:

- (7) a. **Vocês** não se sentem **incomodado**. (= incomodados)
b. Davam-me **uma coisas**. (= umas)

Merecem ainda uma menção especial os desvios na concordância com o antecedente, em género e número, dos pronomes pessoais tónicos da 3ª pessoa, sobressaindo a tendência para usar a forma masculina do singular (Ficha V). Exemplo:

- (8) Basta ver aquela **pessoa** aí, pronto, se vêem que a cara **dele** está limpa dão um carro. (= dela)

Uma amostragem dos casos dispersos está arquivada na Ficha VI.

3 – FICHAS DE EXEMPLOS

FICHA I: Concordância do adjectivo em género²

- Todas as **regalias** estavam aqui **propostos**. (= propostas)
- As **pessoas** ficaram mesmo **curados**. (= curadas)
- Uma **pessoa** nasceu assim **paralítico**. (= paralítica)
- Esta **gente** que está cá também estão **ricos**. (= está rica)
- **Escolinha** de agora é **bom**. (= boa)
- A minha **irmã** mais **velho** é **cego**. (= velha é cega)
- A **física** está muito **puxado** para mim. (= puxada)
- As **condições** não estão nada **bom**. (= boas)
- Estava toda **gente** **gordinho**. (= gordinha)
- É uma **cidade** mais ou menos **idêntico** à de Maputo. (= idêntica)

² Os casos em que também há falta de concordância em número são repetidos na Ficha IV.

- Uma **criança** (...) recebe elementos que a tornam **educado**. (= educada)
- Elas escolheram **sozinho**. (= sozinhas)
- Os **transportes** são **caras**. (= caros)
- A nossa **vida** está **virado** muito **batido**. (= virada... batida)
- A **criança** não espera para ser **educado**. (= educada)
- Ultimamente é muito **pesado** esta **vida**. (= pesada)
- Facilita-me a **vida** ... não sinto tão **pesado** como alguns reclamam. (= pesada)
- As **mulheres** são **muitos** demais. (= muitas)
- Estive lá naquela **praia** de **chamado** praia de Chonguene. (= chamada)
- Tem que ir **via** **rodoviário**. (= rodoviária)
- Só ficou um **filho** lá **casada** com uma moça. (= casado)
- Temos **relacionamento** muito **boa**. (= bom)
- Quarta **classe** **antigo** (= antiga)
- É uma pergunta que precisa de uma **resposta** um pouco **aprofundado**. (= aprofundada)
- Quando beber, **barriga** dela já está **cheio**? (= cheia)

FICHA II: Concordância dos artigos e pronomes em género

- Quando ele ouvir **uma** **negócio** **desse**. (= um negócio desses)
- Já não sei **quantos** centenas de **peessoas**... (= quantas)
- A **primeira** **professor** de Manjacaze (= primeiro)
- **Nossa** caderno era só no chão. (= nosso)
- Eu tenho **minhas** netos. (= meus)
- É melhor você pagar **aquela** **dinheiro**. (= aquele)
- Até aqui em minha casa **aquela** minha avó... (= aquela)
- **Aqueles** **nossos** **riquezas** (= aquelas nossas)
- Eu já foi não sei **quantos** **vezes** a Inhambane. (= quantas)
- Nós utilizamos uma das matérias primas nossas, **uma** **das** **vossas** **sub-produtos**. (= um dos vossos)
- Há transporte para lá só que **a** **problema** é de dinheiro. (= o problema)
- A criança não espera para ser educada por **uma** **professor**. (= um)
- Aquele que casa hoje com **dois** **mulher**, o quê é que você acha? (= duas mulheres)

FICHA III: Flexão do nome em número

- Vocês dois são **rapaz**. (= rapazes)
- Estou a dar trabalho a **estes senhor**. (= senhores)
- Havia de ir buscar **quarenta conto**. (= contos)
- Tinha essa idade dos vinte e quatro **vinde e três ano**. (= anos)
- Eu não mostro **os meus dente**. (= dentes)
- Eu gosto de **quatro tipo** de músicas. (= tipos)
- Casa, **cinco minuto** já “Hum estou a pedir divórcio!” (= minutos)
- **Meus neto** são **dezasseis neto**” (= netos... netos)
- Até as **nossas filha** agora gostam de ficar **nas barraca**.
(= filhas... barracas)
- Depois quando chegar lá **nas barraca**... (= barracas)
- **As criança há-de** lutar em casa” (= as crianças hão-de)
- Aquele que casa hoje com **dois mulher** o quê é que você acha?
(= duas mulheres)
- Lobolo aumentou, era **quatro conto**. (= contos)
- **Os armazém** também estão vazios. (= armazéns)
- Vão alimentar os funcionários que trabalham **nos hospital** do governo. (= hospitais)
- **Os vizinho** hão-de vir. (= vizinhos)
- Não está aí **essas irmã** da vaca. (= irmãs)
- Isso parte **dos professor**. (= professores)
- Não é tanto olhar **dos trabalho** porque até tenho tido certas oportunidades de emprego. (= trabalhos)
- Há **muitas dificuldade** nas **escola**. (= dificuldades... escolas)
- Às vezes os **professor** chega aquela hora certa ou atrasa.
(= os professores)

FICHA IV: Concordância dos adjectivos, pronomes e artigos em número

- Eles lá são **capaz**. (= capazes)
- Aproveitou essa oportunidade de **virem junto**. (= juntos)
- Já estamos habituados a ver **aquela camisolas**. (= aquelas)

- **Vocês** não se sentem **incomodado** (= incomodados)
- **Estão satisfeito**. (= satisfeitos)
- Esta **gente** que está cá também **estão ricos**. (= está rica)
- **Estamos acumulado** aqui na cidade. (= acumulados)
- Vai começar a **eleições** enquanto está aqui na cidade.
(= as eleições)
- Nos **tempos ido** ia buscar isso. (= idos)
- As **condições** não estão nada **bom**. (= boas)
- Se fosse daquelas **mulheres** muito **saída**... (= saídas)
- **Elas** escolheram **sozinho**" (= sozinhas)
- A única melhor coisa era que houvesse assim por exemplo **esse machimbombos**. (= esses)
- ...com uns **preços** um bocado **baixo**. (= baixos)

FICHA V: **Concordância do pronome pessoal em género e número**

- Ele é uma **menina**. (= ela)
- Eles oferecem-se para pegar essas **pessoas** que têm esse defeito, saírem e tirarem coisas **dele**. (= delas)
- Basta ver aquela **pessoa** aí, pronto, se vir que a cara **dele** está limpa dão um carro. (= dela)
- Essa **pessoa**, mesmo eu separado com **ele**, vou amar até ao último dia da minha vida. (= ela)
- Agora uma **pessoa** não aceita você educar filho **dele**. (= dela)
- Há outros **casais**... a vida **dele** passa na esquadra. (= deles)
- As minhas **crianças**... quando o professor **lhe** manda deve cumprir. (= lhes)

FICHA VI: **Dispersos**

- Acho **bonita** ouvir a minha música. (= bonito)
- Foi **muita** minha amiga nos tempos. (= muito)
- Aquela senhora é realmente uma senhora **muita muita muita** honesta. (= muito)
- As **pessoas** estudam-se **um ao outro**. (= umas às outras)
- Quando se casam aquilo que **ele** via dantes já não vê. (= ela)

4 - EXERCÍCIOS

I - Concordância do adjetivo em género

1. Preencha as frases com uma das formas dadas, conforme o exemplo.

Ex: As pessoas ficaram _____ .
(**curadas / curados**)

As pessoas ficaram *curadas*.

- a) Todas as regalias foram _____ pelo director.
(**propostos / propostas**)
- b) A minha amiga nasceu _____ .
(**paralítico / paralítica**)
- c) A escolinha do filho dela é _____ . (**bom / boa**)
- d) As crianças do meu vizinho estão _____ .
(**gordinhos / gordinhas**)
- e) Essas perguntas precisam de respostas muito _____ .
(**aprofundados / aprofundadas**)

2. Escolha a alternativa correcta, conforme o exemplo.

Ex: Esta gente de cá não está ...
Esta gente de cá não está

rica (X)
rico ()

- a) O meu irmão mais velho é ...

casada ()
casado ()

- b) As condições de trabalho não são ...
boas ()
bons ()
- c) Ele tem que ir por via ...
rodoviária ()
rodoviário ()
- d) A minha mãe vestiu um casaco muito ...
antiga ()
antigo ()
- e) Elas escolheram o milho ...
sozinhas ()
sozinhos ()

3. Responda às perguntas, seguindo o exemplo apresentado.

Ex: – Como foi o trabalho na machamba? (**duro / dura**)

- O trabalho foi *duro*:

a) - Como é que a criança voltou da província? (**educado / educada**)

b) - Como está a vida ultimamente ? (**pesado/ pesada**)

c) - Com que professor falaste ? (**chamado / chamada** Luís)

d) - Com quem foram os artistas ao Chonguene ? (**sozinhos / sozinhas**)

II – Concordância dos artigos e pronomes em género

1. Complete as frases apresentadas com uma das formas dadas, seguindo o modelo.

Ex: Quando ele ouvir uma conversa dessas, vai ficar nervoso.
(um / uma)

- a) Eu tenho familiares _____ que me vão ajudar.
(meus / minhas)
- b) É melhor você pagar _____ dinheiro ao tio Lucas.
(aquele / aquela)
- c) Eles destruíram aquelas _____ riquezas.
(nossos / nossas)
- d) _____ problema de transporte não está ainda resolvido.
(o / a)
- e) Eu já fui não sei _____ vezes a Inhambane.
(quantos / quantas)

2. Complete as frases iniciadas, usando os dados fornecidos e seguindo o modelo.

Ex: O produto da machamba ... (ser meu / minha riqueza)

O produto da machamba *é a minha riqueza.*

- a) Ontem, à tarde, eu ... (encontrar o meu primeiro / a minha primeira mestre)

b) Ele perguntou-me ... (**quantos / quantas anos eu ter**)

c) Comprei muitas coisas para ... (**os meus / as minhas familiares**)

d) Já consegui descobrir ... (**aqueles / aquelas jornais interessantes**)

e) O meu irmão também foi resolver ... (**um / uma problema familiar**)

3. Complete as questões abaixo apresentadas, conforme o exemplo.

Ex: Aqueles alunos já fizeram o T.P.C.? (**aqueles/ aquelas**)

a) _____ semanas ficas no Chibuto? (**quantos / quantas**)

b) _____ dos concursos já começou? (**um / uma**)

c) Os _____ colegas trouxeram o trabalho? (**meus / minhas**)

d) _____ senhoras vendem fruta boa? (**aqueles/ aquelas**)

e) As _____ irmãs estavam no mercado? (**nossos/ nossas**)

III – Flexão do nome em número

1. Preencha os espaços em branco com uma das alternativas dadas, seguindo o modelo.

Ex : Os meus filhos rapazes. (rapaz / rapazes)

- a) Não estão aí as _____ do Bruno? (irmã / irmãs)
- b) Ele deu trabalho a estes _____. (senhor / senhores)
- c) Nós queremos ir buscar quarenta _____. (conto / contos)
- d) A nossa _____ gosta de ler os jornais. (filha / filhas)
- e) Esse livro é dos _____. (professor/ professores)

IV – Concordância dos adjectivos, pronomes e artigos em número

1. Complete os espaços, com uma das formas apresentadas entre parênteses, conforme o exemplo.

Ex: Eles não são capazes de fazer o exercício.
(capaz / capazes)

- a) Nós já estamos habituados a ver os colegas com _____ camisolas. (aquela / aquelas)
- b) No próximo mês vão realizar-se _____ eleições autárquicas.
(a / as)
- c) Eles vieram _____ da Moamba para Maputo.

(junto / juntos)

- d) Nós pilámos todo o milho _____ .
(sozinho / sozinho)
- e) Com os preços um bocado _____ , podemos viver melhor. (baixo / baixos)
- f) _____ alunos tiveram muitas negativas nos testes.
(aquele / aqueles)

2. Corrija as frases apresentadas e faça frases correctas, respeitando a concordância com a palavra sublinhada, conforme o exemplo.

Ex: Eles ser capaz de estudar sozinho.

Eles são capazes de estudar sozinho.

- a) Aquele **jovens** ter um bom método para estudar.

- b) **As** campanha de alfabetização ter **bom** resultados.

- c) **Os** aluno e o **professores** aproveitar a oportunidade para vir junto.

- d) **O** produtos estar acumulados **nos** armazém.

- e) Esse **machimbombos** ajudar muito as **população** de Maputo.

V – Concordância do pronome pessoal em gênero e número

1. Preencha os espaços em branco com uma das formas dadas, seguindo o exemplo.

Ex: Os pais não aceitam que os avós eduquem os filhos deles.
(dele / deles)

- a) O Mário disse que vocês ficaram com a caneta _____.
(dele / deles)
- b) Hoje encontrei o vendedor de carvão e comprei _____ três latas grandes. (lhe / lhes)
- c) Ontem a Manuela e o João estavam cansados, porque a mala _____ estava pesada. (dele / deles)
- d) As minhas filhas gostam das professoras. Elas mandam-
_____ sempre fazer trabalhos interessantes. (lhe / lhes)

2. Responda às perguntas feitas, conforme o modelo apresentado.

Ex: – Quem é esta menina? (ele / ela irmã do José)

- *Ela é irmã do José.*

- a) - Onde está o carro do professor? (o carro dele / dela, na oficina)

- b) - Quem veio com estas pessoas? (o cão, deles / delas)

c) - A Mariana é a melhor amiga da Alice? (**sim, ele/ ela, ser melhor amiga**)

d) - Por que é que a professora gosta das suas alunas? (**eles / elas, ser educadas**)

e) - Resolveste o problema de Matemática com o teu irmão? (**resolver com ele / ela**)

3. Escolha uma das formas dadas e preencha os espaços em branco, conforme o exemplo.

Ex: As mulheres do campo trabalham muito. Elas levantam-se muito cedo. (**ele / ela / eles / elas**)

a) O Júlio comprou um moinho. O moinho _____ funciona muito bem. (**dele / dela / deles / delas**)

b) O rapaz gosta de carne de impala. _____ costuma ir à caça. (**ele / ela / eles / elas**)

c) As minhas filhas ficam nervosas, quando o professor _____ manda escrever no quadro. (**lhe / lhes**)

d) Algumas pessoas andam sempre tristes. A vida _____ não está a correr muito bem. (**dele / dela / deles / delas**)

VII – CONCORDÂNCIA VERBAL (PESSOA E NÚMERO)

1 – A NORMA PADRÃO EUROPEIA

A construção de uma frase gramaticalmente correcta passa pela aplicação de regras sintácticas que tornem solidárias as relações entre o verbo e o sintagma nominal com a função de sujeito. Em Português, essa solidariedade traduz-se na concordância em que a forma verbal varia para se conformar ao número (singular ou plural) e à pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) do sujeito. Exemplo:

- (1) **Eu sei** que ele está vivo.

Em (1) a forma verbal *sei* (1ª pessoa/singular) concorda com o sujeito *eu* (1ª pessoa/singular).

Quando o sujeito é um nome colectivo, que semanticamente exprime um valor plural, o seu número gramatical é o singular pelo que a forma verbal deve igualmente estar flexionada no singular. Contrastem-se os exemplos:

- (2) a. **A gente** não se **apercebe** das tristezas.
b.* **A gente** não se **apercebem** das tristezas.¹
[SINGULAR] [PLURAL]

Quando o sujeito é o pronome relativo *que*, o verbo concorda em número e pessoa com o antecedente deste pronome, como se pode observar nos seguintes exemplos:

- (3) a. É **um miúdo** que **está** a precisar de casa.
b. São **crianças** que **hão-de** chorar sem pão.

¹ O símbolo * significa frase agramatical.

2 – O PORTUGUÊS ORAL DE MAPUTO

Os desvios de concordância verbal, em pessoa e número, constatados no POM, ocorrem quer em construções com um só sujeito, quer em frases com sujeitos colectivos, quer ainda quando o sujeito é o pronome relativo *que* ².

Relativamente à concordância em pessoa, os casos mais frequentes são os de ausência de concordância com o sujeito, na 1ª pessoa, em que o verbo está flexionado na 3ª pessoa (Ficha I). Exemplo:

- (4) Como **eu trabalha**, não **tem** tempo. (= trabalho... tenho)

No que diz respeito à concordância em número, os casos mais frequentes envolvem a ausência de concordância com o sujeito, no plural, em que o verbo está flexionado no singular. Estes casos tanto ocorrem quando o sujeito precede o verbo (ex. (5a)) como quando está posposto à forma verbal (ex. (5b)). Com menos frequência, verificou-se a ausência de concordância com o sujeito, no singular, em que o verbo está flexionado no plural (ex. (5c)) (Ficha II). Exemplos:

- (5) a. Ultimamente **os casamentos não dura**. (= duram)
b. Foi quando **começou os problemas**. (= começaram)
c. **O meu pai não conseguem** saber como é que isso aconteceu assim. (= consegue)

Relativamente aos sujeitos que envolvem nomes colectivos, nomeadamente *gente*, registam-se desvios na concordância da forma verbal em número e/ou pessoa, com os referidos sujeitos, que correspondem à 3ª pessoa do singular (Ficha III). Exemplos:

- (6) a. **A gente vê** televisão e **queremos** imitar. (= quer)

² No *corpus*, ocorrem alguns casos em que não está claro se há falta de concordância morfológica ou se se trata de uma questão de pronúncia. Exemplos:

a. Os miúdos preferem ir vadiar lá fora porque **tem** medo das mães. (= têm)
b. Agora aí **vem** diferentes ramos né? (= vêm)

- b. **Muita gente** já **deixaram** as igrejas e **foram** para ali.
(= deixou ... foi)

Como se pode observar nos exemplos, no POM a tendência dominante é para flexionar o verbo no plural (exs. (6a e b)), na 1ª (ex. (6a)) ou na 3ª pessoa (ex. 6b)).

Quanto à falta de concordância em orações relativas, são mais frequentes os casos em que o antecedente está no plural e o verbo da oração relativa está flexionado no singular (Ficha IV). Exemplo:

- (7) Vemos **alunos** que **faz** e **desfaz**. (= fazem e desfazem)

Na Ficha V, encontram-se os casos em que a forma verbal se apresenta no infinitivo, isto é, não está flexionada nem em pessoa e número, nem em tempo e modo. Exemplo:

- (8) Em primeiro lugar **encontrar-se** na escola, nas barracas, e **começar** a conquistar-se entre eles.
(= encontram-se / começam)

Na Ficha VI, encontram-se agrupados os casos dispersos.

3 – FICHAS DE EXEMPLOS

FICHA I: Concordância em Pessoa

- Agora não vale a pena porque bem **eu pode** dizer... (= posso)
- O trabalho único que **eu cresceu** a saber é da machamba.
(= cresci)
- **Eu** saí da escola, **trabalhou** no exército. (= trabalhei)
- **Pode eu**, por exemplo, sou casado, **eu não tem** dificuldade.
(= posso / tenho)
- **Eu** sou reformado mas por mês **tem** alguma coisa para dar aos meus filhos. (= tenho)
- Na minha casa nunca **teve** dificuldade. (= tive)
- Ela, quando diz-me alguma coisa, **eu entende**. (= entendo)
- **Eu** é que é mais velho em relação dos outros. (= sou)

- **Eu** para o serviço vou a pé, **usa** o machibombo e o chapa cem.
(= uso)
- **Eu** tenho falta de transporte no meu lugar onde é que **eu vive**.
(= vivo)
- **Eu** não **trabalha**. (= trabalho)
- Mas como **eu trabalha**, não **tem** tempo. (= trabalho ... tenho)
- **Eu** já **foi** não sei quantas vezes a Inhambane. (= fui)
- **Eu** **tirou** dois mil e quinhentos. (= tirei)
- **Eu** **gosta** de ver ele aqui em Moçambique. (= gosto).
- **Eu** não **pode** ficar. (= posso)
- **Eu** **conhece** a casa. (= conheço)
- **Eu** também **há-de** comer. (= hei-de)
- Se pudesse **gostarias** de estudar à noite. (= gostaria)
- Até na escola **nós entrava** às dezassete! (= entrávamos)³

FICHA II: Concordância em Número

- **As senhoras** também **amantiza**. (= amantizam-se)
- De momento agora **as coisas está normal**. (= estão normais)
- Agora se **os preços** dos transportes públicos **fosse** um bocado baixos... (= fossem)
- Ultimamente **os casamentos** não **dura**. (= duram)
- **Os chapas-cem** não **reúne** condições. (= reúnem)
- **As minhas crianças**, quando o professor lhes manda, **deve** cumprir. (= devem)
- Às vezes **os professores** **chega** àquela hora certa ou **atrasa**.
(= chegam ... atrasam)
- **Os enfermeiros, os médicos** não **trabalha**. (= trabalham)
- **Os velhos** **compreendia** de que é verdade. (= compreendiam)
- **Eles** só vêm curar africanos, brancos não **cura**. (= curam)
- **Aqueles** que estavam lá **há-de vir**. (= hão-de vir)
- **Os filhos** de agora parece que **tira** dinheiro. (= tiram)
- ... na condição de os próprios **transportes** **ter se** regularizado.
(= se terem regularizado)
- O meu pai não **conseguem** saber como é que isso aconteceu assim. (= consegue)

³ Nesta frase, para além da falta de concordância em pessoa, também há falta de concordância em número.

- ... para **os portugueses** ir também no país deles. (= irem)
- Elas próprias fazem isso sem as mães **ver**. (= verem)
- Aí só **se salvou** três pessoas. (= salvaram)⁴
- Então **chega** as pessoas. (= chegam)
- É dominante os bitongas. (= são)
- O lobolo aumentou, **era quatro contos**. (= eram)
- **Vai começar** as eleições. (= vão começar)
- Quando o marido descobre, **surge problemas** na família, no lar. (= surgem)

FICHA III: Concordância em Número com Sujeitos Colectivos

- A **gente** vê televisão e **queremos** imitar. (= quer)
- A **gente** sai de Tete, **atravessamos** a ponte de Zambeze. (= atravessa)
- **Ficamos toda gente** assustados. (= ficou ...assustada)
- ... aquilo que a **gente** **estávamos** a viver. (= estava)
- A **gente** **passávamos** refeições... (= passava)
- A **gente** **estamos** juntos. (= está junta)
- **Muita gente** **chumbam**. (= chumba)
- **Muita gente** já deixaram as igrejas, **foram** para ali. (= deixou ... foi)
- **Esta gente** **aproveitam** o máximo agora. (= aproveita)
- Eu vi **tanta gente** **almoçarem** lá **jantarem** lá. (= almoçar ... jantar).
- **Muita gente** **conseguem**. (= consegue)
- **Esta gente** que está cá também **estão** ricos. (= está rica)

FICHA IV: Concordância em Número em Orações Relativas

- Só questão que estou a ver é questão desses chapas (...) **esses** que **está** a criar grandes dificuldades. (= estão)
- Há **mulheres** que **passa** a vida dedicada só a viver solteira. (= passam)
- Havia **conselhos** não é ? que se **dava**. (= davam)
- Ele vai para essas escolas para receber **esses alunos** que é **mandado** voltar. (= são mandados)

⁴ A partir daqui fornecem-se exemplos em que o sujeito está posposto ao verbo.

- ... **aqueles** escolas que **recebe** aqueles que são mandados embora. (= recebem)
- Há **muitas** pessoas que **casa**, outra não faz lobolo. (= casam)
- Não gosto de **meios de transporte** que é muito perigoso. (= são)
- Há **muitas** crianças aqui não **há-de** estudar. (= que não hão-de)
- Vemos **alunos** que **faz e desfaz**. (= fazem e desfazem)
- **Nós** que não **tem** transporte. (= temos)⁵
- **O motivo** que lhes **levam** a estarem aí ... (= leva)
- Havia mesmo **cacimbo** que **caíam** nas manhãs. (= caía)
- Sempre há **muita história** que **complicas**. (= complica)

FICHA V: Ausência da Flexão Verbal

- **Os alunos**, aqueles que **ser mandado** naquelas escolas profissionais. (= são mandados)
- Se nascer filho, você **ver** os filhos acabar morrer o pai fica aflito... (= se ... você vir)
- Então **eles sair** do serviço, vai conseguir comprar qualquer coisa. (= saem)
- Em primeiro lugar **encontrar-se** na escola, nas barracas, no caminho, e **começar** a conquistar-se entre eles. (= encontram-se ... começam)
- Tem que viver com comida que **ser oferecido** com outros países. (= é oferecida)

FICHA VI: Dispersos

- **Costumo** haver sim acidentes. (= costuma haver)
- Um homem de lá da terra com mulheres daqui **costumam viverem** bem. (= costuma viver)
- É verdade, não **havam** esses casos. (= não havia)
- É difícil se **o professor** não **tenho** o controle. (= tem)
- Há **muitas** **alunas** fora da escola ou porque não **tenho** dinheiro de matrícula. (= têm)
- Eles **bastam ver** aquela pessoa aí pronto... (= basta ver)
- Então eles é que dirigia esse programa. (= dirigiam)

⁵ Vide Nota 3..

4 - EXERCÍCIOS

I - Concordância em Pessoa

1. Dê as respostas às perguntas, conforme o modelo.

Ex: - Onde trabalhas? (**eu / na machamba**)

- *Eu trabalho na machamba.*

a) - Quantos filhos tens? (**eu / cinco filhos**)

b) - Como vais para Inhambane? (**eu / de chapa**)

c) - Quantas vezes foste ao Xai-Xai? (**eu já / três vezes**)

d) - A que horas vocês entravam na escola? (**nós / às dezassete**)

e) - Quem não pode ficar? (**eu / não**)

2. Preencha os espaços em branco, colocando as palavras entre parênteses na forma correcta.

a) Como _____ (**eu / trabalhar**), não _____
(**ter**) tempo para as compras durante a semana.

- b) _____ (**eu / tirar**) dois mil meticais e entreguei-lhe.
- c) Na semana passada _____ (**ele / baixar**) muito os preços.
- d) Se pudesse, _____ (**eu / gostar**) de estudar à noite.
- e) _____ (**ele / gostar**) de estudar à noite porque _____ (**trabalhar**) todo o dia.
- f) _____ (**eu / ir a Inhambane**) este fim-de-semana.
- g) Durante este ano, _____ (**o meu filho / crescer muito**).

3. Coloque nos espaços em branco os verbos entre parênteses na forma correcta.

- a) O Manuel não _____ (**poder**) ir passear este fim-de-semana. A namorada _____ (**ter**) muito trabalho.
- b) Eu _____ (**viver**) há muito tempo na cidade.
- c) Os pais da Anita _____ (**conhecer**) o Manuel e (**dar-se**) bem com ele.
- d) Os familiares do Manuel _____ (**morar**) longe; o Manuel só _____ (**encontrar-se**) com eles nas férias.
- e) A casa do Manuel _____ (**ficar**) na rua principal.
- f) O trabalho da Anita _____ (**ser**) cansativo.
- g) Eu _____ (**ir**) muitas vezes a casa dos meus amigos.

II – Concordância em número

1. Preencha os espaços em branco colocando os verbos na sua forma correcta.

O meu pai _____ (**fazer**) muitos sacrifícios para nós _____ (**estudar**). Os meus irmãos não _____ (**compreender**). Eles _____ (**gostar**) de brincar e não _____ (**preocupar-se**). Quando eu _____ (**falar**) com eles, não ouvem. Aos fins-de-semana, estudam um pouco mais mas, mal _____ (**aparecer**) os amigos _____ (**ser**) abandonados os livros. Sempre que os professores _____ (**marcar**) trabalhos de casa, o meu pai _____ (**controlar**) apesar de eles já _____ (**ter**) 16 e 18 anos de idade. Eu _____ (**pensar**) que eles _____ (**dever**) mudar de atitude. _____ (**ir**) começar o Serviço Militar Obrigatório e quero ver se eles não vão valorizar mais o estudo!

2. Complete as frases com os dados entre parênteses, fazendo a concordância necessária.

Ex: Ultimamente os preços... (**não subir muito**)

Ultimamente os preços *não sobem muito*.

a) Nos últimos meses as coisas em minha casa ... (**estar normal**)

b) Na educação dos filhos os pais ... (**ser fundamental**)

c) Os filhos muitas vezes ... (**não respeitar**) o pai.

d) Muitas vezes os alunos (**chegar atrasado**) às aulas,
outras vezes... (**chegar**) à hora certa.

e) Os meus amigos não ... (**conseguir saber**) o que aconteceu
com o seu salário.

3. Escolha a alternativa correcta, conforme o exemplo.

Ex: As crianças, quando o professor manda fazer alguma
coisa,...

devem cumprir. (X)

deve cumprir. ()

a) Os meus colegas estavam no chapa amarelo e ...

há-de vir mais tarde. ()

hão-de vir mais tarde. ()

b) Os enfermeiros e os médicos ...

trabalham em conjunto. ()

trabalha em conjunto. ()

c) Os preços no *dumba-nengue* ...

é arbitrário. ()

são arbitrários. ()

d) Em Cabo Delgado ...

é dominante os macuas. ()

são dominantes os macuas. ()

e) Segundo os nossos pais, os casamentos de agora ...

não dura muito. ()

não duram muito. ()

- f) Muitos filhos parece que ...
só gostam dos pais quando precisam. ()
só gosta dos pais quando precisa. ()
- g) Os pais da noiva devem estar presentes...
quando chegam os convidados. ()
quando chega os convidados. ()

III – Concordância em número com Sujeitos Colectivos

1. Construa frases, conforme o exemplo.

Ex: Muita gente (**namorar**) sem conhecimento dos pais.

Muita gente *namora* sem conhecimento dos pais.

- a) A gente (**gostar de falar**) com as crianças.

- b) No tempo da fome, a gente (**estar a viver**) mal.

- c) Muita gente (**chumbar**) porque (**não estudar**).

- d) Esta gente que (**estar de férias/ aproveitar**) bem o tempo.

- e) Dum modo geral, a gente (**jogar futebol**) à tarde.

2. Escolha a alternativa correcta conforme o exemplo.

Ex: Quando há um casamento muita gente ...

gasta muito dinheiro. (X)

gastam muito dinheiro. ()

a) Quando faz mau tempo a gente ...

temos medo. ()

tem medo. ()

b) Muita gente não ...

conhece os programas de televisão. ()

conhecem os programas de televisão. ()

c) Eu vi tanta gente a ...

almoçar cedo. ()

almoçarem cedo. ()

IV – Concordância em Número em Orações Relativas

1. Complete as frases conforme o exemplo, realizando as concordâncias necessárias.

Ex: Aqueles que ... (estudar / passar de classe)

Aqueles que *estudam* *passam de classe*.

a) As escolas que ... (funcionar bem / preparar melhor os alunos)

b) Actualmente há muitas pessoas que ... (casar / e não pagar lobolo)

c) Esses chapas que ... (**estar a criar dificuldades / dever ser multados**)

d) O motivo que ... (**levar as pessoas a andar a pé / ser a falta de dinheiro**)

e) Quando estava doente, tive uma família amiga que... (**tratar-me muito bem**)

2. Escreva frases para as questões colocadas, conforme o exemplo.

Ex: Quem compreendeu o que o velho disse? (**pessoas / estar com atenção**)

As pessoas que estavam com atenção.

a) Quantas pessoas entraram no barco? (**todas as pessoas / estar à espera**)

b) O que fazem os alunos fora das horas de aulas? (**os trabalhos / o professor marcar**)

VIII – CONCORDÂNCIA DAS FORMAS DE TRATAMENTO DA 2ª PESSOA

1 – A NORMA PADRÃO EUROPEIA

Em Português, tal como acontece noutras línguas, a referência à segunda (2ª) pessoa realiza-se através de três classes de palavras: pronomes, nomes e verbos.

O sistema pronominal inclui os pronomes pessoais (*tu* e *vós*¹), os chamados “pronomes de tratamento” (Cunha & Cintra 1984) (*você(s)*, *o/a(s) senhor/a(s)*, *Vossa Excelência*, etc.), e ainda os pronomes possessivos que apresentam igualmente variação em pessoa.

O pronome *tu* requer o uso das formas que lhe estão associadas na 2ª pessoa do singular (ex. (1a)), e os pronomes de tratamento estão associados às formas da 3ª pessoa do singular ou plural (ex. (1b)). Exemplos:

- (1) a. Como é que **tu achas o teu** curso?
[2ª PES] [2ª PES]
- b. **Você sabe** fazer limpeza dentro da **sua** casa.
[3ª PES] [3ª PES]

Os nomes usados para a referência à 2ª pessoa são de tipos muito variados, e incluem os títulos (*doutor*, *engenheiro*, etc.) e os nomes próprios. Tal como os pronomes de tratamento, estes nomes estão associados às formas da 3ª pessoa Exemplos:

- (2) a. Gostaria que o senhor **engenheiro** **repondesse** primeiro.
[3ª PES]
- b. Não sei se o senhor **Sansão** **admite** isso.
[3ª PES]

¹ Este último caiu completamente em desuso em todas as variedades actuais do Português.

O sistema verbal permite fazer referência ao interlocutor através dos sufixos de pessoa, mesmo nos casos em que não são usados nem os pronomes nem os nomes como formas de tratamento. Os sufixos da 2ª pessoa do singular estão associados ao tratamento por *tu* (ex. 3a)), e os sufixos da 3ª pessoa são usados com as restantes formas de tratamento (ex. (3b)). Exemplos:

- (3) a. Hoje não **tens** boleia. (interlocutor = *tu*)
b. **Sabe** o que quer dizer? (interlocutor = *você, o/a senhor(a), etc.*)

2 – PORTUGUÊS ORAL DE MAPUTO

O principal desvio que ressalta no sistema de tratamento usado no POM é a neutralização das diferentes formas de que o Português europeu dispõe para o tratamento da 2ª pessoa. Assim, em primeiro lugar, verifica-se que co-ocorrem, numa mesma frase, e para fazer referência ao mesmo interlocutor, formas verbais flexionadas na 2ª pessoa do singular (que pressupõem o tratamento por *tu*) e a forma *você* (Ficha I). Exemplos:

- (4) a. **Podes** contar, eu estava pensando que **você** queria ofender. (= *pode*)
b. Se **arrancas** o salário, **você** vai passar mal.
(= *arranca*)

Embora com menos frequência, também se verificam casos em que o pronome de tratamento *senhor* co-ocorre com formas verbais flexionadas na 2ª pessoa do singular (Ficha I). Exemplo:

- (5) **Senhor, tens** que receber o fardamento. (= *tem*)

Como se pode ver nas frases (4), as formas verbais associadas ao pronome de tratamento *você* estão flexionadas na 3ª pessoa do singular, como prediz a norma europeia (cf. *você queria* e *você vai*). No *corpus*, contudo, embora menos frequentes, também ocorrem casos em que este pronome está associado à flexão verbal na 2ª pessoa do singular (ex. (6a)), assim como casos em que o pronome *tu* está

associado à flexão verbal na 3ª pessoa do singular (ex. (6b)) (Ficha I).
Exemplos:

- (6) a. **Você** é que **fizeste**? (= fez)
b. O que é que **tu conversa**? (= conversas)

Em consequência da neutralização das formas de tratamento, no POM verifica-se a co-ocorrência de formas da 3ª pessoa, equivalentes ao tratamento por *você/senhor*, e de pronomes pessoais e possessivos da 2ª pessoa (*te, ti* e *teu(s), tua(s)*) (Ficha II).
Exemplos:

- (7) a. **Você** desce de manhã, apanham-**te** com aquele ferro.
(=apanham-no)
b. **Você** não tinha nada que falar, não é **teu** irmão.
(= seu)

Na flexão do imperativo, observa-se igualmente uma neutralização das formas da 2ª pessoa, próprias para o tratamento por *tu* e por *você/o senhor(a)*. Assim, tanto podem co-ocorrer formas do imperativo da 3ª pessoa com formas da 2ª pessoa/*tu* (ex. (8a)), como podem co-ocorrer formas do imperativo da 2ª pessoa/*tu* com os pronomes de tratamento *você/o senhor(a)* (ex. (8b)) (Ficha III).
Exemplos:

- (8) a. **Fala, expressa-te** pá, não **seja** acanhada! (= sejam)
b. **Responde, senhora!** (= responda)

3 - FICHAS DE EXEMPLOS

FICHA I: Neutralização de formas de tratamento a nível da flexão verbal

- Acho que **podes** contar, eu estava pensando que **você** queria ofender. (= pode)
- **Falas, falas, você** tem a sua razão. (= fala)
- **Você** tem um marido, **hás-de** ter um marido. (= há-de)
- Se **arrancas** salário, **você** vai passar mal. (= arranca)

- Que **vais** fazer, se **voltar** a encontrar a ele?
(= vai... voltar/ vais... voltares)
- **Senhor**, **tens** que receber o fardamento. (= tem)
- **Sabes**, **Simões**, agora **namoras**, **você** apanha miudinhas aí...
(sabe... namora)
- Se **você** não tira, não entra também, **tens** que gastar. (= tem)
- **Você**, vai-te lixar, **ouviste?** (= ouviu)
- **Você** é que **fizeste**. (= fez)
- **Você**, quando **estavas** de férias, **foste** para Gaza. (= estava ... foi)
- **Você** **entraste** hoje às sete. (= entrou)
- O que é que **tu** **conversa?** (= conversas)

FICHA II: Neutralização de formas de tratamento a nível dos pronomes pessoais e possessivos

- Costumo ver **você** a pintar ali na **tua** casa. (= sua)
- **Você** há-de ter o **teu** lar. (= seu)
- **Você** desce de manhã, apanham-te com aquele ferro.
(= apanham-no)
- **Você** não tinha nada que falar... não é o **teu** irmão. (= seu)
- **Podes** reabilitar da **sua** maneira, não é? (= à tua)
- **Diga** lá, isso seria vergonhoso para **ti?** (= diz...ti/ diga...si)
- Hoje como é que **te** **sentes**, depois que **você** **teve** esse problema?
(= se sente... você teve/te sentes... tu tiveste)
- Como é que **soube** que tinha que tomar, alguém **te** disse?
(= soubeste...te/soube...lhe)
- **Você** tem duas mulheres na **tua** casa. (= sua)
- O meu pai anda a queimar tempo à **tua** espera, **você** esteve a queimar tempo comigo à espera dele. (= sua)
- Ó pá, o **teu** marido não **te** matou e agora **você** matou o **teu** marido. (= tu mataste)
- **Você**,vai-te lixar, ouviste? (= vá-se)
- Responde, **senhora**, deixa de rir, essa **tua** avó é muito maluca.
(= sua)
- **Senhora**, dê **teus** filhos. (= seus)
- Quando **te** vê **você** a comer pão, também quer comer pão.
(= o vê a você)
- Acabam **te** chamando nomes, que **você** é sanguessuga. (= lhe)

- **Você** vai, mandam-te ir numa montanha. (= mandam-no)
- Quem é esse **seu** irmão que está longe de **ti**? (= seu...si/teu...ti)
- O que é que **tu** projectas para os **seus** estudos? (= teus)
- Esta é a casa dos **seus** pais, nem é a **tua** casa.
(= teus...tua/seus...sua)

FICHA III: Flexão do imperativo

- **Diga, estás** ou não? (= diz)
- **Fala! expressa-te** pá, não **seja** acanhada. (= seja)
- **Você, vai-te** lixar, ouviste? (= vá-se)
- **Responde, senhora!** (= responda)
- **Tenhas** calma então. (= tem)

4 - EXERCÍCIOS

I - Neutralização de formas de tratamento a nível da flexão verbal

1. Preencha os espaços em branco, conjugando, correctamente, as formas verbais indicadas. Siga o exemplo apresentado.

Ex: Você vai a Manica, se não gastar o dinheiro das férias.
(gastar)

- a) Você vai passar mal porque _____ o salário dele.
(tirar)
- b) Senhor Director, _____ os documentos para o contrato? (ter)
- c) Acho que você _____ contar a verdade, se encontrar o Júlio. (poder)
- d) Quando você estava de férias, _____ a Gaza? (ir)
- e) Se você tentar outra vez, _____ passar no exame.
(conseguir)

2. Complete as frases, conjugando o verbo indicado, conforme o exemplo.

Ex: - Estou com dores de cabeça.

- Tomou o seu medicamento? (tomar)
- Ligaste o teu rádio muito alto? (ligar)

- a) - Não estou a compreender esse problema.
 - _____ concentrado nos teus apontamentos? (estar)
 - _____ que eu lhe explique novamente? (precisar)

- b) - Tive negativa no teste de Inglês.
- _____ de estudar melhor os verbos com o teu colega. (**ter**)
- _____ de escrever os verbos no seu caderno. (**necessitar**)
- c) - A comida para o almoço queimou-se.
- _____ sem teres atenção. (**cozinhar**)
- _____ muito, enquanto cozinhava cone a sua amiga. (**falar**)
- d) - Não consegui terminar a corrida.
- _____ treinar-te durante mais tempo. (**dever**)
- _____ que é fácil você correr 500 metros? (**julgar**)

3. Use as palavras indicadas e faça perguntas correctas, considerando o modelo dado

Ex: – Ir com ele ao espectáculo? (**você**)

- *Vai* com ele ao espectáculo?

a) **Ir** sair à noite ou **ficar** em casa? (**tu**)

b) **Precisar** de comprar peixe para o jantar? (**o senhor**)

c) **Saber** a que horas é a reunião? (**você**)

d) **Voltar** hoje da Manhã ou **ficar** até amanhã? (**tu**)

e) **Ouvir** o noticiário da RM ou **ver** o telejornal da TVM ?
(você)

f) **Viver** em Maputo ou **estar** cá de férias? (a senhora)

II – Neutralização de formas de tratamento a nível dos pronomes pessoais e possessivos

1. Seleccione uma das formas dadas e preencha os espaços em branco, segundo o exemplo.

Ex: – Como se sente, depois que teve aquela infecção?
(te/se)

a) - Diga lá, senhor João, isso não foi uma atitude vergonhosa para _____? (ti / si)

b) - Quem _____ disse que tinha de tomar o comprimido?
(te / lhe)

c) - Senhor professor, alguém _____ deu o número do meu telefone? (te / lhe)

d) - Qual dos seus irmãos está longe de _____ ? (ti / si)

e) - Eu escrevo-_____, quando encontrar o seu documento.
(te / lhe)

2. Complete as frases iniciadas e escreva-as correctamente, seguindo o exemplo.

Ex: – Costumo ver-te a pintar na ... (tua / sua casa)

- Costumo ver-te a pintar na tua casa.

a) - A sua filha mais velha já tem o ... (teu / seu, lar?)

b) - Já tens planos para o ... (teu / seu, futuro?)

c) - Minha senhora, dê cumprimentos à ... (tua/ sua, irmã)

d) - Senhor Jossias, posso mexer nas ... (tuas / suas, gavetas?)

e) - Senhora, dê estes bolos aos ... (teus / seus, filhos)

3. Corrija, as frases apresentadas, mantendo a parte sublinhada. Volte a escrevê-las correctamente, seguindo o modelo.

Ex: – Senhor Joaquim, isto é mau para si e para toda a tua família.

- Senhor Joaquim, isto é mau para si e para toda a sua família.

a) - Alguém **te** perguntou se os seus irmãos vivem aqui?

b) - Podes reabilitar o carro à **sua** maneira.

c) - Depois de **você** ter aquele problema, como é que te sentes?

d) - Para **si** comprei as tuas revistas preferidas.

e) - O que é que **tu** projectas para o seu filho?

III - Flexão do Imperativo

1. Conjugue o verbo indicado no imperativo e preencha os espaços em branco, seguindo o modelo.

Ex: Diz, estás logo à noite em casa? (**dizer**)

a) - Fale! _____ depressa, não _____ acanhada.
(**responder ; ser**)

b) - Cala-te e _____ já para as aulas. (**ir**)

c) - _____ isso à sua mãe. (**perguntar**)

d) - Professor, _____ calma e _____ alguns minutos.
(**ter; descansar**)

e) - Não _____ medo de falar sobre a tua vida. (**ter**)

2. Construa frases correctas, de acordo com o exemplo apresentado.

Ex: Sair da sala de aulas, imediatamente. **(tu)**

- *Sai* da sala de aulas, imediatamente!

a) Comprar dois quilos de farinha de trigo no supermercado.
(você)

b) Procurar o número do telefone da Orlanda. **(o senhor)**

c) Entrar em contacto com a Olga, urgentemente. **(tu)**

d) Cozinhar caril de amendoim para o jantar. **(as senhoras)**

e) Limpar as escadas do prédio. **(você)**

3. Siga o exemplo dado e dê alguns conselhos úteis, conforme as instruções.

Ex: O seu irmão mais novo vai à praia com os amigos.

. **não (ficar / tu) sozinho em lugares isolados**

- *Não fiques* sozinho em lugares isolados.

. **(beber / tu) muita água por causa do sol**

- *Bebe* muita água por causa do sol.

a) O seu amigo vai fazer uma longa viagem de carro.

. **não (conduzir/ tu) com muita velocidade.**

. **(parar/ tu)** de vez em quando para descansares.

- b) A sua mãe está com malária.
. **(ter que fazer / a senhora)** análises.

. não **(sair / a senhora)** da cama,

- c) O seu avô ligou o rádio muito alto.
. não **(ligar / o senhor)** o rádio tão alto.

. **(Poder / o senhor)** baixar o volume ?

- d) Um jovem na rua pede-lhe para indicar onde fica o Hospital.
. **(dar a volta / você)** ao quarteirão e depois **(virar / você)** à esquerda.

. não **(ir / você)** em frente **(virar/ você)** à esquerda.

- e) O Júlio partiu a chave de casa e não pode entrar.
. **(pedir / tu)** ajuda aos vizinhos.
-

. não (**estragar** / **tu**) a porta.

GUIA DE CORRECÇÃO

I – ARTIGO

I – Omissão dos artigos com substantivos

1. a) um telefonema; b) A casa do meu irmão; c) a escolinha;
d) os fins-de-semana; e) O seu carro
2. a) Vou abrir uma machamba para produzir arroz.
b) Vamos passar o fim-de-semana na Namaacha.
c) Ensinaram os meus filhos a jogar futebol.
d) Quando se desliga a energia você pode mexer nos fios.
e) Ontem ouvimos a notícia pela rádio.

II – Expressões locativas e temporais

1. a) Entre a; b) no Norte; c) Dentro da; d) Em; e) para a
2. a) da; b) A partir dos; c) em; d) da; e) ao; f) A partir de; g) Nos
3. a) Prefiro viver em Maputo.
b) Esta manhã fui para o quartel.
c) Faço a entrevista nos meus tempos livres.
d) Durante o intervalo fiquei dentro da sala.
e) Passei o Natal na Beira.

III – Uso genérico dos substantivos, sem artigo

1. a) suínos; b) sacos; c) bois; d) problemas; e) rapazes
2. a) A minha filha está a fazer maldades.
b) Naquela loja comprei sementes.
c) O Pedro trouxe ofertas para os irmãos.
d) No envelope havia selos.
e) A senhora tem coisas no saco.
3. a) abelhas; b) lulas; c)'presentes; d) rapazes, raparigas; e) sacos

II – PRONOMES INDEFINIDOS

1. a) todos os; b) todo o; c) todas as; d) Toda a; e) todas ás
2. a) ... todos os dumba-nengues. b) Todas as pessoas ...
c) ... toda a matéria. d) Todo o trabalho realizado ...
e) ... todas as instalações.
3. a) Não tinha ninguém para me ajudar.
b) Eles não chamaram ninguém para os apoiar.
c) Não conhecemos ninguém com quem conversar.
d) Não tenho ninguém para me sustentar.
4. a) ... todo o dinheiro roubado.
b) ... todo o mês.
c) ... todo o ano pensei nas férias.
d) ... todo o dinheiro a pintar a casa.
5. a) Uns ficaram na sala, outros na varanda.
b) Umas vieram de Boane, outras da Matola.
c) Um está na sexta, outro na sétima.
d) Um era polícia, outro era ladrão.
e) Uns guardei no armário, outros em cima da mesa.
6. Todas as; Umas; outras; toda a; ninguém; ninguém

III – PRONOMES PESSOAIS

I – Uso da estrutura "Prep + Pronome Pessoal Tónico" em vez das formas átonas do objecto indirecto

1. a) Conhecem-nos? b) A tia veio buscá-la.
c) Os pais querem-nos bem educados.
d) Aquela moça ama-o. e) Os trabalhadores vão convencê-lo.
2. a) Eu conheço-o. b) Os pais preocupam-se em educá-los.
c) Vi-os no casamento. d) Como estava a chover levaram-na ...
e) O nadador foi buscá-la ...

II – Uso dos Pronomes Pessoais Átonos objecto indirecto em vez das formas átonas do objecto directo

1. a) viu-a; b) as leva; c) chamou-o; d) chumba-os; e) a abandonou

2. a) ... conhecê-lo ... b) ... convencê-los... c) ... deixá-la ...
d) ... vestiram-na ... e) ... ofendê-lo.

3. a) ... aconselhá-lo ...b) ... deixa-os ...c) ... para a ajudar ...

III – Uso do Pronome Pessoal Tónico ele(s)/a(s) em vez das formas átonas do objecto directo

1. a ver; encontraram-na; ouviram-na; tirá-las

2. a) ... tirou-o... b) ... vê-la ... c) ... ouvi-los...

IV – Uso da "Prep+Pronome Pessoal Tónico" em vez das formas átonas do objecto indirecto

1. a) Ele disse-lhes ... b) ... dar-me ... c) ... diz-me ... d) Perguntei-lhe ...

2. a) Pergunta-lhe porque não veio buscar o troco.
b) Fizeram-me andar a pé. c) Vamos ajudá-las.

V – Uso da Ênclise em construções de subordinação

1. a) ... ela nos ensina? b) ... se tem dito. c) ... lhes aparece primeiro.
d) ... se casam ...e) se devem ...

2. a) Eles dizem que as cumpriram.
b) Eles dizem que a ajudaram.
c) Eles dizem que se arrependeram da decisão.
d) Eles dizem que te podiam ajudar.

3. a) Quando ela se virou para o quadro, o aluno levantou-se.
b) Cheguei tarde à festa porque o meu pai me chamou para falar das notas.
c) Para se conseguir peixe fresco é preciso conhecer os pescadores.
d) Quando ele me dá conselhos, eu aceito.
e) Antigamente os noivos conheciam-se melhor porque se namorava mais tempo.

4. a) ... se vai organizar uma excursão na escola.
b) ... se tem de ir devagar.
c) ... se conseguir arranjar emprego.
d) ... se estejam a preparar bem para os exames.
e) ... virem visitar-me.
5. ...tem que se deslocar; se deve criar; se aboliu; me matriculei; senti-me mal; se conseguir

VI - Uso da ênclise em construções com advérbios de negação e operadores em posição pré-verbal

1. a) I – ... não me deixavam ...;
b) I – Nunca procurei informar-me;
c) I – ... até se esquecem...;
d) C ;
e) I – ... não se vai sentir.../ ... não vai sentir-se ...;
f) C;
g) C;
h) C ;
i) I – ...sempre me informavam;
j) I – Não te vais orgulhar.../ Não vais orgulhar-te...;
k) I – ...se está a passar/ está a passar-se;
l) I – ... não nos podemos queixar.../ ...não podemos queixar-nos...;
m) I – Nunca me vou esquecer.../ Nunca vou esquecer-me...
2. a) Não te posso ajudar / Não posso ajudar-te;
b) Nunca me vou esquecer desta amizade / Nunca vou esquecer-me desta amizade;
c) Ele não se vai sentir bem / Ele não vai sentir-se bem;
d) Eu não me posso considerar profissional / Eu não posso considerar-me profissional;
e) Eu nunca me procurei informar dos horários / Eu nunca procurei informar-me dos horários.
3. a) ... me vou embora;
b) ... te vais defender das acusações / vais defender-te das acusações;
c) ... te vai ver / vai ver-te cantar;
d) ... me ria com a colega de carteira;
e)... se pode comprar pão a preço baixo / pode comprar-se pão...

VII – Colocação do Pronome Pessoal com Perífrases Verbais

1. a) ... devem-se preparar... / devem preparar-se...
b) ... vou-me despedir... / vou despedir-me...
c) ... podia organizar-se ... / ...podia-se organizar...
d) ... estão a verificar-se .../ estão-se a verificar...
e) Estava a contar-lhe ...
f) ... vai-nos proibir .../ ... vai proibir-nos,g) ... pode-se ver.../ ... pode ver-se...
2. a) ... ia fazer-lhe ...
b) ... irei responsabilizar-me ...
c) ... nos tivessem ensinado...
d) ... começar a proibir-te ...
e) ... perseguir-me.

IV – ORAÇÕES INTEGRANTES

I – Regência por preposição

1. a) que; b) que ; c) que; d) que; e) que
2. a) ... que tu viesses de férias.
b) ... que o homem não está cansado.
c) ... que fosses no mesmo avião.
d) ... que todos tivessem o livro.
e) ... que os filhos ficassem em casa.

II – Encaixe do discurso directo

1. a) O colega pediu: "Empresta-me a tua caneta."
b) O professor propôs: "Vamos resolver este exercício."
c) O Director Pedagógico afirmou: "Este ano vamos ter carteiras novas."
d) O polícia lamentou: "Aquele carro foi roubado."
e) O Joel disse: "A bicicleta não está em boas condições."
2. a) Eles pediram: "Tragam o T.P.C. resolvido."
b) As pessoas responderam: "Não costumamos ouvir o noticiário."
c) O pai disse ao filho: "Já não vais a tempo para a escola."
d) Na reunião, o director informou: "Os preços vão aumentar."

e) O general confirmou: "Nós devemos actuar assim."

III – Ausência de introdutor de subordinação

1. a) ... que essa criança não apanhou tétano.
b) ... que todos os alunos vão ao Museu, amanhã.
c) ... que os amigos tragam a cassete, à tarde.
d) ... que o melhor trabalho é da Laura.
e) ... que o seu jornal de turma está bem organizado.
2. a) Ele não acredita que os salários subam este mês.
b) Nós pensamos que agora é mais difícil resolver os problemas.
c) Tu supões que eles estão na pastelaria.
d) O pai descobre que os filhos não vão à escola todos os dias.
e) Nós queremos que as nossas crianças aprendam sempre mais.

V – ORAÇÕES RELATIVAS

1. a) onde; b) que; c) onde; d) Onde; e) que
2. a) A sala onde ele trabalha é pequena.
b) O jovem que vimos ontem é simpático.
c) Os alunos cujas notas não constam na pauta reprovaram por faltas.
d) Trabalho numa empresa na qual é preciso ter muitos conhecimentos.
e) Há muitos jovens a conduzir sem carta de condução, o que provoca muitos desastres.
f) A aldeia, em que os meus amigos vivem, é pequena.
g) O tema de que estamos a falar é música.
h) Esse é um ponto de vista com que eu não concordo.
i) Esta é a maneira de vestir a que estou habituada.
j) Aquela é a amiga de quem te falei ontem.
3. a) ... onde a gente dorme.
b) ... em que vai haver reunião.
c) ... que estava bem organizada.
d) ... o que os pais não admitem.
e) ... em que não há chapa os trabalhadores chegam tarde ao serviço.
f) ... de que te falei ontem está caro.
g) ... a quem estou mais ligado.
4. que; onde; em que; de que; o que

VI – CONCORDÂNCIA NOMINAL

I – Concordância do adjetivo em gênero

1. a) propostas;
b) parálitica;
c) boa;
d) gordinhas;
e) aprofundadas
2. a) casado;
b) boas;
c) rodoviária;
d) antigo;
e) sozinhas
3. a) A criança voltou da província educada.
b) A vida está pesada ultimamente.
c) Falei com o professor chamado Luís.
d) Os artistas foram ao Chongoene sozinhos.

II – Concordância dos artigos e pronomes em gênero

1. a) meus; b) aquele; c) nossas; d) O; e) quantas
2. a) ... o meu primeiro mestre.
b) ... quantos anos eu tinha.
c) ... os meus familiares.
d) ... aqueles jornais interessantes.
e) ... um problema familiar.
3. a) Quantas; b) Um; c) Os meus; d) Aquelas; e) nossas

III – Flexão do nome em número

1. a) irmãs; b) senhores; c) contos; d) filha; e) professores

IV – Concordância dos adjetivos, pronomes e artigos em número

1. a) aquelas; b) as; c) juntos; d) sozinhos; e) baixos; f) Aqueles

2. a) Aqueles jovens têm um bom método para estudar.
 b) As campanhas de alfabetização têm bons resultados.
 c) Os alunos e os professores aproveitam a oportunidade para virem juntos.
 d) O produto está acumulado nos armazéns.
 e) Esses machimbombos ajudam muito a população de Maputo.

V – Concordância do pronome pessoal em gênero e número

1. a) dele; b) lhe; c) deles; d) lhes
2. a) O carro dele está na oficina.
 b) Quem veio com estas pessoas foi o cão delas.
 c) Sim. Ela é a melhor amiga da Alice.
 d) A professora gosta das suas alunas, porque elas são educadas.
 e) Resolvi o problema de Matemática com ele.
3. a) dele; b) Ele; c) lhes; d) delas

VII – CONCORDÂNCIA VERBAL

I – Concordância em Pessoa

1. a) Eu tenho cinco filhos.
 b) Eu vou para Inhambane de chapa.
 c) Eu já fui ao Xai-Xai três vezes.
 d) Nós entrávamos na escola às dezassete.
 e) Eu não posso ficar.
2. a) trabalho; tenho; b) Tirei; c) Baixou; d) gostava; e) Gosta; trabalha;
 f) Vou; g) cresceu
3. a) pode; tem; b) vivo; c) conhecem;dão-se; d) moram; se encontra;
 e) fica; f) é; g) vou;

II – Concordância em número

1. faz; estudarmos; compreendem; gostam; se preocupam; falo; aparecem;
 são; marcam; controla; terem; penso; devem; vão

2. a) ... estão normais. b) ... são fundamentais. c) ... não respeitam ...
d) ... chegam atrasados ... chegam ... e) ... conseguem saber ...
3. a) ... hão-de vir mais tarde.
b) ... trabalham em conjunto.
c) ... são arbitrários.
d) ... são dominantes os macuas.
e) ... não duram muito.
f) ... só gostam dos pais quando precisam.
g) ... quando chegam os convidados.

III – Concordância em número com Sujeitos Colectivos

1. a) ... gosta de falar ... b) ... estava a viver ... c) ... chumba ... estuda.
d) ... está de férias; aproveita ...e) ... joga ...
2. a) ... tem medo. b) ... conhece os programas de televisão.
c) ... almoçar cedo.

IV – Concordância em número em Orações Relativas

1. a) ... funcionam bem preparam melhor os alunos.
b) ... casam e não pagam lobolo.
c) ... estão a criar dificuldades devem ser multados.
d) ... leva as pessoas a andar a pé é a falta de dinheiro.
e) ... me tratou muito bem.
2. a) Todas as pessoas que estavam à espera.
b) Os trabalhos que o professor marca.

VIII – CONCORDÂNCIA DAS FORMAS DE TRATAMENTO DA 2.^a PESSOA

I – Neutralização de formas de tratamento a nível da flexão verbal

1. a) tirou; b) tem; c) pode; d) foi; e) consegue
2. a) Estás; Precisa; b) Tens; Necessita; c) Cozinhaste; Falava;
d) Deves; Julga

3. a) Vais sair à noite ou ficas em casa?
 b) Precisa de comprar peixe para o jantar?
 c) Sabe a que horas é a reunião?
 d) Voltas hoje da Manhica ou ficas até amanhã?
 e) Ouve o noticiário da RM ou vê o telejornal da TVM?
 f) Vive em Maputo ou está cá de férias?

II – Neutralização de formas de tratamento a nível dos pronomes pessoais e possessivos

1. a) si; b) lhe; c) lhe; d) si; e) lhe
2. a) ... seu lar?;
 b) ... teu futuro? ;
 c) ... sua irmã!;
 d) ... suas gavetas?;
 e) ... seus filhos!
3. a) – Alguém te perguntou se os teus irmãos vivem aqui?
 b) – Pode reabilitar o carro à sua maneira.
 c) – Depois de tu teres aquele problema, como é que te sentes?
 d) – Para si comprei as suas revistas preferidas.
 e) – O que é que tu projectas para o teu filho?

III – Flexão do Imperativo

1. a) Responda, seja; b) vai; c) Pergunte; d) tenha; descansa; e) tenhas
2. a) – Compre dois quilos de farinha de trigo no supermercado!
 b) – Procure o número do telefone da Orlanda!
 c) – Entra em contacto com a Olga, urgentemente!
 d) – Cozinhe caril de amendoim para o jantar!
 e) – Limpe as escadas do prédio!
3. a) – Não conduzas com muita velocidade!
 – Pára de vez em quando, para descansares!
 b) – Tem que fazer análises!
 – Não saia da cama!
 c) – Não ligue o rádio tão alto!
 – Pode baixar o volume!
 d) – Dê a volta ao quarteirão e depois vire à esquerda!
 – Não vá em frente, vire à esquerda!
 e) – Pede ajuda aos vizinhos!
 – Não estragues a porta!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cunha, C., & Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.

Gonçalves, P. (1997). Tipologia de “Erros” do Português Oral de Maputo: um Primeiro Diagnóstico. In Stroud, C., & Gonçalves, P. (Orgs.), *Panorama do Português Oral de Maputo, Volume II - A Construção de um Banco de “Erros”* (pp. 37-70). Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, Caderno de Pesquisa nº 24.

Gonçalves, P. (1990). *A Construção de uma Gramática do Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa (não publicado).

Mateus, M.; Brito, A.; Duarte, I.; & Faria, I. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

Nhampule, A. (1996). Análise do “Erro” Sintático na Colocação do Pronome Pessoal Átono. Maputo, ms.

Peres, J., & Mória, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.